

Discípulos **MODERNOS**

O desafio de Cristo para cada membro da igreja

Russell Burrill

Instituto de Evangelismo da Divisão Norte-Americana

Tradução

Ellen Mary T. B. de Franco

Casa Publicadora Brasileira

Tatuí, São Paulo

Título do original em inglês:
RADICAL DISCIPLES

*Direitos de tradução e publicação em
língua portuguesa reservados à*

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP
Tel.: (15) 3205-8800 – Fax: (15) 3205-8900
Atendimento ao cliente: (15) 3205-8888
www.cpb.com.br

2ª edição
2ª impressão – 3 mil exemplares
Tiragem acumulada: 24.5 milheiros
2009

Editoração: Zinaldo A. Santos e Rubem M. Scheffel
Projeto Gráfico: Sandra Ferreira Barbosa
Programação Visual: Cleber Rogerio Marchini
Capa: Marcos S. Santos
Foto de Capa: Alicia Jo McMahan

IMPRESSO NO BRASIL/*Printed in Brazil*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Burrill, Russell
Discípulos modernos : o desafio de Cristo para
cada membro da Igreja / Russell Burrill ;
tradução Ellen Mary T. B. de Franco. — Tatuí,
SP : Casa Publicadora Brasileira, 2006.

Título original: Radical disciples.

1. Adventistas do Sétimo dia – Doutrinas
2. Discipulado 3. Evangelismo 4. Igreja – História –
Igreja primitiva 5. Ministério leigo – Igreja
Adventista do Sétimo Dia I. Título.

06-4202

CDD-262.156732

Índices para catálogo sistemático:

1. Ministério leigo : Igreja Adventista do
Sétimo Dia : Cristianismo 262.156732



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial,
por qualquer meio, *sem prévia autorização escrita* do autor e da Editora.

Tipologia: Palatino Lt Std Light 10.8/16.3 – 9111/20474 – ISBN 85-345-0992-1

Sumário

Prefácio	5
1. A grande comissão	10
2. O que é um discípulo?	22
3. Missão no Novo Testamento	41
4. O que fazemos?	64
5. A base da missão adventista	69
6. O alvo da missão adventista	76
7. Doutrinas produzem discípulos	84
8. Uma estratégia evangelística adventista	98
9. Epílogo	111
10. Guia de estudos	113



Prefácio

A resposta positiva ao meu livro *Revolução na Igreja*, no território da Divisão Norte-Americana foi gratificante. Desde sua publicação, perguntas têm chegado a mim, de toda a Divisão, com relação a que tipo de membro é necessário para levar adiante os conceitos encontrados no livro. Igrejas em toda a Divisão têm estudado como podem implantar essas idéias. Associações inteiras estão explorando a possibilidade de mudar nessa nova direção.

Contudo, essa não é realmente uma direção nova – pois ela é tão antiga quanto o próprio Novo Testamento. A igreja gerada pelo Espírito Santo, em 31 a.D., ainda está sendo renovada por esse mesmo Espírito Santo em pleno século 21. Deus está constantemente tentando renovar Sua igreja através do Espírito para que ela possa cumprir a missão de Cristo.

Enquanto as igrejas começaram a explorar o modelo de ministério leigo, como foi defendido no livro *Revolução na Igreja*, foi ficando claro que um novo entendimento do termo *discipulado* se faz necessário. Para muitos cristãos hoje, a frase *discípulos de Jesus* simplesmente refere-se àqueles que deram sua vida para Cristo, são fiéis na frequência à igreja e são liberais em ofertar. Porém, esse não é o conceito de discipulado que encontramos no Novo Testamento. Ser um cristão do Novo Testamento realmente significa viver uma vida de discipulado radical – um conceito completamente estranho à maioria das igrejas adventistas na América do Norte hoje.

Precisamos realizar duas coisas se desejamos implantar o mode-

lo de ministério leigo. Primeiro, precisamos mudar a maneira de pensar dos membros atuais. O estilo de vida do adventista nominal hoje é de relaxar e assistir – de freqüentar e pagar. Tudo isso deve mudar, conforme argumentei no livro *Revolução na Igreja*. Entretanto, mudar esse estilo de vida, da passividade à atividade, não será fácil. A mudança ocorrerá lentamente. É necessário haver uma reeducação em massa do ministério seguindo o modelo do Novo Testamento, e novos modelos e exemplos de cristãos ativos precisam ser criados.

A segunda parte desse processo é uma reavaliação de como “fazemos evangelismo”. Se estivermos verdadeiramente comprometidos com um novo estilo de membros, então todos os que se unirem à nossa igreja devem saber, desde o início, que o plano de Deus para eles é que se tornem discípulos ativamente envolvidos no ministério. Na prática, isso significa que podemos ter que exigir mais de membros novos do que dos membros antigos. Candidatos ao batismo terão que ser instruídos no discipulado como parte da preparação batismal. Terão que estar comprometidos a viver como discípulos radicais de Jesus, mesmo que seu novo estilo de vida difira daquele dos membros antigos. Não devemos permitir que os novos membros apenas adquiram uma compreensão intelectual das doutrinas da igreja.

Realmente, pode ser mais fácil envolver os novos membros no processo de mudança do que mudar os membros antigos. Conseqüentemente, há grande chance de que passem a existir dois tipos de membros na igreja: os que se tornaram discípulos verdadeiros, e os que estão presos no estado de inatividade laodiceana. Será um grande desafio para igrejas revolucionárias ajudarem os novos membros a não serem levados pela onda de laodiceanismo, e, ao mesmo tempo, não se tornarem críticos daqueles que se encontram nessa condição. Não será fácil manter os dois grupos na igreja durante esse período de transição. Certamente, isso requererá liderança positiva e paciência por parte da

igreja. À medida que mais pessoas se juntarem às fileiras dos discípulos radicais, os membros mais antigos visualizarão o significado desse discipulado. Uma vez que 25% dos membros ativos estejam envolvidos no discipulado radical, o processo de transformação será acelerado.

Este livro tem três propósitos:

1. Estabelecer completamente o discipulado como objetivo do processo evangelístico.
2. Definir biblicamente o discipulado.
3. Examinar o processo evangelístico.

Também espero oferecer sugestões sobre como criar discípulos, em vez de simples membros de igreja, ao evangelizarmos. Minha sincera oração é que, ao avançarmos pelo século 21, surja um novo modelo de adventista – completamente sintonizado com o Espírito Santo e autorizado por Ele para cumprir a missão de Cristo.

Para alcançar esse propósito, este livro também analisará seriamente a missão da igreja, segundo a perspectiva do Novo testamento. Na primeira parte do livro, examinaremos cuidadosamente a Grande Comissão dada por Jesus, como base para entendermos nossa missão. Depois, também examinaremos as três mensagens angélicas, como interpretação da Grande Comissão para os últimos dias.

Discussões com pastores hoje revelam certa confusão sobre o lugar do batismo no processo evangelístico. Muitos estão sugerindo que o principal foco da Grande Comissão é trazer pessoas à aceitação de Jesus como Salvador. Dentro desse grupo, existe uma tendência a despreocupar-se quanto a trazer pessoas para se tornarem membros da Igreja Adventista, contanto que sejam trazidas a Cristo. Doutrina e filiação à igreja devem, portanto, estar separadas. Alguém poderia ser trazido ao discipulado de Cristo sem se tornar membro da igreja, ou mesmo sem ser instruído nas doutrinas bíblicas.

Obviamente, essa abordagem tem sérias conseqüências sobre o

modo adventista de “fazer” evangelismo. No passado, víamos a ordem bíblica incluir os dois processos: trazer pessoas a Cristo e, também, à condição de membro. Isso era visto como um processo contínuo e inseparável. Portanto, nossas estratégias evangelísticas se centralizaram mais em apresentações doutrinárias, em vez de na tradicional abordagem evangelística de levar pessoas à fé inicial em Cristo. O evangelismo não tem negligenciado pregar a fé em Cristo. Na verdade, tal pregação tem tido forte ênfase nos últimos anos. Todavia, as séries evangelísticas adventistas geralmente são maiores do que as realizadas por outros evangélicos, porque temos sentido que é necessário ensinar nossas doutrinas como parte do processo.

Em nosso exame do Novo Testamento e da missão que nos foi ordenada por nosso Senhor, tentaremos descobrir se a apresentação doutrinária deve fazer parte do evangelismo ou se devemos manter a separação dos dois conceitos. Donald McGavran, fundador do movimento de crescimento da igreja moderna, os separou. Para ele, a missão de Cristo envolvia o que chamou de “discipular”. Além disso, havia também a obra de “aperfeiçoar”. “Discipular” era definido como “o ato de trazer a Cristo”; e “aperfeiçoar”, como “ensinar as pessoas a viverem como cristãos. McGavran observou que a igreja estava se especializando em “aperfeiçoar” e gastando pouco tempo em “discipular”. Por isso, ele insistiu para que a igreja se especializasse em “discipular”, e não se preocupasse tanto com “aperfeiçoar”.

As intenções de McGavran eram boas – ele tinha um sincero desejo de ver mais pessoas serem trazidas a Cristo. Contudo, sua restrita definição de “discipular” fez com que muitos deixassem de se preocupar em trazer as pessoas a um discipulado radical com Jesus. Em vez disso, a ênfase tem sido apenas levá-los à aceitação de Cristo. Pouca ênfase tem sido dada ao “aperfeiçoamento” de McGavran. Conseqüentemente, muitos cristãos não têm crescido em Cristo, mas têm permanecido no estágio embrionário.

Muitos pastores adventistas que foram influenciados pelo movimento de crescimento da igreja, inconscientemente entraram na compreensão sem base bíblica de McGavran sobre discipulado. Conquanto o movimento de crescimento da igreja tenha trazido bons resultados na igreja adventista, devemos tomar cuidado para não aceitar conceitos que não são bíblicos. Portanto, este livro examinará a ordem de Cristo, definindo cuidadosamente o discipulado, e desenvolvendo um modelo bíblico de missão e uma metodologia evangelística bíblica que capacitarão a igreja a realmente cumprir sua missão.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia deve avançar o século 21 com maior comprometimento em relação à sua obra inacabada de levar o evangelho eterno ao mundo inteiro. Tendo dito isso, devemos nos lembrar que o cumprimento da missão de Cristo não ocorrerá pelo simples emprego da metodologia correta. De maior importância é nossa dependência do poder do Espírito Santo, para convencer e converter o coração. Conquanto o Espírito Santo possa fazer discípulos com uma metodologia fraca, este autor crê que quando a igreja empregar uma metodologia compatível com a missão de Cristo, nossos membros receberão muito mais poder através do Espírito Santo.



A grande comissão

“Seguiram os onze discípulos para a Galiléia, para o monte que Jesus lhes designara. E quando O viram, O adoraram; mas alguns duvidaram. Jesus, aproximando-Se, lhes falou, dizendo: ‘Toda a autoridade me foi dada no Céu e na Terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século.’”¹

Assim terminou a jornada terrestre de nosso Senhor, de acordo com o relato de Mateus sobre Sua vida. Inerente a essa última declaração de Cristo está a comissão entregue a Seus discípulos. Aqui Jesus prepara o terreno para tudo o que ainda está para acontecer com a igreja infante que Ele estabeleceu.

A Grande Comissão permanece como a “Carta Magna” da igreja cristã – a razão de sua existência. É chamada de a “Grande Comissão” por causa da magnitude do mandato. É totalmente abrangente. Frederick Bruner nota cinco “todos” que formam a Grande Comissão: “Toda autoridade”, “todas as nações”, “em nome [de toda a Trindade]”, “todas as coisas que vos tenho ordenado”, “estou convosco todos os dias”.² É o impressionante alcance desses “todos” que deu o merecido nome de “grande” a essa comissão.³

A cena na encosta da montanha lembra uma cena similar ocorrida cerca de quinze séculos antes, quando Jeová reuniu como nação, no monte Sinai, os recém libertados escravos. Lá, Deus falou e comissio-

nou Israel para ser Seu povo e ouvir Sua lei. Agora, Jesus está prestes a comissionar o novo Israel.

Na montanha da comissão, o Jesus ressuscitado aparece aos discípulos, assim como Mateus registrou que Ele aparecera às mulheres. Não necessariamente para provar que ressuscitou, mas com o propósito de revelar que Sua condição de “ressuscitado” Lhe dá autoridade para emitir a comissão (Mat.28:18). O fato de que Jesus ressuscitou dos mortos dá uma força tremenda à comissão que Ele está prestes a comunicar a Seus incrédulos discípulos.

INCRÉDULOS E A GRANDE COMISSÃO

Essa nova visão de Jesus com autoridade leva os discípulos a se inclinarem em adoração a Ele. Contudo, é impressionante o fato de Mateus 28:17 indicar que ainda havia alguns incrédulos entre esses discípulos. Nem todos estavam prontos para adorar. Obviamente, não foi só Tomé que duvidou da ressurreição do Senhor; outros dos onze ainda duvidavam, no dia em que a Grande Comissão foi dada. Porém, sua dúvida não evitou que Jesus a compartilhasse com eles. Na verdade, o texto chega a indicar que a Comissão foi dada para discípulos incrédulos.

Alguns de nós que ainda temos algumas dúvidas sobre Jesus, hoje, somos enviados a fazer discípulos. Ao obedecermos à ordem, as dúvidas se dissiparão. Aqui, talvez indiretamente, Jesus está sugerindo que a melhor maneira de remover a dúvida é estarmos ocupados em fazer discípulos.

Quando Jesus aparece para esses adoradores duvidosos, Ele não os ignora, mas os inclui. O verso 18 declara que Ele veio até eles em seu ato de adoração e em sua dúvida. Nossas dúvidas não precisam estar todas resolvidas. Apesar delas, Jesus quer que venhamos, adoremos, e estejamos empenhados em fazer discípulos. É somente através do envolvimento na missão que as dúvidas serão removidas.

Nem todos os Seus discípulos estão maduros na fé. Eles entendem quem é Jesus, podem até adorá-Lo, mas sua fé ainda é embrionária, com dúvidas. Mesmo assim, Jesus não os exclui da comunhão e nem da responsabilidade de cumprir a Grande Comissão. Na realidade, Ele direcionou a comissão a todos os discípulos; não só aos que O adoravam sem dúvidas.

O discipulado, então, não é só para os “mais chegados”. Inclui os que têm um comprometimento básico com Cristo, mas ainda estão tentando resolver suas dúvidas. Posteriormente exploraremos mais o significado do termo discípulo; mas a essa altura descobrimos que o discípulo também pode ter dúvidas.

O DIRETOR EXECUTIVO DO UNIVERSO

Tendo visto o Senhor ressuscitado, os discípulos escutaram abismados Suas palavras quase inacreditáveis: “Toda a autoridade Me foi dada no Céu e na Terra”. Mat. 28:18. Jesus agora não pergunta, como fez anteriormente: “Quem diz o povo ser o Filho do Homem?” Mat. 16:13. Agora Ele declara que é Ele quem tem absoluta e total autoridade sobre o Céu e a Terra. Como Frederick Bruner detalhadamente observou, aqui, Jesus está declarando ser o diretor executivo de todo o Universo.⁴ Essa é a declaração de maior autoridade que Ele já fez. É impressionante, grandiosa, e todo-poderosa. Ele não é mais o frágil e indefeso; é o que possui toda a autoridade. Que reivindicação!

No monte Sinai, Deus primeiramente Se revelou ao povo de Israel em tons de trovão para enfatizar Sua autoridade e poder. Jesus agora restabelece essa cena para comissionar Sua igreja do Novo Testamento. Quem ordena a Grande Comissão não é apenas Jesus, mas Jesus com autoridade. Em nenhum outro lugar da Bíblia Ele aparece de forma tão imperiosa como ao proferir a Grande Comissão. Só isso bastaria para enfatizá-la. Ela não pode ser considerada levianamente. Não é só mais uma ordem, entre outras, que Jesus dá, mas de certo modo é

“a” ordem de Jesus, pois abrange todas as outras ordens. Fidelidade à Grande Comissão significa ser fiel a todas as outras ordens de Jesus. Infidelidade nesse ponto é ser infiel ao Jesus que tem autoridade – o diretor executivo do Universo. Não ousamos desobedecer à missão de quem possui toda, completa e máxima autoridade.

Os adventistas professam ser a igreja remanescente, que guarda os mandamentos de Deus e a fé de Jesus (Apoc. 12:17). Essa é uma alegação audaciosa que envolve mais do que guardarmos o sábado. Também deve significar que somos obedientes à Grande Comissão. Seria impossível ser a igreja remanescente, se não guardássemos a mais autorizada ordem de Jesus: a Grande Comissão.

Tendo Se declarado possuidor da máxima autoridade, Jesus agora, emite a divina comissão: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações”. Mat. 28:19. A ordem é incrível. Como poderia um pequeno grupo de onze pessoas pobres, meio incrédulas e duvidosas, cumprir um projeto tão grandioso – fazer discípulos de todas as nações? O único meio é através do poder dAquele que tem toda a autoridade.

Essa ordem deve ter assombrado aqueles primeiros discípulos. Como seria possível fazer discípulos de todas as nações? Ainda hoje, depois de dois mil anos, a tarefa nos parece gigantesca. Contudo, a ordem no texto está inseparavelmente ligada à autoridade de Jesus. É somente através de Sua autoridade que essa ordem pode ser cumprida. Já que Jesus é o diretor executivo do Universo, os discípulos podem se sentir encorajados a ir ao mundo, proclamar a mensagem do Cristo ressuscitado e fazer discípulos para Ele em todas as nações.

Portanto, os fundamentos de missão estão profundamente enraizados na divindade de Jesus Cristo como Senhor absoluto do Céu e da Terra. O motivo da missão cristã às nações só pode ser entendido no contexto da ressurreição e da vitória de Cristo sobre a morte. Essencial a essa comissão está o inegável pensamento de que o próprio Jesus

proverá o poder e os meios para sua realização. Portanto, Ele declara que estará com Seus discípulos até o fim dos séculos (verso 20), para o bem das nações que precisam ser alcançadas. Não é uma garantia incondicional de Sua presença, mas uma arrojada declaração de que estaria com eles em missão. Novamente, Bruner observou:

“Em seu contexto imediato, a declaração de Jesus afirmando que estaria ‘com’ foi dada a discípulos que fazem discípulos. Não seria justo, para com a Grande Comissão relatada em Mateus, dizer que a promessa especial de Jesus de estar com os discípulos foi dada para qualquer um e todos que se dizem cristãos – não foi dada, como às vezes dizemos, ‘incondicionalmente’. Foi dada condicionalmente – para cristãos missionários.”⁵

Não era para os discípulos simplesmente irem às nações. Deveriam ir, porque Cristo tem autoridade total sobre as nações. Portanto, eles não devem sair para essa missão sem a presença dAquele que tem toda a autoridade. Inerente ao chamado da Grande Comissão está a promessa do Espírito, que deve Se manifestar completamente no Pentecostes.

SINAIS E MARAVILHAS COMO SINAIS DE AUTENTICIDADE

Assim como os outros escritores dos evangelhos sinóticos apresentam a Grande Comissão no final de seus livros, encontramos uma ênfase ainda maior da presença do Espírito Santo com os discípulos ao cumprirem a missão. No evangelho de Marcos, Jesus repreende os discípulos incrédulos, e então os comissiona a pregar as boas-novas a toda criatura. Em vez de afirmar que Ele tem toda a autoridade, como citado no evangelho de Mateus, Marcos escreve que Jesus declarou que os discípulos teriam um ministério de autoridade que seria autenticado pelos sinais que os acompanhariam. Inerente ao relato de Marcos está a mesma presença de Jesus com os discípulos, capacitando-os a cumprir a missão através de Seu poder – não através do poder humano.

Nós, adventistas, parecemos temer um pouco a existência de si-

nais e maravilhas. Estamos bem cientes de que o diabo pode operar falsificações nessa área. Contudo, não podemos ignorar que milagres, sinais e maravilhas acompanharão a pregação da Palavra de Deus. Jesus deixou isso claro no evangelho de Marcos. Ellen White também afirma que sinais e maravilhas se tornarão a ordem do dia quando a chuva serôdia for derramada sobre o povo de Deus.⁶

Embora não devamos depender somente de milagres, devemos tomar cuidado em não ignorar a presença deles como autenticação da obra do Espírito Santo na igreja de Deus. Não é uma questão de “retidão de doutrina” *versus* sinais e maravilhas. Se tivermos todas as doutrinas certas, e não tivermos o Espírito, então o adventismo não é a verdadeira igreja de Jesus. Igrejas com sinais e maravilhas, mas com doutrinas erradas, também não são a igreja verdadeira. O que autentica a verdadeira igreja é a presença de sinais, maravilhas, e o poder do Espírito com doutrinas bíblicas corretas. Como igreja, precisamos experimentar as duas coisas!

O relato de Lucas também contém a promessa: “Eis que envio sobre vós a promessa de meu Pai; permanecei, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder”. Lucas 24:49. Cada um dos evangelhos sinópticos relata o mesmo pensamento como sendo inerente à Grande Comissão – o poder do Espírito Santo para capacitar a realização da missão do Senhor ressurreto. Na verdade, o poder do Espírito era tão essencial à realização dessa missão que Jesus pediu que os discípulos esperassem até que recebessem esse poder, antes que pudessem ir às nações em Sua autoridade (Lucas 24:49).

O PRINCÍPIO ORGANIZADOR DA IGREJA DO NOVO TESTAMENTO

A ordem aqui é bem diferente daquela dada a Israel. Israel recebeu a comissão de criar uma comunidade atenciosa que refletisse o Deus verdadeiro. A nação foi posta na encruzilhada das civilizações, de

onde atrairia outros povos para que esses aprendessem do Deus verdadeiro. Em contraste a isso, Cristo dá a comissão ao novo Israel para ir a todas as nações. Isso revela uma principal diferença de missão entre Israel e a igreja. A igreja de Jesus não deveria ser organizada com base no modelo do Antigo Testamento, mas numa ordem nova. Deveria ser organizada para o bem do cumprimento da missão de Cristo, que é fazer discípulos de todas as nações. As igrejas da Grande Comissão devem estar seguras de que têm uma organização aperfeiçoada para cumprir essa missão. Isso exige avaliação contínua, porque muitas vezes o que inicialmente beneficiou a missão, tempos depois, pode não ser útil.

Atualmente, muitas igrejas oferecem programas realizados na própria igreja, e esperam que o povo seja atraído para receber instruções. Isso é um modelo do Antigo Testamento. A igreja não deveria meramente ser a comunidade reunida, posicionada como testemunha de Cristo. Jesus, com autoridade, disse à igreja: “Ide”. Somente quando ela se dispersar, como sal, impregnando o mundo, é que realmente mostrará ser a igreja da Grande Comissão. A maioria das igrejas adventistas entende muito bem como operar a igreja reunida, mas pouco faz para ensinar os membros a serem a igreja dispersada. Entendemos a imagem de “fortaleza” aplicada à igreja, mas falhamos em entender sua imagem “de sal”. Isso não significa descartar a primeira imagem, mas só isso não basta. Precisamos ser a igreja espalhada pelo mundo.

Geralmente, convidamos amigos para reuniões evangelísticas e outras atividades da igreja local. Isso é bom, mas não é o quadro completo que Jesus nos deu. A igreja não é o prédio – é o povo. Portanto, onde as pessoas da igreja estiverem, aí estará a igreja. Na segunda-feira, a igreja pode funcionar no escritório, na fábrica, ou no clube de saúde. Quando os membros interagem com o mundo em seus negócios e lazer, eles estão sendo a igreja espalhada. Igrejas da Grande Comissão terão que ensinar seus membros a serem “igrejas” no trabalho e no lazer.

Durante muito tempo temos divorciado nosso trabalho e lazer da área da igreja. É hora de integrá-los novamente. Não mais estamos sob o modelo do Antigo Testamento. Não podemos esperar que as pessoas venham até nós. A ordem de Jesus é radicalmente diferente; somos enviados ao mundo para fazer discípulos. Atualmente, as igrejas estão mais baseadas no paradigma do Antigo Testamento do que no modelo da Grande Comissão. É hora de se reorganizarem segundo o Novo Testamento.

Alguns têm sugerido que a ênfase deveria estar no “fazer discípulos” em vez de no “ide”. Isso parece bom, exceto pelo fato de que a Bíblia parece colocar mais ênfase no “enviar” do que no “fazer discípulos”. Isso não diminui o ato de fazer discípulos como objetivo; contudo, esse fazer discípulos deve ser realizado no processo de “ir” em vez da igreja esperar que as pessoas venham a ela, como no antigo modelo. Este livro tentará deixar bem claro que nosso principal objetivo na Grande Comissão é fazer discípulos. Porém, a igreja não pode se contentar em simplesmente sentar e tentar incentivar as pessoas ao discipulado. O mandato é inconfundível: a igreja deve “ir”; e, nesse processo, ela deve fazer discípulos.

A ordem da Grande Comissão é a criação de uma igreja “espalhada” como forma dominante, e não o presente estado onde a igreja “reunida” é dominante. Necessitamos dela, mas essa não deve ser a forma principal da igreja. A verdadeira igreja da Grande Comissão é a que age como sal, infiltrando-se na comunidade, para fazer discípulos.

A igreja tende a estar sempre satisfeita com o que já realizou – e falhar em continuar avançando. Jesus não poderia ter usado um imperativo mais poderoso do que o da Grande Comissão. Ele ordena a Seus discípulos: “Ide”. Essa poderosa ordem é usada mais três vezes no Evangelho de Mateus (Mat. 2:8; 11:4; 28:7). Em cada caso, é uma ordem para as pessoas irem fisicamente a algum lugar. Portanto, poderia muito bem

ser traduzida por: “mexa-se”.⁷ Devemos sair à comunidade e encontrar maneiras de fazer contato com pessoas que estão longe de Jesus.

Essa ordem não deve ser ignorada. Deve haver urgência em sua resposta. Outras passagens indicam que os discípulos deveriam esperar por poder, mas tal espera seria somente por dez dias. Depois disso ocorreu o Pentecostes, O Espírito Santo desceu, e a igreja recebeu poder para realizar sua missão. Não havia mais necessidade de esperar. O poder que desceu no Pentecostes está plenamente disponível, agora, aos discípulos modernos. Portanto, a urgência da Grande Comissão compele a igreja a se envolver com a missão de Cristo, agora.

A TRÍPLICE MISSÃO DE CRISTO

Qual é essa missão? De acordo com a comissão, é fazer discípulos, batizando-os, e ensinando-lhes tudo o que Jesus ordenou. A missão está centralizada nestas três tarefas: fazer discípulos, batizar, e ensinar. Em outro capítulo examinaremos o que está envolvido nesse processo. No momento, estamos apenas observando que a missão envolve o cumprimento dessas tarefas. Portanto, a missão não está completa até que todas elas tenham sido realizadas. Somente quando a igreja segue essa fórmula tríplice é que pode afirmar que cumpre a missão. E tudo deve ser feito no processo de “ir”.

Enquanto a igreja marca presença no mundo, espalhando-se, ela faz discípulos, batiza, e ensina. Portanto, se uma igreja batiza as pessoas sem fazer discípulos ou sem ensiná-los, ela é desobediente a Cristo. Se faz discípulos e deixa de batizá-los, ela é desobediente a Cristo. Se ensina às pessoas os mandamentos de Cristo, mas não faz discípulos e não batiza, ela é desobediente a Cristo. Até mesmo quando uma igreja faz discípulos e batiza as pessoas, mas falha em continuar ensinando-lhes os mandamentos de Jesus, ela é desobediente a Cristo. A ordem de nosso Senhor é clara demais para ser mal-entendida. E ainda assim, não é

compreendida pelo cristianismo moderno. A igreja tem falhado em cumprir a Grande Comissão, não porque deixou de proclamar e batizar, mas porque ignorou a necessidade de executar as três ações.

Em diferentes épocas da história do cristianismo, a igreja realçou uma das três dimensões da missão, mas raramente colocou a mesma ênfase em todas as três dimensões. Em muitos casos, a ênfase degenerou para um jogo de números, no qual todo o destaque passa a ser o batismo, com pouca atenção dada ao discipulado e ensino. Somente uma ênfase equilibrada no discipulado, batismo e ensino pode cumprir a Grande Comissão evangélica.

O ESPÍRITO SANTO: AQUELE QUE AUTORIZA A MISSÃO

O fundamento da missão da igreja é a Grande Comissão – um evento alicerçado no Cristo ressuscitado. A habilitação para essa missão deve vir dAquele que Jesus enviou para capacitar a igreja a cumpri-la – o Espírito Santo. A obra do Espírito Santo é testemunhar de Cristo. Portanto, o Espírito autoriza aquilo que Cristo já estabeleceu. Inerente ao ato de dar a Grande Comissão está a promessa do Espírito Santo como agente capacitador. O Pentecostes foi o cumprimento inicial do derramamento do Espírito em benefício do cumprimento da missão. Com o mesmo propósito, Ele continua a ser derramado sobre a igreja de Deus hoje.

A raiz da missão de Cristo reside na Grande Comissão; não no derramamento do Espírito, no Pentecostes, como alguns pentecostais argumentam.⁸ A obra do Pentecostes sem a autoridade da Grande Comissão seria sem sentido. A obra da igreja como povo missionário de Deus está fundamentada na Grande Comissão. O poder para a igreja cumprir a Grande Comissão baseia-se na promessa do Espírito inerente à Grande Comissão e derramado inicialmente por ocasião do Pentecostes.

Concluindo, este capítulo mostrou a primazia da Grande Comissão

como origem da missão da igreja cristã. Essa comissão está baseada na autoridade do Cristo ressuscitado, que ordena a Seus seguidores ir, fazer discípulos em todas as nações, batizando-os e continuamente ensinando-os. Nesse empreendimento missionário, Ele prometeu estar com Seus discípulos, e cumpriu a promessa enviando o Espírito. Desse modo, o Pentecostes está enraizado na Grande Comissão e serve para capacitar a igreja a cumpri-la. A Grande Comissão é prioritária – o Pentecostes é secundário.

O Espírito Santo é dado para o cumprimento da Grande Comissão. Ele não é um fim em Si mesmo – serve o Cristo ressuscitado, capacitando Sua igreja para cumprir a Grande Comissão. O Espírito jamais pode assumir o lugar de Cristo ou da Palavra, Ele só pode testemunhar de Cristo. Com isso, não estamos depreciando o Espírito Santo – apenas indicando Sua função. Um dos perigos que ameaçam o adventismo atualmente é a tentativa de permitir que o Espírito autentique o que é certo na missão e na prática. O risco aqui é que um espírito falso pode estar operando. Devemos avaliar o Espírito pela Palavra eterna. Somente quando sujeitamos nossa teologia e prática ao teste da Palavra revelada é que podemos estar seguros. Quando o Espírito é autenticado pela Palavra de Deus, Ele pode capacitar a igreja a cumprir a missão de Cristo como retratada na Grande Comissão.

A verdadeira igreja de Jesus hoje deve ser uma igreja da Grande Comissão – uma que seja sincera em relação ao cumprimento da missão. Se a igreja origina-se na Grande Comissão, sua vida e prática devem girar em torno do cumprimento dessa comissão, como razão para sua existência. É nessa base que a igreja de Jesus hoje deve se tornar o verdadeiro povo missionário de Deus para o bem das nações.

Notas:

1. Mateus 28:16-20.
2. Frederick Dale Bruner, *Matthew*, vol.2, *The Churchbook*, Mateus 13-28 (Dallas: Word, 1990), pág. 1094.
3. *Ibidem*.
4. Bruner, pág. 1094.
5. Bruner, pág. 1106.
6. Ellen G. White, *O Grande Conflito*, pág. 612.
7. Bruner, pág. 1096.
8. Ray Anderson em seu livro *Ministry on the Fireline*, argumenta a favor do Pentecostes como a origem da igreja em vez da Grande Comissão. O resultado final da teologia de Anderson é fazer o Espírito o autenticador do que está certo na missão em vez de Cristo e Sua Palavra.

O que é um discípulo?

Já que a Grande Comissão constitui a razão para a existência da igreja, e já que essa comissão ordena que ela faça discípulos, é essencial que tenhamos uma compreensão clara e bíblica do termo *discípulo*. Muitas definições são dadas na literatura de crescimento da igreja; contudo, parece que tais definições resultaram de motivos missiológicos, e não se ajustam estritamente à definição bíblica. Considerando que fazer discípulos é algo tão crucial ao cumprimento da Grande Comissão, precisamos entender claramente o assunto como Jesus o compreendia. Jesus teria tido essa definição em mente, ao ordenar que Seus seguidores fossem e fizessem discípulos.

FAZER DISCÍPULOS *VERSUS* APERFEIÇOAMENTO

Uma das grandes contribuições do movimento atual de crescimento da igreja tem sido sua ênfase em fazer discípulos. Na realidade, Donald McGavran, fundador desse movimento, abriu caminho quando começou a enfatizar mais o fazer discípulos do que a nutrição de cristãos existentes.¹ McGavran dividiu o discipulado em duas fases: *fazer discípulos* (o ato inicial de levar pessoas a Cristo) e *aperfeiçoamento* (desenvolvimento dos crentes). Essa divisão não é bíblica e resulta em confusão sobre o produto final da missão. O resultado inevitável é uma depreciação do discipulado.

Na compreensão de McGavran sobre discipulado, até a conversão forçada de pagãos ao cristianismo, como fazia Constantino, era

aceitável, porque possibilitava que seus descendentes fossem cristãos. A definição e ênfase de McGavran na condução inicial de pessoas a Cristo é louvável; porém, há mais no cristianismo do que simplesmente ir a Cristo. Devemos tomar cuidado para que a influência de McGavran, que é forte nos meios adventistas, não nos force a uma falsa missão que não é bíblica.

O problema é que McGavran criou uma definição artificial para *discípulo*, em lugar da definição bíblica. Se um indivíduo pode ser um discípulo quando inicialmente levado a Cristo, sem uma compreensão plena dos Seus ensinamentos, então alguém que não esteja realmente convertido ao senhorio de Jesus pode ser aceito como membro da igreja cristã. Essa definição de *discípulo* levou McGavran à sua teoria do “movimento de pessoas”. Segundo essa teoria, grupos de pessoas podem ser levados ao cristianismo por atacado, com pouca instrução, e com a suposição de que podem ser “aperfeiçoados” depois.

Certamente, é verdade que deve haver crescimento na vida cristã, e o cristão novo terá muito que crescer. Não estamos defendendo aqui algum tipo de perfeccionismo como necessidade para alguém se tornar membro da igreja, mas uma visão clara do discipulado como requisito básico para entrada na igreja de Jesus. Há muitos ensinamentos que se seguem ao batismo. O ponto que procuramos salientar nesse capítulo é que, biblicamente, o discipulado envolve mais do que McGavran afirmou – mais do que a ida inicial a Cristo.

A pergunta que precisa ser respondida é: Quanto contato com Cristo alguém deve ter antes que possa ser legitimamente chamado de Seu discípulo? As implicações dessa definição afetam nossa prática de evangelismo. Se aceitarmos a definição de McGavran de “discípulo”, nossa estratégia evangelística deverá girar em torno de levar pessoas a Cristo. Depois, nos preocuparemos em lhes dar instrução completa. Se a definição bíblica de *discípulo*, contudo, envolver mais

do que um reconhecimento inicial de Cristo, então essa estratégia necessita prover informação suficiente para levar o novo converso ao discipulado, como Jesus o compreendia.

Aceitar a definição de McGavran quanto ao discipulado significaria que a Igreja Adventista deveria desenvolver uma metodologia de evangelismo semelhante à de Billy Graham e outros evangélicos, que vêem sua missão apenas como levar pessoas à fé em Cristo. Porém, os adventistas sempre viram em sua missão algo mais do que isso. As pessoas devem ser levadas a Cristo em primeiro lugar, mas esse não é o fim de processo evangelístico. Nossa orientação bíblica sempre nos fez ver o discipulado muito mais profundamente do que McGavran o faz.

A definição de McGavran de *discípulo*, que, por um lado positivo, produziu maior ênfase em levar pessoas a Cristo, tem, por outro lado, criado uma base para se levar à igreja indivíduos que são cristãos muito fracos. Portanto, essa parte da teoria de McGavran foi desafiada, especialmente por aqueles que, como os adventistas, têm antecedentes de ênfase à santificação. Alguns fazem perguntas muito profundas:

*Se você está tentando facilitar para que as pessoas com quem você fala digam “sim” à sua mensagem como um grupo, como você consegue evitar dizer sim à identidade incrédula delas e ser fiel ao evangelho, no modo como você expõe a pergunta?*²

*Se a inquisição batiza um judeu à força, isso é o evangelho? Alguns anabatistas diriam que não. Aparentemente McGavran diria que sim, porque agora você tem a oportunidade de ensinar seus filhos. Essa é uma forma extrema do conceito de que “é melhor tê-los em terreno duvidoso do que não ter acesso a eles”.*³

Apesar de McGavran observar que “quanto mais espiritual o motivo, melhor”, sua mobilidade... a uma política de batismo aberto a quem quer que o aceite, por qualquer que seja a razão, levanta o problema teológico de divorciar a filiação à igreja da conversão, e abre a porta para a ma-

*nipulação de pessoas simples com alimento, livros e quaisquer outros prêmios, conquanto que ouçam o missionário e façam o que ele quer...*⁴

*Especialmente nos últimos anos, tenho sido perturbado pelo sentimento de que, quando o Dr. McGavran fala de homens se tornarem cristãos, ele quer dizer algo diferente do que a reestruturação pessoal completa em torno do senhorio de Cristo, à qual eu acredito que o Novo Testamento se refere quando fala de alguém se tornar nova criatura em Cristo.*⁵

*Abaixa-se a exigência ética do evangelho e o grau de entendimento requerido, antes que uma pessoa se una à igreja, criando assim, uma base cristã nominal sobre a qual edificar uma “igreja agrupada”.*⁶

*Encontra-se em McGavran e esses movimentos uma preferência por batizar quase imediatamente após a profissão de fé, deixando de lado o período de doutrinação requerido pela maioria das antigas igrejas missionárias.*⁷

*Isso é, dando-lhes uma forma enfraquecida do evangelho, você pode evitar que percebam a forma verdadeira.*⁸

Expostos à teoria de McGavran, nos últimos anos, alguns adventistas começaram a discutir a idéia de separar o batismo da recepção como membro da igreja. Em outras palavras, sugerem que devemos simplesmente batizar as pessoas em Cristo pela profissão de fé e só nos preocuparmos mais tarde com sua filiação à igreja. Essa visão antibíblica é o resultado dessa teoria de McGavran e se constitui sério perigo à singularidade do adventismo.

As críticas às teorias de McGavran ecoam uma preocupação adventista. A visão de *discípulo*, mantida por ele, surge de sua definição não bíblica do termo. Talvez, em seu intenso desejo de ver mais pessoas indo a Cristo, McGavran suavizou os padrões. Sua preocupação de que mais pessoas perdidas sejam encontradas é louvável e válida. Mas, quando essas pessoas perdidas são alcançadas, que tipo de fé são levadas a aceitar? É imperativo que uma compreensão bíblica de *discípulo* seja entendida, se queremos realmente compreender a ordem de Cristo.

Muitos críticos da definição de McGavran falharam em chegar a uma definição bíblica de *discípulo*. Mesmo adventistas têm sido culpados aqui. Não articulamos claramente o que significa ser um discípulo no sentido que Jesus o compreendia. Para muitos adventistas, discipulado simplesmente significa aceitar as vinte e oito crenças fundamentais da igreja. Mas isso é realmente discipulado? Devemos agora tentar criar essa definição bíblica. Nossa compreensão de *discípulo* deve surgir dos evangelhos e do significado que Jesus tinha quando comissionou Sua igreja a ir e fazer discípulos. Somente ao entendermos o que Jesus queria dizer é que podemos sondar a missão que Ele deu à igreja.

A COMPREENSÃO DE JESUS SOBRE DISCÍPULO

A palavra *discípulo* é traduzida do termo grego *mathetes*. A idéia teve origem na Grécia, quando um aluno se unia a um professor a fim de adquirir conhecimento teórico e prático.⁹ É usada no Novo Testamento para indicar ligação total a alguém em discipulado.¹⁰ Ser discípulo, segundo o Novo Testamento, é viver em relacionamento com Aquele que está discipulando. Nesse relacionamento, o discípulo deve aprender continuamente sobre a outra pessoa, enquanto ao mesmo tempo vive em sujeição a ela. A palavra não sugere uma conversão rápida ao mestre, mas um lento processo pelo qual se é feito discípulo.

Essa compreensão da palavra *discípulo*, conforme usada na época do Novo Testamento, nos ajuda a entender melhor as palavras da Grande Comissão: *discipular, batizar, ensinar*. Discipulado envolve principalmente comprometimento de alguém com certa pessoa, e submissão à sua autoridade, a fim de ser ensinado. O discípulo nunca é totalmente discipulado, mas está sempre nesse processo. Desse modo, o que é requerido de uma pessoa, antes que seja batizada, é que ela entre em completa submissão à autoridade de Cristo, esteja disposta a viver em sujeição a Ele e a aprender sobre Ele enquanto viver.

A palavra *discípulos* ilustra alunos sentados ao redor de um professor, mais do que penitentes ajoelhados num altar – um processo educacional, mais do que um evento evangelístico; uma escola, mais do que um reavivamento. O caráter prosaico da palavra se abrande e diz: “Trabalhe com as pessoas por um período, no processo educativo de ensinar Jesus”. Somente o Criador pode fazer as grandes coisas, tais como converter, ganhar, levar ao arrependimento ou à decisão – toda a autoridade é somente dEle. Mas os discípulos devem fazer as pequenas tarefas envolvidas no “discipular”, isto é, passarão um bom tempo com as pessoas, na confiança de que mais cedo ou mais tarde, o Senhor fará com que se decidam pelo batismo.¹¹

A explicação que Bruner dá à palavra *discípulo* tem grande peso evangelístico. Se, como ele sugere, ir a Cristo é um ato de Deus, então os seres humanos não podem levar as pessoas a terem fé em Cristo. Tudo o que podem fazer é criar um ambiente de educação que faz as pessoas ficarem cientes de Cristo e Sua Palavra. Nesse ambiente, elas então podem ser levadas à fé em Cristo. Porém, elas o fazem através de sólida educação sobre a vida e os ensinamentos de Cristo; e não de uma compreensão superficial do que significa ser cristão. Essa compreensão da palavra *discípulo* evita que pessoas se dirijam a Cristo por atacado, sob impulso repentino, sem um processo educacional apropriado.

Bruner estabelece a diferença entre o fazer discípulos, que leva ao batismo, e a continuação do fazer discípulos, após o batismo – que está mais em harmonia com o “aperfeiçoamento” de McGavran. Contudo, Bruner vê mais no discipular inicial:

“Discípulo” (matheteusate) no imperativo aorístico é o verbo explicativo que resume todas as responsabilidades missionárias. Então, os outros dois verbos no gerúndio “batizando” e “ensinando” (repare na similaridade da estrutura: baptizontes e didaskontes) particularizam os dois objetivos do discipulado: o batismo, objetivo do evangelismo; o ensino,

meio de educar... O discipulado atinge seu primeiro objetivo no “ato definitivo do batismo e é continuado através da contínua atividade do ensino”... Assim a Grande Comissão diz aos cristãos tanto o meio de iniciação (batismo) quanto o meio de continuação (os ensinamentos de Jesus).¹²

De acordo com essas evidências, parece que fazer discípulos é tanto uma obra inicial quanto contínua, na vida de quem é levado ao discipulado. A pergunta que nos preocupa agora é: Qual é a obra inicial de fazer discípulos que precisa ser feita antes que uma pessoa seja batizada? De acordo com a Grande Comissão, indivíduos tornam-se discípulos, então são batizados, e depois instruídos. Há pouca discórdia entre cristãos sobre o fato de que eles precisam de ensinamento contínuo após o batismo. A área de discórdia é quanto ao que deve ser ensinado antes do batismo.

COMO SE TORNAR UM DISCÍPULO

O ponto principal da Grande Comissão é o objetivo de Jesus: fazer discípulos. Existe o discipulado inicial, necessário para o batismo, e o discipulado contínuo, que é necessário para o ensino. As pessoas devem ser batizadas quando atingirem a fase inicial do discipulado. Nessa altura, elas são discípulos; porém, não completamente maduros. Por isso Jesus sugere que nós os batizemos – esses discípulos iniciais – e que continuemos ensinando-lhes num modelo contínuo de discipulado. É com esse pensamento em mente que desejamos examinar as condições que Jesus mencionou como sendo necessárias para alguém se tornar discípulo. Ele trata com o discipulado inicial, necessário antes do batismo, em vez do discipulado contínuo, recebido depois do batismo. A primeira passagem detalhando o que significa ser um discípulo de Jesus encontra-se em Mateus 10:24, 25:

“O discípulo (mathetai) não está acima de seu mestre, nem o servo, acima de seu senhor. Basta ao discípulo ser como o seu mestre, e ao servo,

como o seu senhor. Se chamaram Belzebu ao dono da casa, quanto mais aos seus domésticos?"

Essa passagem indica que o discípulo entra num relacionamento de aprendizagem com o Mestre. Ele tem disposição para aprender, requisito indispensável para quem deseja ser batizado como discípulo de Jesus. Essa passagem também sugere que quem se tornar discípulo de Jesus pode esperar ser tratado como Ele o foi – incompreendido e perseguido.

No início de sua conversão a Cristo, é difícil para as pessoas suportarem provas por causa da sua fé. Porém, se o discípulo é capaz de suportar dificuldades, então ele deve ter alcançado um mínimo de maturidade de fé em Cristo. Portanto, parte do processo de se fazer discípulos é ajudar o crente a desenvolver uma fé madura o suficiente para suportar perseguição ou ridículo. Isso foi especialmente verdadeiro no que se refere aos cristãos primitivos que, em muitos casos, perderam a vida logo após sua entrega a Cristo.

Sólido comprometimento com Cristo bem como disposição para aprender são virtudes ausentes quando alguém pela primeira vez faz a oração do pecador, mas são resultado de crescimento na fé cristã. Elas revelam que a pessoa não apenas se tem submetido a Cristo, mas que realmente começou a aprender que pode confiar sua própria vida a Ele.

A segunda passagem principal sobre a compreensão de Jesus sobre o que é um discípulo encontra-se em Lucas 14:26, 27, 33:

"Se alguém vem a Mim e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e ainda a sua própria vida, não pode ser Meu discípulo. E qualquer que não tomar sua cruz e vier após Mim não pode ser Meu discípulo. ... Assim, pois, todo aquele que dentre vós não renuncia a tudo quanto tem não pode ser Meu discípulo."

Grandes multidões seguiam a Jesus (verso 25). Se Ele acreditava em conversões em massa a Seus ensinamentos, com essa declaração, deu uma resposta muito imprópria e desanimadora para as multidões. Há

um custo em se seguir a Jesus. Ele não quer seguidores indiferentes – deseja indivíduos totalmente comprometidos. Os que decidirem se tornar Seus discípulos devem estar dispostos a abandonar tudo, incluindo o lar, a família, parentes, riquezas, e posição, para O seguirem.

De acordo com McGavran, Jesus deveria ter recebido toda a multidão e não ter-Se preocupado com o comprometimento – Ele poderia cuidar disso depois. Mas essa não era a abordagem do Mestre. Quando o jovem rico O procurou, Jesus foi claro, ao exigir total comprometimento antes de lhe conceder o discipulado. A teologia de McGavran teria sido a de aceitar o jovem rico como ele era, fazer dele um discípulo, e esperar que o comprometimento viesse depois. Esse, porém, não era o modelo de Cristo. Para Ele, o pré-requisito para o discipulado sempre foi completa entrega e disposição de abrir mão de tudo para segui-Lo.

Tornar-se discípulo, Jesus declara, é estar disposto a levar “Sua cruz”. Observe que não é a “minha cruz”, mas a “Sua cruz”. Geralmente, os crucificados eram escravos, ou aqueles acusados dos mais terríveis crimes. Eles carregavam suas próprias cruzes até o lugar da crucifixão. Com freqüência, eram odiados e desprezados pela sociedade. Desse modo, levar a cruz é fazer exatamente o que Jesus fez quando Ele levou a cruz – suportar sem queixas ou lamentações o olhar de reprovação de amigos e parentes; agüentar a repreensão, com paciência e humildade. Para ser discípulo é preciso estar disposto a levar a “Sua cruz”. O discípulo une-se a Cristo em Seus sofrimentos. Ninguém pode receber honra maior.

A religião que Cristo oferece quando Ele convida as pessoas a se tornarem discípulos não é de sossego e comodismo, mas de suportar a cruz. Isso não significa que o cristão vive mal-humorado e sem alegria. Significa que aquele que se tornou discípulo encontra alegria em meio ao sofrimento e tribulações decorrentes de sua fidelidade a Cristo, considerando um privilégio poder sofrer com Ele. Cristo não promete co-

modismo e prazeres no mundo, mas promete paz interior e felicidade. Para obter isso, o discípulo de Jesus resignadamente leva “Sua cruz”.

Essa declaração de Jesus sobre o discipulado inicial enfatiza mais comprometimento do que “conhecimento intelectual”. Discipulado envolve compromisso total e absoluto com Cristo mais do que simplesmente concordância com um conjunto de doutrinas. Isso não desconsidera a compreensão de doutrinas básicas, essencial para o batismo. Mas essa compreensão deve ter o propósito de ajudar pessoas a se entregarem totalmente a Cristo. Ninguém se compromete com quem não conhece. A compreensão da doutrina no contexto dessa passagem deveria ajudar novos cristãos a conhecer Jesus, para que possam se sentir à vontade em fazer um compromisso radical e sem reservas com Ele.

A terceira passagem que trata do assunto de ser um discípulo de Jesus se encontra em João 8:31, 32:

“Disse, pois, Jesus aos judeus que haviam crido nEle: Se vós permanecerdes na Minha palavra, sois verdadeiramente Meus discípulos; e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.”

Nessa passagem, Jesus está falando a pessoas que já crêem nEle. Se Jesus fosse aceitar a compreensão de McGavran sobre *discípulo*, essas pessoas já teriam sido consideradas discípulos. Contudo, Ele declara que simplesmente crer nEle não é suficiente. Ser um discípulo significa continuamente se firmar em Seus ensinamentos. Isso sugere, como fez Bruner, que ser um discípulo envolve um processo mais demorado do que simplesmente a aproximação inicial a Cristo.

O resultado da contínua solidificação em Seus ensinamentos, Jesus prometeu, seria conhecer a verdade. Ele mesmo Se declara a verdade (João 14:6). Um discípulo Seu realmente O conhece como a verdade máxima da vida. Para que isso aconteça, o iniciante deve receber os ensinamentos básicos sobre Jesus, antes do discipulado. Na verdade, a

Versão Amplificada sugere que um discípulo é alguém que se firma nos ensinamentos de Jesus e vive de acordo com eles; é alguém que é obediente ao que Jesus diz, ou seja, guarda os mandamentos. E faz isso motivado por seu amor a Jesus, e não por obrigação ou dever. Isso implica sólido relacionamento com Jesus como base do discipulado, e a obediência aos Seus ensinamentos, como um fruto desse relacionamento. Se esse fruto externo não for visto, o discipulado não ocorreu.

Um discípulo é alguém que ouve o chamado de Jesus e se junta a Ele. No contexto judaico, significa mais do que no grego secular. Porque no grego significa aluno, estudante, ou aprendiz. No Novo Testamento, significa total submissão. Isso se reflete na ênfase dada ao ensinamento no processo de fazer discípulos.¹³

A próxima passagem sobre discipulado é encontrada em João 13: 34:

“Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como Eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecereis todos que sois Meus discípulos: se tiverdes amor uns pelos outros.”

O amor deve ser o teste infalível e absoluto de discipulado. Você pode identificar um discípulo quando ele ama como Jesus o faz – incondicionalmente. Não quer dizer que esse amor seja absolutamente perfeito, mas o amor *ágape* de Jesus deve ser encontrado, pelo menos como embrião, na vida do discípulo. Mais uma vez, Jesus nos dá testes de discipulado. Se a Grande Comissão nos ordena fazer discípulos, produzir crentes a quem chamamos de cristãos, mas que não têm o amor de Cristo no coração, é distorcer o Seu evangelho.

O sucesso fantástico da igreja primitiva não se devia tanto à sua metodologia correta, mas ao testemunho consistente em exemplificar as claras marcas do discipulado que Jesus modelou para os primeiros cristãos. É uma tragédia quando as “massas” são levadas à condição de membros, na igreja, sem as claras evidências de discipulado. Isso destrói o testemunho natural da igreja e enfraquece o cristianismo. As ins-

truções de Jesus sobre fazer discípulos como sendo o trabalho da igreja parecem planejadas para prevenir o desenvolvimento de uma igreja que comprometeria seu testemunho. Ele está preocupado em alcançar as massas, mas quer alcançá-las com o “verdadeiro cristianismo”, não com um cristianismo artificial.

A última passagem em que Jesus Se refere a fazer discípulos é João 15:8:

“Nisto é glorificado Meu Pai, em que deis muito fruto; e assim vos tornareis Meus discípulos.”

Ligação com Jesus pressupõe frutificar. É o resultado inevitável de tal união. Po isso mesmo, se o fruto não aparecer, podemos saber que o discipulado ainda não ocorreu. Aqui está outro dos testes de Jesus, pelo qual a igreja pode medir se alguém se tornou, ou não, discípulo. Ele precisa produzir fruto. Que fruto é esse? Alguns podem sugerir que Jesus tem em mente o fruto do Espírito citado pelo apóstolo Paulo na carta aos gálatas. Contudo, Jesus está falando antes de Paulo. Nesse capítulo, Ele Se refere a Si mesmo como a videira; e a Seus seguidores como os ramos. O trabalho dos ramos é produzir fruto por causa da conexão viva com a videira. Senão, serão cortados.

Todo o contexto dessa passagem parece centralizar-se numa compreensão de missão. O cristão que não está reproduzindo, gerando outros discípulos, ainda não é um discípulo. Portanto, é impossível ser um seguidor de Jesus e não compartilhá-Lo. Discípulos não só devem compartilhar, mas devem também fazer discípulos, do contrário, não podem ser considerados discípulos. O discipulado proposto por Jesus é vitalício. Ele quer que produzamos muito fruto; não um converso casual, uma vez ou outra na vida.

DISCIPULADO E EVANGELISMO

Essa qualificação de discipulado tem fortes implicações nos

procedimentos evangelísticos. Ela sugere que como parte do treinamento inicial das pessoas para o discipulado, elas são treinadas para ganhar pessoas. Se isso é parte tão inerente do discipulado, como pode o processo evangelístico deixar de lado esse treinamento? Senão as pessoas entram na igreja com seu próprio comprometimento a Cristo e então passam o resto da vida cristã servindo a si mesmas, e não aos outros. Implementar plenamente esse conceito significa que a igreja deve envolver os novos conversos num programa de treinamento para que possam ser colocados em algum ministério de acordo com seus dons espirituais.

Tal prática na igreja local significa que os crentes descobriam seus dons e encontraram seu ministério no corpo da igreja. A tragédia do adventismo contemporâneo é que desenvolvemos uma igreja cheia de membros que não foram discipulados. Portanto, poucos estão envolvidos em algum tipo de ministério. Reeducá-los pode ser difícil. Talvez seja mais fácil começar com novos conversos, mudando o processo evangelístico, para que todos os que entrarem na igreja o façam com a compreensão de que devem encontrar seu ministério.

Inerente ao chamado para ser um discípulo de Jesus está o chamado para ser um cristão que produz frutos. Desse modo, Jesus está declarando que o discipulado cristão não pode existir, a não ser que a pessoa esteja envolvida em fazer discípulos. Isso está ligado com a própria Grande Comissão. Todo cristão deve crescer à maturidade do discipulado e então produzir outros discípulos. Todo discípulo deve ser um pai espiritual para outros discípulos que estão em fase de crescimento, e então deve ser um avô, um bisavô.¹⁴

“Todo verdadeiro discípulo nasce no reino de Deus como missionário.”¹⁵

Desse modo a conversão é a mudança daqueles que não eram “um povo” para se tornarem o povo ministrador de Deus, o corpo de Cristo que é ativo, comprometido, e que serve aos outros.¹⁶

Na verdade, poderia ser dito que conversão completa e total, no sentido bíblico, é um processo de três partes, que envolve (1) conversão a Deus em Jesus Cristo; (2) conversão à igreja, o corpo de Cristo; e (3) conversão ao ministério no mundo por quem Cristo morreu.¹⁷

Isso sugere que em nossa metodologia evangelística e no preparo para se tornar membro da igreja, o novo discípulo deveria receber suficiente informação e ter desenvolvido suficiente experiência para que possa iniciar o processo de reprodução de discípulos. Esse processo precisa se tornar inerente ao chamado inicial para ser um cristão. Ninguém deveria ser chamado ao discipulado sem experimentar o chamado para fazer discípulos. Isso sugere um processo que leva à conversão, em vez de uma rápida resposta para aceitar a Cristo e ser batizado.

Um exame das passagens que tratam de discipulado revelou o seguinte sobre a compreensão de Jesus a respeito do que significa ser um discípulo:

1. Discípulo é alguém que está disposto a suportar perseguição e ridículo pelo nome de Cristo. Tal discípulo mantém atitude de aprendiz, facilitando o ensino.

2. Discípulo é alguém que vive em completa submissão ao senhorio de Cristo, estando disposto a deixar tudo – bens, família, amigos – pela causa de Cristo.

3. Discípulo é alguém que entende e guarda os ensinamentos básicos de Jesus.

4. Discípulo é alguém que deu evidências de que o amor ágape foi encontrado em sua vida por causa de sua ligação com Cristo.

5. Discípulo é alguém que está produzindo frutos ao criar outros discípulos para Jesus.

Se os cinco pontos acima são o que Jesus queria dizer quando Se referiu a discípulos, então Sua ordem na Grande Comissão significa que o método evangelístico empregado pelos discípulos produzirá

peessoas que exemplifiquem na vida esses cinco pontos. Isso é diferente da compreensão de McGavran. Deve haver um sólido desenvolvimento de fé em quem se torna discípulo. Tal desenvolvimento não ocorre da noite para o dia. Requer tempo, que é a idéia sugerida pelo próprio uso do termo discípulo para descrever o que Jesus desejava que Sua igreja realizasse.

A ordem do Mestre para a igreja cristã está claramente descrita em Mateus 28:19. Essa ordem exige um processo de desenvolvimento de fé que traz a pessoa para onde ela possa claramente exemplificar os sinais de discipulado enumerados acima. Qualquer metodologia evangelística que deixe de fazer isso é defeituosa. As pessoas não podem ser ganhadas em massa, baseadas no fato de que um líder lhes diz que precisam se tornar cristãs, ou até mesmo adventistas. Esse líder pode ter muita influência para levar seu grupo a Cristo, mas os membros desse grupo precisam ser levados individualmente ao discipulado. Somente essa atenção individualizada é coerente com a Grande Comissão. Tal instrução individual só pode ser realizada quando os discípulos atuais se virem como reprodutores. Se tivermos que depender do pastorado para realizar tal instrução, isso jamais ocorrerá. É por isso que todos os cristãos são ministros e discipuladores no Novo Testamento.

O próprio McGavran observa que os adventistas que praticaram instrução pré-baptismal mais forte conseguem manter um converso melhor do que os grupos que só ensinam o que está em harmonia com sua própria teologia de fazer discípulos.¹⁸ Por que deveríamos abandonar o que nos ajudou a conservar nossos conversos melhor do que outras igrejas? Seria estranho que abandonássemos esse modelo e copiássemos o modelo protestante, quando esses mesmos protestantes desejam copiar o modelo adventista. Contudo, o nosso modelo precisa de fortalecimento.

Por melhor que tenha sido o nosso trabalho, podemos melhorar, se

nos concentrarmos mais em discipulado como Jesus o entendia em vez de somente doutrinar-mos nas crenças da igreja. Certamente, ensinamos e esperamos submissão às nossas doutrinas, mas precisamos estar igualmente preocupados em produzir o tipo de discípulo que Jesus ordenou que produzíssemos. Na realidade, como mostraremos depois nesse livro, nossas doutrinas são especialmente úteis em produzir esse tipo de discípulo. Nossa tragédia é que as temos visto somente como doutrinas e não como úteis em criar discípulos de Jesus. Isso deve mudar.

DISCIPULADO E BATISMO

De acordo com a comissão de Jesus, as pessoas são primeiramente levadas a um discipulado inicial. Então são batizadas no corpo de Cristo, que o Novo Testamento claramente define como a igreja de Jesus (I Cor. 12:1). Nesse sentido, é impossível ser batizado sem se tornar membro da igreja. O pré-requisito para ser membro é o discipulado inicial, como definido por Jesus, que provê uma clara base teológica para o batismo do crente. Os que forem batizados sabem que entrarão num relacionamento em que serão discipulados por Jesus.

Adiar o batismo até que se tenha evidência do discipulado inicial na vida da pessoa é contrário à maioria dos planos atuais de crescimento. Contudo, parece que seria melhor ter o sólido crescimento que o ato de fazer discípulos garante do que o fraco crescimento que os outros planos permitem. A ordem da Grande Comissão é fazer discípulos, e não produzir números de membros na igreja. Porém, se a igreja for fiel à Grande Comissão, os que são feitos discípulos devem imediatamente ser batizados. A maioria dos exemplos de batismos do Novo Testamento indica que as pessoas eram batizadas logo após entrarem nesse discipulado radical que faz de Jesus o Senhor total e absoluto de sua vida. Dois exemplos são o eunuco etíope¹⁹ e o carcereiro filipense.²⁰ Eles indicam

que o batismo não era questão de tempo, mas de conversão completa a Jesus como Senhor.

Este capítulo não é um pedido para que se dê tempo às pessoas antes que sejam batizadas. Não é um pedido para que elas sejam aperfeiçoadas antes do batismo. Tampouco é um pedido para que sejam batizadas prematuramente antes que tenham sido levadas ao discipulado inicial. Em vez disso, a missão de Cristo é cumprida quando a igreja segue a prescrição dAquele que nos ordenou que fizéssemos discípulos. Assim, aqueles que nós batizamos precisam ter os requisitos do discipulado inicial conforme delineados por Jesus e enumerados neste capítulo.

O batismo precisa ser compreendido como mais do que um símbolo de perdão dos pecados. Isso, sem dúvida alguma, é inerente ao batismo, porém as Escrituras sugerem mais. Há forte evidência no Novo Testamento de que o batismo contém o símbolo da ordenação de todos os crentes ao sacerdócio. Para estar em harmonia com essa teologia de missão, a igreja hoje terá que retomar essa ordenação de todos os crentes ao sacerdócio como parte da iniciação do novo crente. Se o batismo simboliza o ingresso ao ministério, de acordo com o exemplo de Jesus, o ato de fazer discípulos, que ocorre antes do batismo, precisa preparar os crentes para o ingresso no sacerdócio. Isso, por si só, impede batismos apressados, após o reconhecimento de Cristo como Salvador. Alguém que é batizado deve ser preparado para ingressar no sacerdócio dos crentes. O teólogo em crescimento da igreja, Charles Van Engen, liga o batismo e a ordenação com estas palavras:

Quando congregações missionárias se virem como o povo de Deus, elas podem ter que mudar sua definição de ordenação. Quando os discípulos de Jesus são confirmados como membros do corpo de Cristo, eles devem reconhecer que nessa confirmação há uma ordem para ministrar na igreja e no mundo. A ordenação é a separação, por parte do povo, daqueles que irão equipar, motivar, e mobilizar os membros para o minis-

*tério e a missão. De certa forma, a ordenação separa aqueles que assistirão os membros na confirmação do seu chamado como o povo missionário de Deus.*²¹

Além disso, de acordo com a Grande Comissão, a igreja não deve somente fazer discípulos e batizar, mas deve continuar o processo de ensino após a conversão e o batismo. Na realidade, é esse elemento final que muitas vezes é negligenciado pelas igrejas; pois tão logo as pessoas são batizadas, são muitas vezes esquecidas. Parte do cumprimento da Grande Comissão é colocar as pessoas num ambiente de ensino onde aprenderão todos os ensinamentos de Jesus e continuarão a crescer em seu relacionamento com Ele.

Enquanto este autor crê que nós adventistas devemos passar mais tempo incorporando as pessoas de forma relacional em nossas igrejas, está igualmente convencido, pelas Escrituras, de que não devemos nem podemos negligenciar o ensino cognitivo de Cristo. Essa mensagem é parte da Grande Comissão. A ênfase de Jesus é em produzir discípulos que são guardadores dos mandamentos. Portanto, a prova dos que são discipulados e batizados é vista em sua contínua obediência aos ensinamentos de Jesus. Eles serão diferentes.

Neste capítulo desenvolvemos uma compreensão bíblica do que significa ser discípulo. Foi essa compreensão que Jesus deu como ordem à Sua igreja quando a estabeleceu com o propósito de fazer discípulos, batizando-os e continuamente mantendo-os fiéis aos Seus ensinamentos. Somente quando a igreja voltar a essa visão bíblica de discipulado é que ela poderá adequada e fielmente ser obediente à Grande Comissão. Para os adventistas, que professam ser uma igreja que guarda os mandamentos, é imperativo que permaneçamos e busquemos ser melhores guardadores dessa grande ordem de Jesus – a Grande Comissão.

Notas:

1. Donald A. McGavran, *Understanding Church Growth* [Compreendendo o Crescimento da Igreja] 3ª edição, editada e revisada por Peter Wagner (Grand Rapids: Eerdmans, 1990), pág. 123.
2. John H. Yoder, *The Challenge of Church Growth* [O Desafio do Crescimento da Igreja], ed. Wilbert R. Shenk (Scottsdale, PA: Herald Press, 1973), pág. 40.
3. *Ibidem*, pág. 43.
4. Allen H. Howe, *The Challenge of Church Growth* [O Desafio do Crescimento da Igreja], pág. 55.
5. Robert L. Ramseyer, *The Challenge of Church Growth* [O Desafio do Crescimento da Igreja], pág. 65.
6. *Ibidem*, pág. 81.
7. *Ibidem*, pág. 102.
8. *Ibidem*.
9. Colin Brown, *Dictionary of New Testament Theology* [Dicionário de Teologia do Novo Testamento], vol. 1, pág. 484.
10. *Ibidem*, pág. 486.
11. Bruner, pág. 1097.
12. *Ibidem*, pág. 1102.
13. Eddie Gibbs, *I Believe in Church Growth* [Eu Creio no Crescimento da Igreja], ser. Ed. Michael Green (London: Hodder & Stoughton, 1992), pág. 135.
14. Kent R. Hunter, *Foundations for Church Growth: Biblical Basics for the Local Church* [Fundamentos para o Crescimento das Igrejas: Bases Bíblicas para a Igreja Local], (Corunna, Indiana: Church Growth Center, 1994), pág. 85.
15. Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, (Casa Publicadora Brasileira), pág. 195.
16. Charles Van Eegen, *God's Missionary People: Rethinking the Purpose of the Local Church* [O Povo Missionário de Deus: Repensando o Propósito da Igreja Local], (Grand Rapids: Baker Book House, 1991), pág. 152.
17. *Ibidem*.
18. McGavran, pág. 132.
19. Atos 8:26-40.
20. Atos 16:22-34.
21. Van Eegen, pág. 156.

Missão no Novo Testamento

O ESPÍRITO SANTO E MISSÃO

A era do Novo Testamento começa com o desafio da Grande Comissão soando nos ouvidos dos discípulos de Jesus. Ansiosos por cumpri-la, eles se apressaram a obedecer às instruções do Mestre. Os dez dias seguintes foram passados em ávida expectativa, esperando o prometido derramamento do Espírito que os capacitaria para a missão. Sua espera não iria resultar em desapontamento. Dez dias depois, ocorreu o grande evento do Pentecostes, e a igreja iniciou o processo do cumprimento da Grande Comissão.

Jesus havia instruído os discípulos a esperarem pelo poder do Espírito Santo. Alguns têm sugerido que a igreja atual precisa esperar por esse poder antes que saia em missão. O resultado é que muitas igrejas passam todo o seu tempo esperando, deixando de ir às nações. Porém, a espera da qual falou Jesus ocorreria só uma vez, e foi realizada pelos discípulos. Ela foi recompensada pelo evento do Pentecostes. Não há necessidade de mais espera. Estamos agora vivendo na dispensação do Espírito. O Espírito já foi derramado. E esse derramamento está atualmente disponível para todos os crentes. Assim que o crente entra no discipulado em Cristo, o poder do Espírito Santo está disponível para ajudá-lo a partilhar sua fé com outros.

Às vezes, pode haver necessidade de uma igreja esperar pelo

Espírito, mas isso porque se afastou demasiadamente dEle, de modo a não ter capacitação para cumprir seu ministério. Nesse caso, talvez precisemos de tempo para voltar à condição que nos permita receber o Espírito para esse propósito. Contudo, isso não ocorre porque Deus não deseje nos enviar o Espírito, mas porque não estamos dispostos a permitir que o Espírito Santo nos use num ministério poderoso.

CHUVAS TEMPORÃ E SERÔDIA

Como adventistas, estamos familiarizados com os termos “chuva temporã” e “chuva serôdia”. Eles são derivados da vida agrícola da Palestina. A chuva temporã cai em outubro e novembro, preparando a terra seca para o plantio da safra do inverno. A chuva serôdia cai em março e abril. É uma chuva abundante, que apressa o processo de amadurecimento dos grãos. Porém, o que muitos adventistas esquecem nessa analogia é que o período entre a chuva temporã e a serôdia é o da estação das chuvas. Chove o tempo todo entre essas duas chuvas. Desse modo, seguindo a analogia corretamente, percebemos que estamos hoje vivendo no período de chuva do Espírito Santo. O Espírito está constante e continuamente disponível a nós, ao nos envolvermos na missão de Cristo. Já não precisamos esperar o derramamento do Espírito Santo como os discípulos o fizeram; Ele já foi derramado. Tudo que precisamos fazer para alcançar as pessoas é estarmos disponíveis como canais para uso do Espírito Santo.

O resultado do derramamento do Espírito na igreja primitiva foi a imediata proclamação do evangelho com o propósito de fazer discípulos. Os resultados tangíveis foram vistos nos três mil que foram batizados naquele mesmo dia.¹ Este, sem dúvida, foi o resultado do ministério de ensino de Jesus durante Seus três anos e meio. Agora, sob a influência do Espírito Santo, as sementes germinam.

O Pentecostes também resultou no derramamento dos dons do

Espírito – especialmente o dom de línguas. Esse dom capacitou a igreja primitiva a iniciar o processo de fazer discípulos entre as várias nacionalidades representadas em Jerusalém naquela ocasião. Os dons espirituais só podem ser devidamente compreendidos no cenário dos eventos do Pentecostes, e o Pentecostes só pode ser entendido no cenário da Grande Comissão. Portanto, os dons do Espírito, e especialmente o dom de línguas, são dados à igreja com o propósito de cumprir a Grande Comissão e fazer discípulos. Utilizar os dons do Espírito para qualquer outro propósito é fazer mau uso deles.

PERSEGUIÇÃO E CUMPRIMENTO DA MISSÃO

Jesus indicara que o processo de fazer discípulos deveria iniciar em Jerusalém e se espalhar a todas as nações. Os discípulos seguiram esse modelo nos primeiros anos. Então surgiu o perigo de que a igreja infante simplesmente se desenvolvesse como outra seita judaica e não compartilhasse sua mensagem universal a todas as nações. Com uma base sólida agora estabelecida em Jerusalém, o Espírito Santo deveria levá-los às nações para fazer discípulos:

A perseguição que sobreveio à igreja de Jerusalém resultou em grande impulso para a obra do evangelho. O êxito havia acompanhado o ministério da Palavra neste lugar, e havia o perigo de que os discípulos ali se demorassem por muito tempo, despreocupados da comissão que haviam recebido do Salvador de irem por todo o mundo. Esquecidos de que a fortaleza para resistir ao mal é melhor obtida pelo trabalho intenso, começaram a pensar que não havia para eles trabalho tão importante como o de proteger a igreja de Jerusalém dos ataques do inimigo. Em lugar de instruir os novos conversos para levarem o evangelho aos que ainda não o haviam ouvido, estavam em perigo de tomar um caminho que os levaria a se sentirem satisfeitos com o que já tinha sido alcançado. A fim de espalhar Seus representantes por outras partes do mundo, de maneira

que pudessem trabalhar por outros, Deus permitiu que lhes sobreviesse a perseguição. Expulsos de Jerusalém, os crentes “iam por toda a parte anunciando a Palavra”.²

A perseguição em Jerusalém resultou numa rápida disseminação do cristianismo entre as nações. O incrível ministério do apóstolo Paulo rapidamente resultou na internacionalização do cristianismo. Antes de examinarmos o trabalho desse apóstolo entre os gentios, notemos uma observação geral sobre a igreja do Novo Testamento. Ela parecia consumida por um propósito – cumprir a Grande Comissão. Nada os desviaria do seu grande objetivo:

Cada cristão via em seu irmão a semelhança divina de benevolência e amor. Um único interesse prevalecia. Um objetivo absorvia todos os outros. Todos os corações palpitavam em harmonia. O único empenho dos crentes era revelar a semelhança do caráter de Cristo e trabalhar pelo engrandecimento de Seu reino.³

A RAZÃO PARA A EXISTÊNCIA DA IGREJA

Essa unidade de propósito para o bem da missão revela que a igreja do Novo Testamento claramente entendia que a verdadeira razão para sua existência era fazer discípulos de todas as nações. Prioridade missionária era o esmagador propósito dessa igreja. Na verdade, a igreja primitiva não pode ser compreendida à parte dessa consciência de missão, pois ela existia apenas pelo bem do cumprimento da Grande Comissão de seu Senhor – fazer discípulos entre as nações.

É surpreendente como uma igreja pode alegar ser a igreja de Jesus Cristo, quando não está envolvida na missão que Ele estritamente definiu como discipular. Quando a igreja perde a razão de sua existência, ela se torna um clube social, mas não é a igreja de Cristo. Somente uma igreja que está vigorosamente envolvida no processo de fazer discípulos pode alegar ser a igreja que Jesus fundou com o expresso propósito missionário.

Qualquer pessoa que conhece Jesus Cristo como seu Senhor e Salvador deve desejar ardentemente que outros compartilhem desse conhecimento e deve se alegrar quando o número dos que o fazem é multiplicado. Onde esse desejo e regozijo estiverem ausentes, precisamos perguntar se não há alguma coisa errada no centro da vida da igreja.⁴

Como a maioria das igrejas adventistas contemporâneas não mais evidencia a característica de missão da igreja primitiva, deve haver algo seriamente errado. O problema é a falta da mentalidade de missão. Essa centralização na missão deve ser recuperada pela igreja atual, se ela deseja ser fiel à obra que lhe foi confiada pelo próprio Mestre. A igreja hoje precisa novamente entrar para o trabalho de discipular. Ou seja, precisa avaliar tudo que faz, a partir do ponto de vista do cumprimento da missão. A mensagem de Van Eegen é muito apropriada para nós hoje:

O que a igreja faz internamente sem intenção de causar impacto no mundo lá fora, não é missão.⁵

O que freqüentemente esquecemos, contudo, é que não faz sentido proclamações evangelísticas serem feitas pelos discípulos de Cristo somente para os discípulos de Cristo no confinamento da igreja local. A proclamação só é missionária quando é intencionalmente dirigida aos que não aceitaram Jesus como Senhor.⁶

A igreja não pode ser completamente o corpo de Cristo, o povo de Deus, a não ser que ela ministre ao mundo.⁷

A IGREJA NO MUNDO

A maioria das congregações adventistas hoje passa a maior parte do tempo ministrando aos que já são membros do corpo e que deveriam ter sido discipulados anos atrás. Como não foram discipulados, estão despreparados para ir ao mundo e discipular outros. Eles vêem uma nítida separação entre o mundo da igreja e o mundo onde trabalham.

Contudo, para a igreja primitiva, esses dois mundos se misturavam, porque eles não viam a igreja “reunida” como a essência da igreja. Em vez disso, percebiam como essência da igreja, ela mesma espalhada no mundo, como o “sal”, buscando outros discípulos.

A igreja do Novo Testamento foi organizada com o propósito de missão, enquanto a igreja atual freqüentemente parece mais ocupada com a conservação dos santos. O resultado é que a maioria das igrejas gasta a maior parte de seu tempo, energia, talentos, e dinheiro simplesmente tentando sobreviver. Porém essa não é a visão que Deus tem para a igreja. A visão de Deus é de uma igreja em constante crescimento, que se move para além de suas paredes, em direção ao mundo que desesperadamente necessita da mensagem salvadora do discipulado em Jesus. O chamado de Jesus é para sairmos de nossa área de conforto em busca daqueles que não O conhecem. Assim como Jesus deixou o esplendor do Céu para nos salvar, nós somos chamados para deixar o abrigo confortável de nossas igrejas e levar Cristo para o mundo real, além das nossas fronteiras.

Contudo, parece que uma mentalidade bairrista tomou conta da igreja atual. Nossos membros parecem estar satisfeitos em “brincar de igreja”, enquanto Roma queima. Os cristãos vivem em um ambiente de igreja, onde todos os seus amigos também estão “seguros”. Suas atividades extracurriculares se centralizam na igreja, e programas são oferecidos para eles nas dependências da igreja. O “discípulo” contemporâneo, de certa forma, separou sua obra no mundo de sua obra para Cristo. Portanto, a média dos cristãos não vê função missionária em sua vida no mundo durante a semana.

Com esta separação entre o mundo do trabalho e o mundo da igreja, os cristãos exercem pouco impacto no mundo que os rodeia. E os que estão fora da igreja têm-na descartado como sendo algo fora da realidade do mundo presente – como uma relíquia do passado. Tal é o

resultado natural da negligência para com a missão de Cristo. Igrejas que deveriam estar centralizadas na missão, em vez disso, estão centralizadas em si mesmas, e pouco crescimento está ocorrendo. Como observou Kent Hunter:

Quando não ocorre crescimento, a culpa não é da comissão de Deus. É da omissão das pessoas. Sempre que o organismo vivo, a igreja, não estiver saudável e crescendo, é porque as pessoas falharam em seguir o Mestre. Esqueceram-se de seguir a vontade do Mestre... Felizmente existe o arrependimento. O crescimento da igreja ocorre quando o povo de Deus se afasta da omissão e segue a comissão de Deus.⁸

UMA IGREJA OBEDIENTE

A Igreja Adventista sempre afirmou ser a igreja remanescente de Deus. Poderia ser verdade que uma igreja não pode afirmar ser a igreja remanescente, se não guardar os mandamentos de Cristo? Isso significaria que para ser o remanescente de Deus, a igreja deve obedecer à Grande Comissão, que exige fazer discípulos como o objetivo principal da missão. Qualquer igreja que não faça isso não pode afirmar ser o remanescente. Tal igreja desobediente precisa se arrepender de sua omissão – da falha em cumprir a Grande Comissão. Não seria hora das igrejas adventistas se perguntarem se estão sendo fiéis, ou não, à comissão de Cristo? E se não estiverem, não deveriam se arrepender de sua desobediência? A hora está muito avançada para permitir que a igreja continue na indiferença de Laodicéia enquanto o mundo perece. É tempo de profundo arrependimento pelo pecado da omissão – falha em cumprir o grande desejo do coração de Jesus – fazer discípulos entre todos os povos.

A necessidade da igreja hoje é reconquistar a noção de missão que impulsionou a igreja primitiva a fazer discípulos – a missão centralizada no cumprimento da Grande Comissão. A igreja hoje não deve desenvolver uma teologia de simplesmente buscar o perdido, mas uma que se

centraliza em fazer discípulos. A obra da igreja não é simplesmente proclamar as boas-novas, mas também trazer os perdidos a Cristo – ela deve transformá-los em discípulos no mais verdadeiro sentido bíblico. A igreja primitiva não só procurava os perdidos, ela os encontrava. A igreja crescia rapidamente porque eles viam que sua responsabilidade principal era encontrar os perdidos e transformá-los em discípulos.

A INTERNACIONALIZAÇÃO DA IGREJA

O propósito do Mestre, de fazer discípulos, deveria ser cumprido entre todas as nações. Se deviam ser encontrados discípulos entre todas as nações, isso significava que o cristianismo não devia estar localizado no judaísmo, mas deveria ser transformado numa igreja internacional. Essa internacionalização da igreja ocorreu rapidamente na experiência do cristianismo primitivo. Já durante os dias dos apóstolos, o cristianismo deixara de ser uma seita judaica e havia se tornado uma igreja internacional que apelava através de linhas culturais.

Essa internacionalização da igreja não poderia ter ocorrido, a não ser que o cristianismo se tornasse culturalmente relevante às várias nações. Se a igreja tivesse insistido que a prática do cristianismo se conformasse com os costumes judaicos, teria sido difícil cumprir a ordem de Cristo.

IGREJA E CULTURA

O primeiro vislumbre de diferenças culturais ocorre em Atos 6, pouco depois do Pentecostes, quando cristãos helenistas reclamaram que a comunidade aramaica estava negligenciando suas viúvas na distribuição diária.⁹ É interessante notar que não foi a comunidade aramaica que reclamou, mas sim a comunidade grega. Por quê? A comunidade aramaica seria os cristãos originais – a comunidade grega seria o grupo mais recente. Apesar de ambos serem de origem judaica, havia diferenças culturais que precisavam ser tratadas.

O exemplo mais marcante da igreja primitiva tornando-se culturalmente relevante aos grupos que eram evangelizados é visto no concílio em Jerusalém (Atos 15). A rápida expansão do cristianismo além de suas raízes judaicas, especialmente pelos esforços do apóstolo Paulo em seu ministério aos gentios, havia resultado no estabelecimento de muitas igrejas cristãs entre pessoas que não tinham origem judaica. Deveriam os costumes judeus ser impostos a esses crentes? Em outras palavras, os gentios teriam que primeiramente se tornar judeus para serem cristãos?

Para responder a essa pergunta básica, a igreja tinha que definir o que era, em essência, cristianismo, e o que era cultural em sua expressão desse cristianismo. Uma das coisas mais difíceis para uma igreja fazer é separar cultura de essência. Atos 15 revela que a igreja primitiva foi capaz de fazer isso. Contudo, foi muito difícil para eles se ajustarem às várias expressões culturais e não considerarem tais expressões como apostasia da essência da fé. O resultado foi o aumento de discípulos por todo o mundo romano, e o cristianismo deixou de ser uma seita judaica. Logo os conversos gentios ultrapassaram em número os conversos judeus.

Da mesma forma, o adventismo experimentou a internacionalização da igreja. Com nossa origem na América do século 19, era fácil impor a bagagem cultural da América do Norte ao desenvolvimento do adventismo em todo o mundo. Porém, enquanto o adventismo se internacionalizou, várias expressões culturais de nossa fé se desenvolveram entre as nações e nas nações. Tem sido difícil para os norte-americanos entenderem as várias diferenças culturais entre os adventistas em várias partes do mundo. Queremos que eles se comportem exatamente como nós. Durante a maior parte da história da Igreja Adventista, a América do Norte controlou a igreja e, portanto, controlou a diversidade cultural. Contudo, como a igreja cresceu internacionalmente

a ponto de superar os norte-americanos, em número, à razão de dez para um, a América do Norte não pode mais controlar a igreja. Isso ficou bem claro na assembléia da Associação Geral em Utrecht (1995).

Conforme o adventismo se tornou nativo às culturas locais, e a liderança local assumiu, a igreja cresceu muito mais rapidamente do que quando estava sob o controle norte-americano. Ocorreu no adventismo o mesmo fenômeno que ocorrera na igreja primitiva, revelando novamente que a igreja cresce mais quando é controlada pela liderança local e expressada na cultura local.

O desafio da Igreja Adventista, no século 21, não é mais se a América do Norte permitirá ou não a expressão da fé com diferenças culturais no terceiro mundo, mas se o terceiro mundo tentará impor sua cultura na América do Norte e desse modo impedir que a América do Norte tenha uma fé culturalmente relevante. Esperamos que o terceiro mundo que agora controla a igreja não cometa o mesmo erro que a América do Norte cometeu inicialmente, quando tentou impor sua expressão cultural da fé para o terceiro mundo.

Enquanto o adventismo tem se adaptado a várias culturas, diferentes expressões culturais dele foram desenvolvidas em todo o mundo. O culto, especialmente, é diferente em muitas igrejas adventistas que não são norte-americanas, e até mesmo na América do Norte. Isso é perturbador para muitos adventistas norte-americanos, os quais vêem essa diversidade como apostasia da fé. O problema com o qual lutam é muito semelhante ao problema experimentado pelo cristianismo primitivo. Eles precisam aprender a separar cultura da essência de sua fé. Falhar em fazer essa separação vai reprimir o crescimento da igreja de Deus. O maior desafio que a América do Norte enfrenta é se deve permitir diferentes expressões culturais dentro dela mesma.

Somente quando a igreja do Novo Testamento permitiu diferentes expressões culturais do cristianismo foi que ela pôde realmente se

tornar uma igreja internacional fazendo discípulos de todas as nações. Essas diferentes expressões culturais são absolutamente necessárias para o cumprimento da Grande Comissão. Porém, ao tornar o cristianismo culturalmente relevante, a igreja não deve aceitar e seguir culturas decadentes. Como todas as culturas, incluindo a anglo-saxônica norte americana, são decadentes, às vezes é difícil determinar o que é culturalmente aceitável e o que não é. A tendência da maioria é determinar aceitabilidade, segundo é definida pela cultura dominante. Contudo, biblicamente o único determinante do que é certo ou errado é a Palavra de Deus. Uma cultura só pode ser confirmada ou negada com base em sua conformidade com os princípios das Escrituras.

Deve haver um padrão objetivo pelo qual a cultura seja avaliada como certa ou errada. Para os adventistas esse padrão é a Bíblia, embora até as Escrituras nos sejam apresentadas sob a ótica cultural do Oriente Médio. Por isso é preciso considerar os princípios das Escrituras para se determinar o que é culturalmente relevante. Devemos nos lembrar que todas as culturas, incluindo a do Oriente Médio e a americana, são decadentes. A igreja que é culturalmente relevante é capaz de separar expressão cultural e essência das Escrituras.

Isso significa que a igreja culturalmente relevante não mudará a mensagem básica das Escrituras ou do adventismo, mas apresentará essa mensagem de forma significativa ao povo que está tentando alcançar. Por exemplo, o adventismo do fim do século 20 não usa o mesmo recurso visual que os mileritas e adventistas primitivos usavam. Aquele quadro em preto e branco com várias imagens proféticas não faria muito sentido em nossa sociedade atual. Em vez disso, usamos vídeos, computadores, slides, etc. – métodos que comunicam a mensagem da profecia à sociedade contemporânea. Usando essas técnicas modernas, esperamos tornar culturalmente relevante nossa apresentação à sociedade de hoje.

Algumas igrejas se prendem na maneira como fazem as coisas. Elas querem usar o quadro primitivo, e consideram apostasia qualquer outro método que não seja aquele usado pelos pioneiros. Obviamente nenhuma igreja hoje diria isso com relação ao quadro profético. Mas as igrejas hoje têm problemas com outras formas de expressão, movendo-se da área da metodologia ao teste de ortodoxia. Tal ponto de vista trará prejuízo à tentativa de alcançar a sociedade atual. A mensagem jamais deve mudar – é o evangelho eterno – mas a maneira como é apresentada deve constantemente ser adaptada aos vários grupos que estamos tentando alcançar. Isso é o que significa ser uma igreja culturalmente relevante. Paulo deixou bem claro que a igreja deve ser culturalmente relevante, caso realmente queira alcançar as pessoas entre todos os vários grupos culturais do mundo:

Porque, sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. Procedi, para com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus; para os que vivem sob o regime da lei, como se eu mesmo assim vivesse, para ganhar os que vivem debaixo da lei, embora não esteja eu debaixo da lei. Aos sem lei, como se eu mesmo o fosse, não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo, para ganhar os que vivem fora do regime da lei. Fiz-me fraco para com os fracos, com o fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns. Tudo faço por causa do evangelho, com o fim de me tornar cooperador com ele.¹⁰

A estratégia de Paulo era tornar o evangelho culturalmente relevante para cada grupo que ele tentava alcançar. Paulo variava sua metodologia sem mudar a mensagem. Ele não comprometeu o que acreditava ser cristianismo básico meramente para alcançar as pessoas, mas, certamente, entendeu as partes que eram culturalmente neutras. Portanto, adaptou suas apresentações para ir ao encontro das pessoas na cultura onde viviam. De acordo com Paulo, qualquer estratégia que

não compromettesse o evangelho poderia e deveria ser usada para alcançar os perdidos.

Seria bem mais fácil se a igreja, hoje, tivesse uma visão profética do que constitui uma prática culturalmente aceitável do cristianismo. Em vez disso, ela precisa continuamente lutar com essa questão, e ao mesmo tempo tentar se manter afinada em relevância cultural com as culturas que procura alcançar. Essa é a parte difícil. É esse medo de comprometer a fé através da aculturação que a torna culturalmente irrelevante. A igreja precisa trabalhar arduamente para ser culturalmente relevante, sem comprometer sua fé.

ELLEN WHITE E INOVAÇÃO

Ellen White provê para a igreja atual o mesmo desafio que o apóstolo Paulo fez em seus dias. Conquanto fosse inflexível sobre a imutabilidade do evangelho, Ellen White continuamente estimulava a igreja a buscar novos métodos para alcançar as pessoas. Observe algumas de suas declarações:

Nas cidades de hoje, onde há tantas coisas para atrair e agradar, as pessoas não podem se interessar por métodos comuns... Envidem extraordinários esforços para atrair a atenção das multidões... Usem todos os meios que possam ser inventados para fazer com que a verdade se destaque clara e distintamente.

Os métodos e meios pelos quais atingimos certos fins nem sempre são iguais. [Você]... deve usar a razão e o discernimento... Diferentes métodos de trabalho devem ser empregados para salvar diferentes pessoas. Diferentes métodos de trabalho são realmente essenciais. Novos métodos devem ser apresentados.

Enquanto campo após campo for penetrado, novos métodos brotarão de novas circunstâncias. Novos pensamentos virão com novos obreiros que se entregarem ao trabalho. Ao buscarem ajuda divina, serão atendidos e receberão planos elaborados pelo próprio Senhor.

A organização da igreja... não é para determinar a maneira exata pela

qual devemos trabalhar... Não deve haver regras fixas, nossa obra é progressiva e deve ser deixado espaço no qual possamos melhorar os métodos.

Alguns dos métodos usados nessa obra serão diferentes dos que foram usados no passado. Nem por isso o caminho deve ser obstruído por críticas. Não deve haver críticas rudes, nem se deve desmanchar a obra dos outros.¹¹

Ellen White fala claramente sobre a utilização de variedade de métodos pela igreja. Ela até parece prever a oposição dos membros em relação às novas obras e os aconselha a não impedir que os novos métodos alcancem as pessoas. Ela sabia distinguir claramente entre mensagem e método, melhor do que muitas igrejas hoje. Enquanto se apegava tenazmente à essência do adventismo, ela impulsionava a igreja a desenvolver meios inovadores de alcançar pessoas. Pode a igreja do século 21 recusar seus conselhos?

Porém, necessitamos estar atentos para não comprometermos a fé. Igrejas que se esforçam muito pela aculturação, posteriormente se tornam tão semelhantes ao mundo que nenhuma diferença perceptível é vista. Essas igrejas param de crescer. Da mesma forma, igrejas que procuram acentuar a distância entre elas e o mundo se tornam tão diferentes que não se comunicam com o mundo. Tais igrejas também não crescerão. Os conselhos da Bíblia e de Ellen White nos estimulam a seguir o caminho do equilíbrio. O adventismo contemporâneo deve continuar mantendo suas fortes convicções bíblicas e, ao mesmo tempo, se tornar culturalmente relevante aos grupos que pretende alcançar.

Uma coisa contra a qual a igreja precisa se guardar, ao buscar tornar sua mensagem culturalmente relevante, é a tendência de se adaptar à cultura simplesmente porque “funciona”. Nossos motivos para relevância precisam brotar da consciência de missão da igreja primitiva e da Grande Comissão. O cumprimento da Grande Comissão em “todas as nações” exige uma igreja internacional, culturalmente afinada. A igreja não deve se adaptar à cultura apenas para ser relevante à

sociedade atual. Ela deve se adaptar pelo bem da missão de Cristo. Muito da atual aculturação está à parte da ordem da missão. Sensibilidade cultural só tem significado no contexto da missão.

A Grande Comissão e o foco missionário da igreja primitiva exigem uma igreja culturalmente relevante hoje. A igreja precisa edificar seu fundamento teológico na mesma base sólida explicada pelo apóstolo Paulo em sua teologia de relevância cultural expressada em I Coríntios 9.

DISCÍPULOS INDEPENDENTES DO PASTOR

A igreja primitiva não só desenvolveu uma abordagem culturalmente relevante porque queria cumprir a Grande Comissão. Ela também desenvolveu uma estratégia de crescimento baseada no conceito de fazer discípulos, em vez de conversos dependentes do pastor. O foco da igreja primitiva estava em fazer discípulos, de modo que as pessoas discipuladas se tornassem independentes e levassem o evangelho a outros.

Era esse foco que impulsionava a estratégia de Paulo de implantar igrejas, e de crescimento em todo o Novo Testamento. A estratégia de Paulo era a de implantar uma nova igreja em um novo grupo cultural. Ele ficava com a igreja tempo suficiente para assegurar o surgimento de discípulos, líderes treinados, e que os novos discípulos se ocupassem na reprodução de outros discípulos. Então, ele os deixava para formar outra igreja. Paulo não criava igrejas dependentes dele ou dos outros apóstolos. Recebendo o evangelho, elas também recebiam autoridade para disseminá-lo por todo o seu território e além. Desse modo, a igreja primitiva cresceu.

Se as igrejas do primeiro século tivessem surgido conforme o modelo atual, que designa um pastor para cuidar de cada nova congregação, o resultado teria sido igrejas fracas, compostas de cristãos imaturos que não eram discípulos. Mas essa não era a abordagem. Jesus ordenara que seu trabalho fosse fazer discípulos. Esses discípulos não eram conversos

mornos, mas discípulos no verdadeiro sentido da palavra, como Jesus a entendia. Um discípulo não dependente de outro cristão para permanecer espiritualmente vivo. Os cristãos do Novo Testamento conservavam sua espiritualidade viva, ao continuamente discipularem outros. Somente assim a fé podia ser mantida viva. Como Roland Allen observou:

*Onde as igrejas mais são auxiliadas, lá elas são fracas, sem vida e incapazes.*¹²

*Nada enfraquece mais do que o hábito de depender dos outros para coisas que devemos suprir a nós mesmos.*¹³

A igreja do Novo Testamento, e especialmente Paulo, entendia claramente a preocupação expressada por Allen, de que dependência gera cristãos fracos. Porém, a maioria das igrejas funciona no modelo de dependência. Muitos administradores são relutantes em implantar novas igrejas, simplesmente porque a igreja não tem dinheiro para fornecer um pastor a essa nova congregação. A igreja do Novo Testamento não estava preocupada com isso, pois não fornecia pastores para as congregações locais. Leigos das novas congregações eram escolhidos e treinados para liderá-las. A igreja local funcionava independentemente de pastores remunerados. Se a igreja do Novo Testamento endossasse o sistema de pastores remunerados responsáveis pelas congregações, seu crescimento teria sido anulado.¹⁴

O modelo da igreja cristã primitiva foi retomado pelos primeiros adventistas, que desenvolveram um ministério composto principalmente de evangelistas e plantadores de igreja. Durante os primeiros 50 anos da organização, não havia pastores responsáveis pelas congregações. Anciãos locais nutriam a igreja e a lideravam na evangelização do seu território. O ministério adventista nos primórdios era livre para evangelizar novos lugares e implantar neles novas igrejas. Uma vez que o adventismo adotou o modelo de dependência e designou pastores para congregações locais, o crescimento da igreja diminuiu. Um fato digno de nota no adventismo

é que as regiões do mundo que não apresentam significativo crescimento da igreja são aquelas, como a América do Norte, que adotaram o modelo de dependência. Áreas que ainda operam dentro do modelo pioneiro, em que pastores têm vinte ou mais igrejas e trabalham principalmente como evangelistas, mostram maior índice de crescimento.

Poderia haver alguma relação entre a falta de crescimento e a adoção do modelo dependente de pastorear? Este autor acredita firmemente que sim. É verdade que existem as diferenças culturais, mas a experiência demonstra que, quando uma igreja opera com o modelo bíblico, segundo o qual o pastor é o orientador e está livre para evangelizar, essa igreja cresce tanto quanto as igrejas do terceiro mundo. Em vez de aliviar nossa consciência apelando para fatores culturais, precisamos nos arrepender por falharmos em fazer discípulos radicais para Jesus. Em vez disso, criamos discípulos que dependem dos pastores para sustento espiritual.

Atualmente, nós sufocamos o crescimento de novas igrejas quando nomeamos para elas pastores que não são nativos. Por mais sinceros que esses pastores possam ser, eles não conseguem se relacionar ou entender a congregação recém-implantada. Portanto, imediatamente tentam conseguir o controle da situação e colocar os novos membros em um relacionamento de dependência deles mesmos. Isso abafa a nova igreja, evita o desenvolvimento do verdadeiro discipulado, e cria mais uma congregação dependente e estagnada. Se realizarmos a obra que Jesus requer na Grande Comissão – fazer discípulos – toda nova igreja deve ser capaz de existir por conta própria. Ouça enquanto Allen continua:

Se designamos um assalariado para ocupar o lugar de alguém que trabalha voluntariamente, paramos seu trabalho voluntário e reprimimos outros que poderiam tentar seguir seu exemplo.¹⁵

Se quisermos ver expansão espontânea precisamos estabelecer igrejas nativas, livres do nosso controle.¹⁶

Isso não é uma defesa do congregacionalismo, com cada congregação fazendo o que acha certo a seu bel-prazer. Significa que confiamos no trabalho que realizamos ao fazermos discípulos em uma nova igreja. Temos tanta certeza do que fizemos, que confiamos o cuidado e expansão dessa igreja à liderança leiga que foi designada. Não trazemos alguém de fora para ser senhor da igreja. Uma vez estabelecida, a igreja deve cuidar de si mesma. Se nomeamos um pastor, nós não completamos a obra de transformar novos conversos em discípulos.

O DISCIPULADO RADICAL

Paulo e os que seguiram seu exemplo passavam tempo considerável com uma igreja, fazendo discípulos e treinando a liderança local. Ele não enviava os líderes para ser treinados em outro lugar – treinava-os em seu próprio ambiente. O apóstolo Paulo modelou o método de Cristo de fazer treinamento prático:

Ele treinou uns poucos com quem mantinha relação pessoal íntima; nós treinamos muitos que simplesmente passam por nossas escolas com visão para uma prova e um compromisso. Cristo treinou Seus líderes no meio de seu próprio povo, para que a intimidade de sua relação com seu próprio povo não fosse maculada, e para que pudessem se mover livremente entre eles como um deles. Nós treinamos nossos líderes em uma estufa, e a intimidade com seu próprio povo fica tão maculada que jamais poderão viver como um deles, ou compartilhar de seus pensamentos.¹⁷

Alguns líderes se preocupam com esse plano. Eles temem que se não tivermos controle pastoral sobre as igrejas, facilitaremos a infiltração de heresias. Mas a igreja moderna, dependente de pastores, também não está imune a heresias. Ainda ocorre apostasia. Na verdade, é mais fácil surgirem heresias entre as igrejas que não estão envolvidas na missão. Allen responde a essa crítica sucintamente:

As grandes heresias na igreja primitiva surgiram não da rápida ex-

pansão resultante da obra desses professores desconhecidos; mas nas igrejas estabelecidas anteriormente e onde os cristãos não estavam tão envolvidos em converter os pagãos ao seu redor.¹⁸

Assim, com base teológica missionária, a igreja do Novo Testamento implantou igrejas que não eram dependentes de pastor. Essa base era a Grande Comissão que ordenou fazer discípulos. O termo discípulo, segundo os cristãos primitivos o entendiam através das palavras de Jesus, envolvia reproduzir crentes que estariam continuamente discipulando outros, sem a constante necessidade de cuidado e supervisão. Em outras palavras, a missão de implantar igrejas independentes do pastor surgiu de sua compreensão da ordem da Grande Comissão para fazer discípulos verdadeiros e radicais.

Também inerente à teologia da Grande Comissão encontra-se a estratégia prática da igreja primitiva de implantar igrejas entre todos os grupos de pessoas. A Grande Comissão não só ordenou que fossem feitos discípulos, mas especificou que fossem feitos entre todas as nações. Somente uma estratégia sólida de implantação de igrejas poderia realizar isso. O ato de Paulo em levar o evangelho ao mundo romano, e lá fazer discípulos, surgiu da teologia da Grande Comissão.

A GRANDE COMISSÃO E A IMPLANTAÇÃO DE NOVAS IGREJAS

Jesus ordenou a geração de discípulos entre todos os “*ethnos*”. Esse termo tem um significado mais amplo do que simplesmente “nações da terra”. Brown o define desta maneira:

“Ethnos”, derivado de “ethos”, costume, hábito, significa um grupo que é unido por costumes, um clã; então, multidão, povo. A palavra veio a ser usada de forma pejorativa como povo comum.¹⁹

Portanto, a Grande Comissão exige que sejam feitos discípulos em cada subgrupo de pessoas na Terra, especialmente entre o povo

comum. Uma igreja em uma nação ou cidade não alcançará todos os grupos. Por isso a igreja que é fiel à Grande Comissão estará implantando novas igrejas entre novos grupos de pessoas até que Jesus venha. Igrejas velhas murcham e morrem. Igrejas novas estão revigoradas e vivas. Portanto, se nós como denominação, falamos sério sobre cumprir a Grande Comissão, precisamos levar a sério a implantação de novas igrejas. Bob Logan observa:

*Acima de tudo isso está o fato de que jamais cumprimos a Grande Comissão sem a multiplicação de igrejas.*²⁰

Na realidade a implantação de novas igrejas é o objeto de toda estratégia de missão. E deve ser o alvo de toda congregação. Somente quando a prioridade de implantação de igrejas for restabelecida, e quando novas igrejas forem continuamente implantadas, é que verificaremos o crescimento fantástico visionado pela Grande Comissão. Porém, essas igrejas não devem ser estabelecidas no modelo de dependência pastoral, ou criaremos um pesadelo financeiro na igreja adventista. É necessária uma estratégia de implantação de igrejas totalmente nova – baseada na Grande Comissão –, que faça discípulos e que as mantenha sem um pastor. Bob Logan resume o crescimento que deveria ser esperado de uma estratégia agressiva de implantação de igrejas:

*Considere, por exemplo, a macieira. Geralmente consideramos a fruta da macieira como sendo a maçã, mas isso é somente uma parte da figura. A maçã é meramente um pacote de sementes que tem a intenção de produzir o fruto final – mais macieiras. O corpo de Cristo é como a macieira – produzindo discípulos individuais e mais congregações.*²¹

Por isso, no evangelismo, freqüentemente estamos muito preocupados em colher discípulos. Em vez disso, de acordo com Logan, devemos ver cada discípulo em potencial como a semente de muitos outros discípulos. Na realidade, cada novo converso poderia potencialmente se tornar o núcleo de uma congregação totalmente nova. O

que estamos sugerindo é o abandono do foco a curto prazo de nosso atual evangelismo e a compreensão de que precisamos focalizar nos resultados de fazermos discípulos que se reproduzirão. Cada discípulo novo traz o potencial para criar centenas de novos discípulos.

DISCÍPULOS INDEPENDENTES

A igreja primitiva colocou todos os seus recursos na realização de sua missão – fazer discípulos através da implantação de novas igrejas em novas comunidades. Todo crente na igreja primitiva era um fazedor de discípulos. Fazer discípulos não era algo limitado a pastores, era uma atividade leiga. A igreja primitiva cresceu não por causa de um talentoso pastorado, mas por causa de leigos comprometidos que tinham se tornado discípulos radicais de Jesus. Esse discipulado radical envolvia principalmente trabalhar para cumprir a missão de Cristo. Pelo fato de igrejas e discípulos serem criados com a idéia de serem independentes do pastor, todo treinamento ministrado ao novo crente ou à nova igreja era com a idéia de que o grupo logo viveria por conta própria. Eles educavam para a independência, enquanto nós educamos os leigos para a dependência do pastor.

Portanto, inerente à compreensão teológica da igreja primitiva estava o conceito de que cada cristão era envolvido no ministério. Em vez de criar uma igreja dominada pelos pastores, os cristãos do Novo Testamento, em obediência à Grande Comissão, criaram uma igreja dominada pelos leigos. O pastor remunerado expandia continuamente a igreja para novas áreas, mas a responsabilidade de expandi-la nas áreas onde a igreja já havia sido estabelecida era dos leigos.

Por quase duzentos anos, após o estabelecimento da igreja cristã, não havia edifícios para a igreja. Os crentes primitivos se reuniam nos lares, em pequenos grupos. Eles não colocavam seu dinheiro e recursos na manutenção de prédios e propriedades. Em vez disso, aplicavam

tudo no cumprimento da missão de Cristo. As igrejas eram pequenas pela necessidade de se reunirem nos lares. O líder de cada “igreja em casa” era um leigo, não uma pessoa remunerada do pastorado. Essa estrutura leiga inerente que a igreja primitiva possuía foi um dos principais motivos da rápida expansão e do crescimento fenomenal.

SUMÁRIO

Neste capítulo examinamos várias estratégias do Novo Testamento, empregadas pela igreja primitiva, a partir da sua compreensão da grande Comissão. Essas estratégias incluíam o seguinte:

1. Prioridade na missão da igreja.
2. Foco na implantação de novas igrejas.
3. Mensagem culturalmente embalada, designada a implantar o cristianismo num específico grupo cultural.
4. Modelo de igreja local independente de pastores locais.
5. Igreja que cresceu principalmente através dos esforços dos leigos.

A missão da igreja primitiva estava clara, e a Grande Comissão era seu principal modelador. Suas estratégias foram desenvolvidas em função da consciência da Grande Comissão. O resultado foi o rápido crescimento do cristianismo por todo o mundo. Somente quando a igreja retornar às suas raízes no Novo Testamento, fundada na Grande Comissão, é que poderá ser fiel ao Senhor nessa geração. Se professamos ser o povo de Deus que guarda Seus mandamentos, como podemos continuar sendo desobedientes à Grande Comissão? Como Bob Logan nos desafiou:

Portanto, obedecer à Grande Comissão não será apenas algo que você fará por qualquer que seja o benefício que virá à sua igreja. Nós inquestionavelmente precisamos fazer a tarefa simplesmente porque Deus assim ordena.²²

Notas:

1. Atos 2:41.
2. Ellen G. White, Atos dos Apóstolos, *Casa Publicadora Brasileira*, pág. 105.
3. Ellen G. White, Parábolas de Jesus, *Casa Publicadora Brasileira*, págs. 120 e 121.
4. James E. Lesslie Newbigin, *The Open Secret: Sketches for a Missionary Theology* [O Segredo Aberto: Planos para uma Teologia Missionária] (Grand Rapids: Eerdmans, 1978), citado em VanEngen, pág. 142.
5. VanEngen, pág. 70.
6. Ibidem, pág. 94.
7. Ibidem, pág. 126.
8. Kent Hunter, pág. 48.
9. Atos 6:1-4.
10. I Coríntios 9:19-23.
11. Ellen G. White, *Enacted Scenes*, Manuscript Release N° 145, Lançado em novembro de 1962 (White Estate).
12. Allen, pág. 354.
13. Ibidem.
14. Para uma argumentação sobre o papel dos pastores na época do Novo Testamento ser de implantadores de igrejas e evangelizadores e não pastores residentes, veja a obra do autor, "A Study of the Biblical Terms for Clergy and Their Historical Development in Christianity and Adventism". Pode ser adquirido de NADEL, 9047-3 US 31 N., Berrien Springs, MI 49103.
15. Allen, pág. 38.
16. Ibidem, pág. 5.
17. Allen, pág. 21.
18. Ibidem, pág. 48.
19. Brown, vol. 2, pág. 790.
20. Logan, pág. 194.
21. Ibidem, pág. 193.
22. Logan, pág. 192.



O que fazemos?

Desenvolver uma teologia de missão é uma coisa, colocá-la em prática é outra coisa totalmente diferente. Até aqui nós examinamos amplamente a Grande Comissão de Jesus em Mateus 28:16-20. Nos capítulos seguintes, pretendemos desenvolver uma aplicação prática da teologia da Grande Comissão. Precisamos ter idéias concretas para colocar a teologia da missão em ação dentro da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

O detalhado exame que foi feito até aqui mostrou que a Grande Comissão foi a razão para a organização da igreja cristã, sendo o fator principal por trás de todas as estratégias organizacionais enunciadas pela igreja primitiva. A razão para a existência da igreja só pode ser completamente articulada em vista da comissão que Jesus lhe deu. Foi para o cumprimento dessa comissão que a igreja foi “chamada para sair” do mundo, a fim de viver um relacionamento salvador com Cristo.

A Grande Comissão se levanta como a autorizada voz de comando do Senhor ressurreto à Sua igreja. Contudo, a comissão claramente indica que essa ordem não poderia ser cumprida por esforços humanos. A presença do Senhor ressurreto, através do Espírito Santo, estaria com a igreja em sua missão. Essa presença foi manifestada no Pentecostes e jamais foi retirada da igreja. O Espírito do Pentecostes ainda compele a igreja ao cumprimento da missão a todas as nações. A Grande Comissão não requeria somente a simples pregação da mensagem do Senhor ressurreto a todas as nações; ela ordenava fazer discípulos em todo o mun-

do. Os primeiros discípulos não deveriam simplesmente tomar decisões e então colocar as pessoas sob seu controle. Deveriam fazer discípulos que, por sua vez, fariam outros discípulos. Somente assim a igreja cresceria por multiplicação em vez de por adição.

Um discípulo era alguém disposto a suportar zombaria e perseguição por amor a Jesus; alguém que vivia em total submissão ao domínio de Cristo, abandonando tudo por amor ao Mestre. Era quem entendia e guardava os ensinamentos básicos de Jesus, bem como expressava Seu amor *ágape*. Finalmente, um discípulo era considerado alguém que criasse outros discípulos.

DISCIPULADO E BATISMO

Pelo fato de essa definição de discípulo ter sido claramente compreendida pela igreja primitiva, ela foi capaz de criar uma teologia e prática dirigida pela missão que a capacitava para cumprir a Grande Comissão. A igreja primitiva não aceitou a compreensão barata de discipulado de McGavran – “o inicial vir a Cristo”. Em vez disso, compreendeu o discipulado como uma vida totalmente dedicada a Cristo, entendendo Seus ensinamentos básicos, e vivendo de modo a refletir esses ensinamentos, especialmente no que se refere a produzir outros discípulos.

Uma vez tendo entendido esse conceito básico de discipulado, a pessoa era batizada na igreja. Era impossível ser batizado sem se tornar uma parte do corpo de Cristo, a igreja. Por quê? Porque o batismo não era só pelo perdão dos pecados; também significava a entrada do novo crente no ministério de Cristo. No Novo Testamento, todo ministério era realizado através do corpo, não independente dele. Portanto, todo novo converso era ordenado ao ministério em virtude de seu batismo.

A igreja primitiva vinculava o batismo ao envolvimento no ministério da igreja. Por causa desse claro fundamento teológico, era inimaginável o que alguns defendem atualmente – que alguém pudesse ser

batizado e não se unir à igreja. A união com Cristo através do batismo, após o crente ter sido feito discípulo, era realizada com o propósito de cumprir a Grande Comissão. Por isso, os cristãos primitivos não só batizavam seus conversos, mas os batizavam no corpo de Cristo:

Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gentios, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito.¹

As pessoas não são simplesmente batizadas; elas são batizadas no corpo. Para que propósito? O restante desse capítulo detalha um dos maiores estudos sobre dons espirituais nas Escrituras. A Bíblia ordena o batismo, no corpo de Cristo, para que os que assim são batizados sejam equipados com os dons espirituais que os capacitam a se envolverem no ministério de Cristo. Evidentemente, para os cristãos primitivos, o batismo estava inerentemente vinculado ao envolvimento do crente no cumprimento da missão de Cristo.

Batizar pessoas e não colocá-las em um ministério, segundo seu dom espiritual, é rejeitar o vínculo que a igreja primitiva e o apóstolo Paulo dão como fundamento de uma igreja centralizada em missão. As pessoas só podem desenvolver seus dons espirituais em conexão com a igreja. É por isso que Paulo vincula o batismo com a “unidade orgânica”, em I Coríntios 12. Não fomos levados a Cristo para sermos independentes uns dos outros. Fomos colocados juntos, num corpo, com o propósito de nos ajudarmos a desenvolver nossos dons espirituais, tendo em vista o cumprimento da missão.

A CERTEZA DA MISSÃO

Da conscientização da Grande Comissão da igreja primitiva, surgiu um mandato missionário que os seguidores de Cristo continuaram a cumprir. Essa ordem exigia que fosse dada maior prioridade à missão pela igreja. Todas as atividades eram julgadas com base na Grande Comissão.

Nenhum outro interesse cativava tanto a mente dos primeiros cristãos quanto o de fazer discípulos. Ellen White o descreve com essas palavras:

Um único interesse prevalecia. Um objetivo absorvia todos os outros. Todos os corações palpitavam em harmonia. O único empenho dos crentes era revelar a semelhança do caráter de Cristo e trabalhar pelo engrandecimento de Seu reino.²

Nessa igreja que tinha urgência em cumprir a missão, surgiu o apóstolo Paulo, implantando igrejas entre todos os grupos étnicos no Império Romano e assim cumprindo a intenção da Grande Comissão. E Paulo estabeleceu igrejas auto-suficientes, independentes dele e dos outros líderes cristãos. Seu motivo para criar um modelo eclesástico de leigos independentes originou-se na definição de discípulo dada por Jesus aos primeiros discípulos antes de lhes dar a Grande Comissão. Se Paulo tivesse sido um adepto de McGavran, ele teria criado igrejas dependentes. Mas ele acreditava na eficácia de uma igreja independente do pastor – uma igreja composta de discípulos vivos que fizessem outros discípulos.

Se a igreja adventista espera ser a genuína igreja de Jesus Cristo nesses últimos dias, precisa retornar ao modelo bíblico de igreja – o da Grande Comissão. Isso significa que o objetivo de nosso evangelismo deve ser copiado do modelo bíblico, não de populares modelos protestantes. Nosso alvo deve ser fazer discípulos, não apenas levar pessoas a adotarem uma crença em Cristo. Ir a Cristo é o primeiro passo, mas o objetivo de nosso Senhor é que os crentes se tornem discípulos.

Além disso, o mandato missionário nos deve compelir a fazer da Grande Comissão o centro de todas as nossas atividades, desde a igreja local até a Associação Geral. Devemos nos comprometer com uma estratégia de implantação de igrejas que é o principal objetivo da missão, ou seja, criar mais “macieiras”. Já produzimos “maçãs” por tempo suficiente. É tempo de multiplicar igrejas através de novas “macieiras”.

Essas novas igrejas não devem ser cópias dos modelos antigos, mas devem ser erguidas num novo paradigma – independentes do pastor – porque os conversos trazidos a essas igrejas foram feitos discípulos e não apenas membros de igreja. A igreja adventista deve se tornar novamente um movimento leigo.

Agora nos voltamos a uma compreensão prática de como realizar isso em nossas igrejas. A estratégia que vamos sugerir está completamente em harmonia com o objetivo da Grande Comissão. Portanto, envolverá fazer discípulos, batizar esses discípulos no ministério de Cristo, e ensinar ou treinar continuamente esses discípulos, envolvendo-os na reprodução de outros discípulos.

Notas:

1. I Coríntios 12:13.
2. Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, págs. 120 e 121.

A base da missão adventista

Em capítulos anteriores, descobrimos uma teologia bíblica de missão fundamentada na Grande Comissão dada por Jesus, que possui “toda a autoridade”. Essa missão, autorizada pelo Espírito Santo, capacitou a igreja do primeiro século a implantar a mensagem do Senhor ressurreto por todo o Império Romano em uma geração. Ela se centralizou em fazer discípulos entre os grupos de todos os tipos de pessoas. Para alcançar esse objetivo, a igreja, sem mudar sua mensagem básica, se adaptou continuamente às várias culturas que confrontou. Por causa da ênfase em fazer discípulos, seu foco estava em implantar igrejas locais que não tinham pastores fixos. Ao contrário, essas igrejas eram dirigidas por leigos, que por sua vez discipulavam outros na região onde foram estabelecidas.

VOLTA AOS PRINCÍPIOS BÍBLICOS

O adventismo professa ser um movimento bíblico. Afirmamos que a Bíblia é nossa única regra de fé e prática. Sendo assim, então precisamos ter uma teologia e prática de missão que esteja em completa harmonia com o modelo do Novo Testamento. Se o adventismo não estiver centrado no cumprimento da Grande Comissão, sua alegação de ser uma igreja do Novo Testamento não pode ser digna de confiança.

Não estamos defendendo aqui um sentido literal rígido, que

requeira a existência de doze apóstolos na igreja, somente porque assim era, em seus primórdios. Em vez disso, defendemos a criação de uma estrutura eclesiástica e estratégia evangelística em harmonia com os princípios do Novo Testamento. Esses princípios que foram delineados até aqui envolvem prioridade ao cumprimento da missão de Cristo e criação de discípulos, através da multiplicação de igrejas independentes de pastores. O modo de estabelecermos isso hoje pode ser diferente do Novo Testamento, porque nossa cultura é diferente; mas o princípio permanece imutável. Essa variação na aplicação do princípio também é inerente no Novo Testamento, que defendia relevância cultural sem mudar o princípio básico ou a mensagem do Cristo ressurreto.

O adventismo primitivo foi motivado pelo desejo de cumprir a Grande Comissão. A estratégia evangelística que os primeiros adventistas desenvolveram, que é similar ao da igreja do Novo Testamento, praticamente se perdeu no atual adventismo norte-americano. Nossa preocupação não deveria ser recuperar apenas o espírito do adventismo primitivo, mas também o do cristianismo primitivo. Não queremos negligenciar nossos pioneiros adventistas, porque eles nos iniciaram no caminho certo, mas eles adquiriram seu conhecimento de uma igreja movida pela missão do próprio Novo Testamento. Em vez de nos contentarmos com uma abordagem de segunda mão, fazemos melhor em copiar seu exemplo de desenvolver uma estratégia evangelística de percepção missionária como é vista na igreja do Novo Testamento. A missão adventista foi alimentada mais por Mateus 24:11 do que pela Grande Comissão em Mateus 28:16-20. A igreja não tem ignorado a Grande Comissão, mas seu enfoque tem sido em Mateus 24:14:

E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então virá o fim.

CUMPRIMENTO DA MISSÃO E A SEGUNDA VINDA

No coração da missão adventista encontra-se a pregação da mensagem de Cristo a todas as nações para apressar o Seu advento. A segunda vinda de Cristo tem sido a fagulha que acendeu a missão adventista por mais de cento e cinquenta anos. Às vezes, a motivação principal para essa missão é a conclusão da Obra de Cristo, para que Ele venha, em lugar da salvação dos perdidos. O último motivo não é negligenciado; mas ele não é a principal motivação na mente da maioria das pessoas. O resultado é que desenvolvemos um conceito egoísta de missão. Tornamo-nos mais preocupados em alcançar os perdidos para que nós mesmos possamos ir para o Céu, em vez de buscar alcançá-los por amor a eles ou ao Senhor.

Entretanto, a preocupação de Jesus, como observamos nos capítulos anteriores, estava mais relacionada com a salvação de pessoas do que simplesmente no cumprimento da missão para que Ele possa voltar. A esperança da vinda de nosso Senhor, quando usada corretamente, pode ser uma tremenda fagulha para ajudar a igreja a se concentrar na responsabilidade de sua missão. Se, como os adventistas acreditam, o fim do tempo da graça e a vinda de Cristo estão próximos, é essencial que sejam feitos discípulos por todo o mundo. Jesus está vindo! Os que não forem discípulos estarão perdidos! Tal pensamento é insuportável, especialmente se os perdidos forem pessoas conhecidas. Portanto, todos nós devemos estar envolvidos em fazer discípulos no fim dos tempos. A motivação dos últimos dias deveria ser a de alcançar os perdidos, porque Jesus está vindo; e não só para realizar a tarefa, a fim de que possamos ir ao lar.

A missão adventista só pode ser propriamente compreendida no contexto de nossa esperança no retorno do Senhor. Vemos nossa igreja como tendo sido suscitada por Deus para proclamar uma mensagem especial e única para todo o mundo. Essa mensagem não é só o anúncio

das “boas-novas” da salvação em Cristo, mas é também a “boa-nova” de que o Redentor está prestes a vir novamente! A mensagem do adventismo foi planejada por Deus a fim de preparar um povo para encontrar seu Rei que retorna – um povo que foi verdadeiramente discipulado. A mensagem de preparação do adventismo se encaixa bem com a descrição que Jesus fez de discípulo. A definição previamente apresentada de discípulo é o que os adventistas devem querer dizer quando afirmam que as pessoas devem estar preparadas para a vinda de Cristo.

Muito freqüentemente, membros da igreja bem intencionados têm desenvolvido uma lista de checagem de coisas que é necessário fazer com vistas ao preparo para a vinda de Cristo. Dependendo da pessoa, essa lista pode variar desde não comer queijo até o uso de suspensórios. Não pretendemos anular qualquer conselho sobre saúde ou vestuário. A questão aqui é que Deus não emitiu listas de checagem de preparação para a eternidade. Ele ordenou fazer discípulos, que Jesus define mais como comprometimento à Sua pessoa do que a uma lista de checagem legalista. Às vezes, parece mais fácil viver de acordo com uma lista de checagem do que viver uma vida que mostra ao mundo a supremacia de Jesus Cristo em nossa vida. Isso é discipulado.

Se a função da igreja adventista nesses últimos dias for produzir discípulos que estejam prontos para encontrar-se com Jesus, porque sua vida está totalmente entregue a Ele, essa obra é idêntica à dos cristãos primitivos que saíram para fazer discípulos. Ela simplesmente se tornou mais urgente hoje por causa da proximidade da volta de Cristo. O teólogo Orlando Costas articula bem a missão adventista:

O alvo da evangelização não é simplesmente promover o crescimento da igreja ou meramente ajudar indivíduos a virem à salvação. Antes, o alvo absoluto da evangelização é tornar conhecido o reino de Deus manifestado em Jesus Cristo e feito presente pelo Espírito Santo. Ao assim fazer, a evangelização prepara o caminho para a revelação do reino da glória.¹

AS TRÊS MENSAGENS ANGÉLICAS

O segundo texto-chave para entendermos a missão adventista é Apocalipse 14:6-12. Essa passagem descreve uma mensagem especial dos três anjos, que é designada a preparar pessoas para a vinda de Cristo. Ela se tornou o coração do adventismo, a ponto de até usarmos a figura desses três anjos como logomarca da nossa igreja. A compreensão adventista de missão não pode ser separada das três mensagens angélicas. Enquanto Mateus 24:14 nos deu a comissão, Apocalipse 14:6-12 nos deu a mensagem para cumprirmos essa comissão.

Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a terra, e a cada nação, e tribo, e língua, e povo, dizendo, em grande voz: Temei a Deus e dai-Lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo; e adorai Aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas.

Seguiu-se outro anjo, o segundo, dizendo: Caiu, caiu a grande Babilônia que tem dado de beber a todas as nações do vinho da fúria da sua prostituição.

Seguiu-se a estes, outro anjo, o terceiro, dizendo, em grande voz: Se alguém adora a besta e a sua imagem e recebe a sua marca na fronte ou sobre a mão, também esse beberá do vinho da cólera de Deus, preparado, sem mistura, do cálice da sua ira, e será atormentado com fogo e enxofre, diante dos santos anjos e na presença do Cordeiro. A fumaça do seu tormento sobe pelos séculos dos séculos, e não têm descanso algum, nem de dia nem de noite, os adoradores da besta e da sua imagem e quem quer que receba a marca do seu nome. Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus.²

Em outro capítulo, examinaremos essa passagem com maiores detalhes ao focalizarmos as apresentações doutrinárias adventistas como parte de nossa missão. Neste capítulo, desejamos ver esse texto como uma extensão de Mateus 24:14 e Mat. 28:16-20. Na verdade, ele combina o foco das duas grandes afirmações de Jesus sobre missão.

Se nos concentrarmos exclusivamente em Mateus 24:14, nossa compreensão de missão será principalmente proclamação. Nesse sentido, uma vez que o evangelho seja proclamado, quer seja aceito quer não, a missão seria cumprida. Porém Mateus 24:14 não pode ser isolado do alvo da Grande Comissão em Mateus 28:19, que é fazer discípulos. A beleza da passagem das três mensagens angélicas em Apocalipse 14 é que ela agrupa numa combinação completa todos os elementos dos dois textos em Mateus. Aqui está a proclamação mundial do evangelho eterno. Essa proclamação produz resultados: paciente perseverança em santos que guardam os mandamentos de Deus e têm a fé em Jesus. Como a Grande Comissão de Jesus em Mateus, o objetivo das três mensagens angélicas é produzir pessoas que guardem os mandamentos de Deus. É claramente uma passagem que faz discípulos.

Além do objetivo de fazer discípulos dessa passagem, ela tem a urgência expressada em Mateus 24:14. Essa mensagem especial do evangelho eterno deve ser proclamada em vista da iminência do advento. Seus avisos apocalípticos são usados para dar urgência à obra de preparar pessoas que guardam os mandamentos de Deus e que permanecem fiéis a Jesus.

Como o foco da missão adventista tem estado no cumprimento das três mensagens angélicas, tendemos a olhar para esse texto como sendo principalmente de proclamação. Como resultado, nos concentramos em dar uma mensagem cognitiva ao mundo, que pode aceitá-la ou rejeitá-la. Em vez disso, precisamos começar a olhar para esse texto e sua grande mensagem como um instrumento para preparar indivíduos para a vinda de Cristo. Dar a mensagem não é o alvo da nossa missão. O foco da nossa missão é fazer discípulos que estejam prontos para encontrar Jesus quando Ele vier. Somente ao nos concentrarmos no desenvolvimento das pessoas é que podemos ver a importância da mensagem cuja transmissão ao mundo Deus nos confiou.

Esses elementos sempre estiveram presentes no evangelismo adventista. Todavia, temos agido como se nossa missão fosse apenas dar testemunho de proclamação de verdades cognitivas. Não temos utilizado essas verdades para ajudar homens e mulheres a focalizarem o desenvolvimento de uma espiritualidade que os ajudará a se tornarem cristãos maduros. Minha idéia é que mudemos o foco da nossa aplicação da verdade, para que nossas verdades realmente desenvolvam discípulos, em vez de pessoas que meramente crêem num conjunto de doutrinas.

O adventismo, então, precisa ver como base de sua missão a passagem de Apocalipse 14:6-12. Porém, as três mensagens angélicas só podem ser devidamente compreendidas tendo como fundamento a Grande Comissão. Apocalipse 14 deve ser visto como uma extensão do comentário de João sobre a Grande Comissão, enquanto ela é desenvolvida nos últimos dias da história da humanidade. O alvo das três mensagens angélicas é idêntico ao alvo da Grande Comissão: fazer discípulos que guardam os mandamentos de Deus e que permanecem fiéis a Jesus. Tais pessoas são discípulos cristãos, maduros, e espiritualmente desenvolvidos, que estão no mais amplo sentido, prontos a encontrar Jesus quando Ele voltar.

Notas:

1. Orlando Costas, *Liberating News: A Theology of Contextual Evangelization* [Novas Libertadoras: Uma Teologia de Evangelização Contextual], Grand Rapids: Eerdmans, 1989), pág. 82.
2. Apocalipse 14:6-12.

O alvo da missão adventista

A missão adventista está enraizada e fundamentada na esperança da segunda vinda de Jesus Cristo. A base de sua missão tem sido e deve continuar sendo a pregação das três mensagens angélicas de Apocalipse 14 com o objetivo de preparar homens e mulheres para a vinda do Senhor. Essa compreensão de missão dá urgência e direcionamento à missão da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Os 144 MIL

A igreja não só precisa entender o que desperta seu senso de missão, mas precisa entender o que ela espera realizar como resultado da proclamação das três mensagens angélicas. No capítulo anterior, sugerimos que o alvo da nossa missão deve ser preparar pessoas que sejam discipuladas e estejam prontas para encontrar Jesus quando Ele voltar. Esse produto final é inerente às três mensagens angélicas. Apocalipse 14:12 declara que essas mensagens produzem um povo que guarda os mandamentos de Deus e permanecem fiéis a Jesus. Neste capítulo, desejamos mostrar que esse é o alvo da missão adventista, presente em Apocalipse 14. Os adventistas também vêem uma relação entre a pregação dessa mensagem e os 144 mil mencionados nos primeiros cinco versos de Apocalipse 14:

Olhei, e eis o Cordeiro em pé sobre o monte Sião, e com Ele cento e

quarenta e quatro mil, tendo na frente escrito o Seu nome e o nome de Seu Pai. Ouvi uma voz do céu como voz de muitas águas, como voz de grande trovão; também a voz que ouvi era como de harpistas quando tangem a sua harpa. Entoavam novo cântico diante do trono, diante dos quatro seres viventes e dos anciãos. E ninguém pôde aprender o cântico, senão os cento e quarenta e quatro mil que foram comprados da terra. São estes os que não se macularam com mulheres, porque são castos. São eles os seguidores do Cordeiro por onde quer que vá. São os que foram redimidos dentre os homens, primícias para Deus e para o Cordeiro; e não se achou mentira na sua boca; não têm mácula.¹

Na compreensão adventista, os 144 mil são símbolo do povo que está preparado para encontrar Jesus por ocasião do segundo advento. Esse grupo não é exclusivo; pelo contrário, deve ser um grupo inclusivo de pessoas de todas as nações da Terra que estão prontas para encontrar seu Rei vindouro. Os adventistas entendem que a pregação das três mensagens angélicas tem como finalidade produzir o povo descrito nesses versos. Portanto, inerentes à mensagem dos três anjos devem estar os instrumentos para fazer discípulos. Se a mensagem produz essas pessoas, então está produzindo discípulos. Portanto, o alvo da missão adventista é produzir esse povo cujo número 144 mil simboliza a hoste dos remidos na segunda vinda de Jesus. Observe as suas características, do modo como João as enumera na passagem:

1. Esse grupo tem o nome do Pai escrito em sua testa (verso 1). Está vivendo em total sujeição a Deus; portanto, o Pai pode imprimir Seu nome em cada um deles, significando que Lhe pertencem totalmente. Somente aquele que pertence totalmente a alguém pode levar o nome desse alguém. Portanto, devemos assumir que esse grupo está completamente submisso à soberania de Cristo em sua vida.

2. Os 144 mil foram remidos (verso 3). Pertencem a Deus, porque foram comprados pelo sangue vertido no calvário. Somente pecadores

comprados por sangue podem estar prontos para encontrar a Jesus. O chamado do Mestre não é apenas para ser discípulos, mas discípulos que aceitaram completamente a Jesus Cristo como Salvador. Esse é o fundamento de nosso discipulado.

3. Eles possuem uma fé pura. Em contraste com aqueles que receberam o vinho de Babilônia e participaram de seus adultérios, essas pessoas não estão corrompidas pela Grande Babilônia. Não participaram de seu vinho, nem adulteraram com ela. Apesar da dominante apostasia dos últimos dias que, segundo as Escrituras, quase poderia enganar os eleitos (Mateus 24:24), esses fiéis guardaram a fé pura de Jesus. Essa lealdade absoluta aos ensinamentos de Jesus surge de seu total comprometimento a Ele.

4. Eles seguem a Jesus completamente. Ao contrário daqueles que seguem a besta e sua imagem, o Apocalipse retrata um povo que segue plenamente a Jesus. Não só aprenderam, mas seguem tudo o que Jesus ordenou. A obediência é parte de sua vida, porque são discípulos que vivem em absoluto comprometimento à soberania de Cristo. Obediência não é uma “viagem de obras” para eles; é o resultado de entrar num discipulado radical com Jesus.

5. Os 144 mil permanecem diante do trono, sem mácula à vista de Deus. Não confiam em sua própria justiça, mas são santos porque foram remidos. Foram cobertos com a justiça de Cristo; portanto, o juízo os vindicou como prontos para encontrar Jesus e entrar no Céu. Esses discípulos não são “faz de conta” – são verdadeiros discípulos de Jesus, pessoas que fizeram dEle a prioridade máxima de sua vida.

As cinco características dos genuínos santos, prontos para encontrar Jesus no advento, são similares às características dos verdadeiros discípulos, segundo enumeradas por Jesus nos evangelhos. São pessoas que estão vivendo em total submissão a Cristo, seguindo-O em total obediência. Tudo que a Grande Comissão especifica está enume-

rado aqui com maior detalhe. Apocalipse 14:1-12 não só especifica o tipo de pessoas que são o objeto da missão da igreja no fim dos tempos, mas também cita a mensagem a ser pregada a fim de gerar crenças que viverão em completo discipulado com Jesus Cristo.

DISCÍPULOS RADICAIS NO FIM DOS TEMPOS

A mensagem adventista, resumida e centralizada em Apocalipse 14, foi especialmente criada por Deus para capacitar essa igreja a ser sincera com relação à Grande Comissão. Apocalipse 14 nos deu uma compreensão detalhada de discipulado. Não é mais um termo vago; tornou-se real para nós. Não há desculpas para sermos ambíguos sobre a missão. Apocalipse 14 esclareceu o discipulado para nós nestes últimos dias.

O preço do discipulado no fim dos tempos não é diferente daquele de qualquer outro período da história humana. Deus espera que Seus discípulos produzam mais discípulos genuínos e completamente comprometidos em todas as épocas da igreja. Isso é especialmente verdadeiro no fim dos tempos, quando Deus consumir a missão de Cristo com Sua segunda vinda. De todos os grupos cristãos preocupados em fazer discípulos, os adventistas do sétimo dia deveriam estar na liderança por causa de sua profunda compreensão da Grande Comissão, conforme elaborada nas três mensagens angélicas.

Se o alvo da missão adventista é produzir as pessoas descritas em Apocalipse 14:1-5, nossa estratégia evangelística deve seguir o modelo de Apocalipse 14:6-12. Precisamos pregar essa mensagem única no contexto da breve volta de Cristo. A ordem evangelística, originada na Grande Comissão e elaborada na mensagem de Apocalipse 14 deve ser a norma para o cumprimento de nossa missão. Por isso o adventismo jamais pode se contentar em levar pessoas a Cristo, sem levá-las ao discipulado pleno. A missão adventista só pode ser entendida tendo como fundo Apocalipse 14 e a ordem de fazer discípulos da Grande Comissão.

Desse modo, o modelo da metodologia evangelística adventista deve ser direcionado para fazer discípulos. Como muitas igrejas hoje se concentram em ganhar membros, e receber em comunhão pessoas que simplesmente aceitaram a Jesus como Salvador, elas não têm feito discípulos. Os adventistas não podem seguir as estratégias populares de crescimento cujo objetivo principal é levar alguém a Cristo e nada mais. O chamado que Deus deu a essa igreja não é só conduzir pessoas a Jesus, mas levá-las a um discipulado radical. Se não evangelizamos segundo esse modelo, estamos falhando e não somos diferentes de muitas outras igrejas. O que torna único o adventismo é sua compreensão de discipulado.

DISCIPULADO E BATISMO

Nos últimos anos, a escola McGavran de crescimento da igreja tem tido significativa influência no meio adventista. Isso nos ajudou a novamente nos concentrar na missão. Nesse sentido, podemos ser genuinamente gratos. Contudo, um aspecto do pensamento de McGavran criou um resultado negativo, e isso é sua definição de discípulo limitada à iniciação das pessoas no conhecimento de Cristo.

Como resultado de terem aceito essa definição, muitos no adventismo agora estão sugerindo que o alvo de sua missão é simplesmente levar as pessoas à fé em Cristo, em vez de as tornarem membros da igreja. Sugerem que os dois alvos sejam separados: primeiro, devemos trazer as pessoas a Cristo e batizá-las. Depois, ao serem instruídas na mensagem do adventismo, elas podem ser conduzidas à condição de membro, caso desejem. Esse divórcio entre o discipulado radical e os requisitos para o batismo finalmente causará uma missão enfraquecida e defeituosa.

Um batismo dissociado da decorrente aceitação de alguém como membro da igreja é estranho e contrário ao Novo Testamento, que vincula o batismo com o rito de iniciação como membro da igreja.² É tam-

bém estranho e contrário às instruções de Cristo em Mateus 28:19, segundo as quais Seus seguidores devem ir e fazer discípulos. Isso Ele tinha previamente definido como muito mais do que aceitação de Si mesmo. Jesus declarou que esse “discipular” deve ser feito antes do batismo. Uma vez que a pessoa se tornou um discípulo, ela deve ser continuamente ensinada e instruída com relação a viver como um discípulo, gerando outros discípulos.

A compreensão de McGavran sobre discipular também está fazendo com que os adventistas percam o foco de Apocalipse 14:1-12 como alvo e mensagem do adventismo. Se o alvo é simplesmente levar pessoas a uma fé embrionária em Cristo, então nossa metodologia evangelística não precisa enfatizar a breve volta de Jesus nem a preparação para esse grande evento. A igreja pode simplesmente levar pessoas à fé em Cristo, à parte do comprometimento e esperança de que elas posteriormente entrem para um discipulado completo. Isso é contrário à Grande Comissão, que exige o fazer discípulos como pré-requisito do batismo. A entrada de cristãos fracos na igreja, que não entraram num discipulado radical com Jesus, será o resultado final de uma estratégia evangelística que só enfatiza a aceitação de Cristo como Salvador e não comprometimento a Ele como Senhor. Esses cristãos fracos posteriormente enfraquecerão o testemunho vivo da igreja.

WESLEY E WHITFIELD

O adventismo deve retornar às suas raízes Wesleyanas. Wesley e Whitfield pregaram na mesma época. Ambos foram evangelistas de sucesso, porém muitos dos conversos de Whitfield não permaneceram, enquanto os de João Wesley floresceram. A diferença se encontra em suas metodologias evangelísticas. Whitfield levava seus ouvintes somente à aceitação de Cristo, enquanto João Wesley se concentrava em envolver os conversos nas reuniões de classes onde pudessem ser transformados em discípulos.

*Raramente (se é que alguma vez) ele convidou pessoas a aceitarem a Cristo e se tornarem cristãos no ato. ... Mais freqüentemente, ele convidava as pessoas a se unirem à classe – às vezes uma classe nova que iria se reunir naquela noite.*³

Já que Wesley procurava fazer discípulos, seu método estava mais em harmonia com a Grande Comissão do que o método de Whitfield. A compreensão adventista de missão está muito mais em harmonia com Wesley do que com Whitfield. Esse é um dos motivos do espantoso crescimento do adventismo. Através dos anos, temos enfatizado o discipulado como base para se tornar membro em vez de uma simples aceitação de Cristo. Por isso temos conseguido conservar a colheita que Deus nos enviou mais do que aquelas igrejas que não têm enfatizado o discipulado. Agora, porém, estamos cada vez mais ameaçados com a perda de conversos. Quanto mais ênfase colocarmos na aceitação de Cristo como base para se tornar membro e quanto menos ênfase colocarmos no discipulado radical, maior será o número de pessoas que deixarão de permanecer na igreja. Isso é resultado direto da atual metodologia evangelística adventista, que coloca menos ênfase no discipular. Começamos a seguir o caminho de Whitfield em vez do de Wesley.

*“Meu irmão Wesley agiu sabiamente. As almas despertadas pelo seu ministério foram reunidas em classes, e assim ele preservou os frutos de seu trabalho. Isso eu negligenciei, e meu povo é um cordão de areia”. (Citado em Ayling, 1979, pág. 201).*⁴

O adventismo é *wesleyano* em sua compreensão de evangelismo. A atual tendência é esquecer nossas raízes *wesleyanas* e mudarmos para uma compreensão de evangelismo calvinista de Whitfield. Por causa da teologia calvinista de Whitfield, ele achava que uma vez que as pessoas aceitassem a Cristo, elas estavam predestinadas a serem salvas. Portanto, havia pouco o que fazer na área do discipulado, uma vez que essas pessoas já faziam parte dos remidos. Essa teologia não

devemos copiar. Somente ao nos concentrarmos em fazer discípulos radicais é que podemos cumprir a missão de Cristo, dada aos discípulos originais e mais elaborada na mensagem especial de Apocalipse 14 – as três mensagens angélicas – essa mensagem especial da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

É imperativo que a igreja adventista retorne a um modelo de igreja que faz discípulos, se realmente leva a sério o cumprimento de sua missão, como foi delineada em Apocalipse 14:1-12 e Mateus 28:16-20. O capítulo seguinte examinará as maneiras através das quais a doutrina adventista, conforme enumerada na mensagem dos três anjos de Apocalipse 14, prepara pessoas para o discipulado.

Notas:

1. Apocalipse 14:1-5.
2. I Coríntios 12:13.
3. George G. Hunter III, *To Spread the Power: Church Growth in the Wesleyan Spirit* [Para Disseminar o Poder: O Crescimento da Igreja no Espírito Wesleyano] [Nashville: Abingdon Press, 1991], págs. 56 e 57.
4. George Hunter, pág. 126.

Doutrinas produzem discípulos

Os capítulos anteriores examinaram o conceito de que a base da missão adventista é o cumprimento da Grande Comissão no contexto da breve volta de Jesus. Também observamos que o alvo da missão adventista é produzir discípulos genuínos que estejam preparados para o advento. Essa compreensão de missão foi desenvolvida por causa da percepção adventista de Apocalipse 14:1-12. Nós acreditamos que o cumprimento dessa mensagem é a responsabilidade especial da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

No capítulo anterior, foi mencionado que Apocalipse 14:1-5 descreve um povo que está pronto para o advento, e que os versos 6-12 descrevem a mensagem que deve ser proclamada para suscitar esse povo. Agora, desejamos examinar Apocalipse 14:6-12 numa tentativa de descobrir como as doutrinas proclamadas nas três mensagens angélicas produzem o povo discipulado de Apocalipse 14:1-5.

O primeiro anjo começa sua mensagem com a proclamação do evangelho eterno:

Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a Terra, e a cada nação, e tribo, e língua, e povo.¹

A linguagem usada aqui é semelhante àquela usada na Grande Comissão. Isso indicaria que as três mensagens angélicas são uma am-

pliação daquela comissão, na forma em que deve ser cumprida nos últimos dias. A mensagem tem início com um pronunciamento do evangelho eterno. O evangelho não muda. A mensagem indica que no fim dos tempos, logo antes do advento, o mesmíssimo evangelho que fora pregado no início do cristianismo terá que ser proclamado com poder.

Primeiramente e antes de mais nada, o adventismo tem uma mensagem evangélica a dar ao mundo. Apesar da ênfase deste livro em discipulado como pré-requisito para o batismo, ele não é a base de nossa salvação. Somente Cristo é nosso Salvador. O que defendemos aqui é uma mudança, não na base da salvação, mas na metodologia evangelística, para que seja mais direcionada a fazer discípulos do que a simplesmente chamar as pessoas a uma aceitação inicial de Cristo. O evangelho que proclamamos deve incluir comprometimento com Cristo, como Salvador e Senhor. É necessário que os novos convertidos entrem nesse discipulado radical com seu Salvador.

O evangelho é as “boas-novas” de que Jesus Cristo perdoa os pecados dos homens, pela virtude de Sua morte no Gólgota. É uma excelente notícia. Seres humanos nada podem fazer para assegurar o perdão dos pecados – somente Cristo, por Seu sacrifício, pode fazê-lo. Os pecadores são feitos justos não pelas obras que realizam, mas somente pela virtude do sangue derramado de Jesus.

Os adventistas não devem pregar um novo evangelho. Se temos de cumprir Apocalipse 14:6-12, então precisamos pregar o evangelho eterno da salvação somente pela graça. Podemos fazer isso no contexto da breve volta de Cristo, mas não devemos, nem ousamos, acrescentar qualquer coisa como base de salvação, além da fé unicamente em Cristo. O discipulado deve ser realizado não como base para salvação, mas como fruto da salvação.

O passo inicial em preparar indivíduos para a volta de Jesus é guiá-los ao pé da cruz e a uma plena aceitação de Jesus. É Ele quem os

veste com as lindas vestimentas de Sua imaculada justiça, e provê salvação do pecado. Eles alcançam essa justiça não por mérito humano, mas somente pela graça de Deus.

Uma vez que as pessoas foram levadas a um relacionamento salvador com Jesus, elas precisam ser disciplinadas. O primeiro passo no discipular envolve comprometimento por parte do novo cristão de entrar em uma vida de discipulado, o que envolve a restauração da imagem de Deus. Os seres humanos foram criados física, mental e espiritualmente à imagem de Deus.² Contudo, essa imagem foi desfigurada pelo pecado. Gênesis 3:6 declara que o pecado foi concebido na mente humana mesmo antes de o primeiro casal provar do fruto proibido:

Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu e deu também ao seu marido, e ele comeu.

Comer o fruto foi o resultado natural de sua natureza caída. Desse modo, a humanidade, criada à imagem de Deus, caiu física, mental e espiritualmente. Fisicamente, Eva viu que a árvore era boa como alimento; espiritualmente, ela viu que a árvore era agradável aos olhos (os olhos são o símbolo da natureza espiritual);³ e mentalmente, ela viu que a árvore era desejável para dar entendimento. A queda de nossos primeiros pais foi completa. As tentações externas agora encontraram resposta no coração humano, e seus pés se viraram imperceptivelmente para o mal. O resultado da queda da natureza humana foi o pecado.

O plano de discipulado que Jesus deseja envolve a completa restauração de seres humanos à imagem de Deus, através da obra redentora de Cristo no Calvário. Jesus entrou na história humana como o exemplo perfeito. Seu desejo para a humanidade é nada menos que total restauração à imagem de Deus. Contudo, essa não é uma restauração orientada por “obras”. Ela é tornada possível somente pela vitória do próprio Cristo.

No deserto da tentação, Jesus passou pela mesma situação na qual nossos primeiros pais falharam. Todavia, Ele proveu total e completa vitória sobre o inimigo. Vencer a primeira tentação – de transformar pedras em pão – significou a vitória física. Como a humanidade caíra por um apetite pervertido, Jesus agora obtivera a vitória sobre o apetite pervertido pela raça humana. Ao aceitarmos Sua vitória, podemos ser fisicamente restaurados à imagem de Deus.

Na segunda tentação, na qual Jesus recusou a Se lançar do pináculo do templo, Ele obteve a vitória mental para a humanidade. Resistiu à tentação do orgulho presunçoso, que é a própria essência dessa tentação. Realizar um ato milagroso para que as pessoas O aclamassem Messias, somente para nutrir Seu orgulho próprio, teria sido exatamente a escolha oposta de alguém cuja mente está completamente restaurada à imagem de Deus. Ao tomarmos parte em Sua vitória, nós também podemos ser mentalmente restaurados à imagem de Deus.

Na terceira tentação, Jesus conquistou a vitória espiritual negando-Se a prestar adoração a Satanás. O coração da falsa adoração é a adoração de si mesmo. A essência do pecado, e que está no coração da rebelião de Lúcifer, centraliza-se na exaltação do eu. Ele constantemente desejou se exaltar.⁴ Ao aceitarmos a vitória de Jesus sobre o orgulho espiritual, podemos ser libertados da adoração da criatura e experimentar verdadeiramente a adoração ao Criador.

A vitória de Jesus foi completa em todos os aspectos – físico, mental, e espiritual. Tudo o que Adão perdeu com o pecado foi completamente restaurado em Cristo. Ele oferece Sua vitória aos que aceitam o evangelho eterno. Tem o direito de no-la oferecer por causa do Calvário. Desse modo, a vitória de Cristo deixa de ser simplesmente a luta de uma pessoa contra o pecado dois mil anos atrás. Cada indivíduo que aceita a Jesus tem o exaltado privilégio de entrar em discipulado radical com Ele e participar de Sua vitória.

É propósito do evangelho eterno implantar a vitória de Cristo na vida daqueles que O aceitaram como Salvador. Esse é o passo inicial no processo de discipulado para aqueles que foram restaurados a um relacionamento de concerto com Deus. Após terem aceitado a Jesus, os novos conversos precisam ser dirigidos à vitória através da qual Cristo deseja restaurar neles Sua divina imagem. Jesus não deseja simplesmente nos salvar em nossos pecados; Ele antevê completa vitória sobre o pecado para Seu povo através de Seu poder. Apocalipse 14:7 insinua que a restauração à imagem divina é resultado da proclamação do evangelho eterno do verso 6:

Dizendo, em grande voz: Temei a Deus e dai-Lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo; e adorai Aquele que fez o céu, e a Terra, e o mar, e as fontes das águas.

As três ordens desse verso: “temei a Deus”, “dai-Lhe glória” e “adorai” transmitem uma mensagem de restauração pregada no contexto do evangelho eterno em preparação para a volta de Cristo. O chamado para temer a Deus nessa passagem é similar à definição do sábio Salomão: “O temor do Senhor é o princípio da sabedoria”.⁵ Esse chamado contempla a restauração mental de pessoas remidas à imagem de Deus. Pede que pessoas remidas sejam discipuladas através da limpeza de sua mente – pensando no que é verdadeiro, respeitável, justo, puro, amável e de boa fama.⁶ Nesta época de tanta poluição mental, o chamado ao discipulado requer que aqueles que responderam ao evangelho purifiquem a mente meditando nos aspectos nobres de seu Senhor. Ao prepararmos pessoas para a vinda do Senhor, não podemos negligenciar o padrão cristão de santidade da mente.

O adventismo sempre defendeu altos padrões com relação a isso, mas é importante que esses padrões sejam apresentados como parte vital da obra que precisa ser realizada no que tange ao preparo de pessoas para a vinda de Cristo. Nesta época em que tantas imagens des-

pertam em nossa mente todos os tipos de vícios e pensamentos impuros, devemos enfatizar a manutenção da nossa pureza mental, em vez de simplesmente argumentar que as pessoas não deveriam ir ao cinema. Limpar a mente envolve tudo o que clama pela atenção da pessoa. Tudo o que substituiria Cristo na mente deve ser descartado. Dessa forma, o padrão de reforma mental se torna uma questão maior do que alguém ir ou não ao cinema.

Quando esses princípios são defendidos, a maioria das pessoas imediatamente começa o processo de reforma da mente sem a menção de específicos. Escrevo este livro durante a realização de uma série de reuniões evangelísticas. Desde a primeira noite, temos defendido os princípios de reforma mental. Esta manhã, uma das visitas mencionou que decidiu pedir o cancelamento de alguns canais de sua TV a cabo. Não fizemos nenhuma referência específica a eles; mas a pessoa compreendeu que Jesus precisa ter completo controle de seus pensamentos, e decidiu eliminá-los.

O que estou defendendo aqui é uma elevação de padrões. Em vez de simplesmente apresentar doutrinas, como uma fria lista de “pode e não pode fazer”, nós apresentamos os grandes princípios da Palavra de Deus e permitimos que as pessoas usem a mente para fazer escolhas certas. Elas devem fazer tais escolhas como discípulos radicais de Jesus, mentalmente restaurados à imagem de Deus.

A segunda ordem de Apocalipse 14:7 convoca as pessoas a darem glória a Deus. Conquanto haja muitas maneiras de se fazer isso, o apóstolo Paulo menciona uma que não deve ser negligenciada:

Acaso, não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo.⁷

O chamado para glorificar a Deus está claramente identificado

com a restauração física da humanidade, porque o corpo é o templo de Deus. Observe que o conceito do corpo como templo divino está no contexto do povo remido, comprado com o preço do Calvário. Cristo encontrou habitação permanente no corpo dos remidos do Senhor. Essas pessoas remidas respeitam seu corpo como local de habitação de Deus. Elas demonstram seu respeito ao cuidarem de seu templo corporal e ao se absterem da imoralidade sexual.

É nesse contexto que os adventistas devem promover sua filosofia de saúde; cuidando do templo corporal através da abstenção de tudo que é nocivo, e do uso moderado daquilo que é bom. Isso é visto como parte da restauração física à imagem de Deus. Novamente salientamos que isso jamais deve ser apresentado como meio de salvação, já que a mensagem para cuidar do templo do corpo é dirigida aos remidos – “comprados por preço”.

Quando alguém escolhe se tornar discípulo de Jesus e O aceita como Salvador pessoal, o passo inicial do discipulado é começar o processo de restauração à imagem de Deus. Parte desse processo é a restauração física. É nesse contexto que devemos apresentar nossa mensagem de saúde. Por isso, requeremos que a pessoa deixe de fumar antes de ser batizada. Pessoas remidas, cujo corpo pertence a Deus, devem demonstrar que Cristo tem controle absoluto de seu corpo. Isso é parte do discipulado inicial. Se alguém persiste no vício depois de ter aceito a Jesus, apenas indica que ainda não se colocou sob a soberania absoluta do Mestre.

Dar a Jesus o controle absoluto da vida é a essência da compreensão dEle sobre discipulado. Quando o jovem rico dirigiu-se a Jesus, foi-lhe pedido que abrisse mão daquilo que controlava sua vida – a riqueza. Ao rejeitar a proposta, o jovem não pôde ser discípulo. Isso não quer dizer que todos os ricos devam abandonar suas posses. Porém, devemos estar dispostos a submeter tudo a Deus, se quisermos ser dis-

cípulos de Cristo. A área de teste para muitos é o tabagismo. A disposição de abandoná-lo e permitir que Jesus lhes dê vitória sobre o vício é uma prova como a que o jovem rico experimentou. Jesus reivindica total e absoluta soberania sobre a vida dos que desejam ser Seus discípulos. Nestes últimos dias, a mensagem de saúde é dada como um teste de nossa disposição de torná-Lo Senhor do nosso corpo.

A terceira ordem de Apocalipse 14:7 é para “adorá-Lo”. Esse chamado está relacionado com a restauração espiritual à imagem de Deus. Os que foram remidos através do evangelho eterno são chamados para “adorar Aquele que fez o céu e a Terra”. Um povo remido é chamado para voltar a ter um relacionamento com seu Criador. Essa parte de Apocalipse 14:7 é uma citação direta do quarto mandamento do decálogo:

Adorai Aquele que fez o céu, e a Terra, e o mar, e as fontes das águas.⁸

Porque, em seis dias, fez o Senhor os céus e a Terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso, o Senhor abençoou o dia de sábado e o santificou.⁹

Aqui, a mensagem adventista da guarda do sábado é vista como parte da mensagem dos três anjos. Os remidos são restaurados à imagem de Deus através da guarda e santificação do Seu sábado, memorial da criação. A guarda do sábado, como as outras questões da restauração, não deve ser vista como meio de salvação, mas como uma atividade do povo remido que procura entrar em completo discipulado com Jesus.

O sábado foi dado ao ser humano não como símbolo do descanso da humanidade, mas do descanso de Deus.¹⁰ Seres humanos remidos são convidados a entrar para o descanso de Deus através da observância do dia do Senhor. O propósito desse descanso estava claro, quando o sábado foi dado aos primeiros seres humanos no Éden. De acordo com o relato de Gênesis sobre a semana da criação, Adão e Eva foram criados no sexto dia. Seu primeiro dia completo na Terra foi o sábado. Eles não precisavam descansar, porque ainda não haviam

trabalhado. Em vez disso, foram convidados a entrar na celebração do descanso de Deus – um tempo para conhecerem melhor seu Criador. A Bíblia define a função do sábado como sendo a de prover tempo para desenvolvermos relacionamento com Deus.

Cristãos que aguardam a volta de Cristo desejam entrar no descanso de Deus. Portanto, eles cessam o trabalho físico no sétimo dia, a fim de poderem passar mais tempo relacionando-se com seu Criador. O sábado tem muito mais a ver com relacionamentos do que com qualquer outra coisa. A história da humanidade chegou a um ponto em que é absolutamente necessário que as pessoas tomem o devido tempo para desenvolver relacionamento com Deus, de modo que ocorra discipulado. O sábado provê esse tempo – vinte e quatro horas, semanalmente, quando fazemos uma pausa na correria em busca das coisas materiais, a fim de podermos passar tempo de qualidade com Deus.

Apresentar a mensagem do sábado nessa moldura, em lugar de mencioná-lo apenas como uma ordem, lhe confere mais poder. Os ouvintes entenderão que, para se tornarem discípulos de Cristo, restaurados à imagem de Deus, necessitam passar tempo com Ele. Essa é a função do descanso sabático. Nossas apresentações evangelísticas sobre o sábado têm se centralizado principalmente em seu caráter legal. Como resultado, muitas pessoas vêm para a igreja “guardando” o sábado, mas desconhecendo a função desse dia. Quando a verdade do sábado é vinculada ao relacionamento com Jesus, as pessoas começam a ver a necessidade vital de sua observância como uma conexão ao discipulado, não como meio de salvação. Elas guardam o sábado por saberem que o relacionamento com Deus é a coisa mais importante no mundo.

A guarda do sábado é pré-requisito para o batismo na Igreja Adventista. Feita corretamente, a observância do sábado é reveladora de que a pessoa permite que Deus esteja no controle de seu tempo e de que deseja ser espiritualmente restaurada à imagem de Deus. Como pode-

ríamos batizar pessoas que não desejam passar com tempo com Jesus? Recusar guardar o sábado é recusar entrar em discipulado com Cristo. Se não vincularmos o sábado ao relacionamento com Jesus, as pessoas não perceberão sua importância. Quando o fizermos, elas se tornarão ansiosas para observá-lo. Assim, a guarda do sábado se torna uma verdade emocionante para os recém-conversos. Eles começam a ver Deus como um Ser que deseja ter um relacionamento de qualidade com eles.

Portanto, o chamado do primeiro anjo declara que o evangelho eterno redime as pessoas a Cristo e inicia a obra de restauração. Exige uma restauração tríplice à imagem de Deus, a qual envolve purificação da mente, manutenção do corpo saudável e livre de imoralidade sexual, e tomar tempo para desenvolver profundo relacionamento com Cristo através da guarda do sábado. A primeira mensagem angélica é basicamente a mesma coisa que o chamado de Cristo para as pessoas entrarem em discipulado com Ele, submetendo-se inteiramente à Sua soberania.

Há mais um aspecto de Apocalipse 14:7 que precisa ser mencionado: a razão para o chamado ao discipulado restaurador, ou seja, “é chegada a hora de Seu juízo”.¹¹ O juízo mencionado aqui já começou. Baseados na profecia dos 2300 dias de Daniel 8:14, compreendemos que esse juízo pré-advento começou em 1844. É interessante notar que a declaração do anjo sobre o início do juízo está incluída como parte do evangelho eterno. Em outras palavras, juízo em Apocalipse não é incompatível com evangelho. Na realidade, é o evangelho. É a “boa notícia” de que Deus está sendo vindicado contra as acusações de Satanás.

Existem aqueles que gostariam de separar juízo do evangelho, mas as três mensagens angélicas unem irrevogavelmente esses dois conceitos. Não é possível pregar corretamente o evangelho sem pregar o juízo. Contudo, nós adventistas o temos feito em nossas apresentações. Falamos do evangelho em uma noite e, na outra, colocamos as pessoas sob julgamento e tiramos sua certeza de salvação. As três

mensagens angélicas, contextualizadas, requerem que o juízo seja apresentado como parte do evangelho. Deus nos chama para colocarmos o juízo de volta dentro do evangelho e vice-versa.

A mensagem do juízo deve ser apresentada aos que são novos na fé em Cristo. Compreendê-la é parte do discipulado inicial. Essa “boa notícia” ajuda as pessoas a entenderem o ministério de Cristo no santuário celestial, onde Jesus apresenta os nomes dos remidos perante os anjos no Céu, pouco antes de voltar à Terra. Essa apresentação em juízo não é para descobrir quem está salvo e quem está perdido. Deus já sabe isso. O propósito desse julgamento é vindicar os justos contra as acusações de Satanás diante de todos os seres não caídos do Universo. O juízo não deve causar medo, mas regozijo, para os justos, porque eles têm a segurança de que Cristo, seu advogado, vindicou-os diante do trono do Céu. A compreensão desse juízo pré-advento deve dar aos recém-conversos a certeza da vitória final em Cristo.

Nas Escrituras, o juízo é sempre apresentado como uma ocasião para grande regozijo. Alguns dos maiores relatos de louvor a Deus no Apocalipse, e em toda a Bíblia, giram em torno dos fatos do juízo de Deus. Isso porque, nos tempos bíblicos, o julgamento não era visto como algo a se temer, mas como tempo de vindicação. O juízo nas Escrituras sempre tem o sentido de vindicação. Deus é vindicado através do juízo pré-advento, e Ele vindica Seu povo; portanto, há regozijo. O povo de Deus já conhece o resultado desse julgamento.

A compreensão adventista do juízo pré-advento deve dar aos que são novos na fé a certeza da vitória final em Cristo e, desse modo, a certeza de vida eterna. Tendo apresentado o juízo nesse contexto em reuniões evangelísticas, tenho visto pessoas saírem da reunião comentando que pela primeira vez em sua vida entenderam essa mensagem e sentiram segurança em Cristo. É dessa forma que o juízo faz parte do discipulado e do evangelho nas três mensagens angélicas.

A segunda mensagem angélica contém uma advertência contra Babilônia e sua fornicção, ou falsificação do evangelho. Babilônia basicamente simboliza todos os que colocam as obras e os méritos humanos em lugar do evangelho da graça. Babilônia também simboliza os que barateiam o evangelho, não requerendo fiel discipulado, conforme exigido pela primeira mensagem angélica. A tragédia é que a maior parte do mundo tem sido cativada pelo vinho de Babilônia. Por isso, Deus estende o convite para sair de Babilônia.¹² O chamado de Apocalipse 14:8 é uma extensão do chamado de Apocalipse 14:7 a um genuíno discipulado.

Em vez de focalizar na apostasia do romanismo e do protestantismo, ao falarmos de Babilônia, precisamos focalizar naquilo que destrói o evangelho. Nestes últimos dias, as pessoas precisam saber que Deus está interessado em que elas se tornem verdadeiros discípulos. Babilônia diz que é possível ser um seguidor de Jesus sem entrar num discipulado radical com Ele. A segunda mensagem angélica contesta essa idéia. Recusar-se a entrar num verdadeiro discipulado é fazer parte de Babilônia, e Deus está chamando Seu povo para sair dela.

O terceiro anjo estende uma advertência ainda mais forte contra a besta, seu número e sua marca. Os que respondem à mensagem do primeiro anjo têm o nome do Pai, que Apocalipse 7:3 declara ser o selo de Deus, escrito na testa. Ambos indicam pessoas que pertencem a Deus em discipulado total. Em contraste, o terceiro anjo adverte contra o discipulado falso, centralizado na besta e na sua marca. Ter a marca da besta significa viver em discipulado com a besta, assim como ter o sinal ou a marca de Deus é viver em discipulado com o Cordeiro.

A advertência contra receber a marca da besta não é só um aviso contra a guarda do domingo. Se o sábado é visto como um tempo de relacionamento com Deus, então ele recebe um poderoso significado escatológico, porque o relacionamento com Jesus se torna muitíssimo importante ao nos aproximarmos do fim da história humana. Muitas

pessoas acham que igualar a marca da besta com a transgressão do sábado de Deus é dar grande importância a esse dia. Mas se a função do sábado é nos ajudar a desenvolver um relacionamento com Deus, guardá-lo se torna ainda mais importante. Deixar de fazê-lo significa não desenvolver um relacionamento com Deus.

Não é à-toa que Deus diz que os que receberem a marca da besta beberão do vinho da Sua ira. A verdadeira questão é de discipulado; manter profundo relacionamento com Jesus – não é só questão de escolha de dias. Substituir o sábado de Deus pelo domingo com sua “hora de culto” é descartar vinte e quatro horas com Deus a cada semana. O resultado final é a entrada num relacionamento com o mundo e sua religião apóstata. Isso não nega o fato de que o papado mudou o sábado e de que é um sinal de lealdade à Santa Sé. Simplesmente acrescenta uma nova dimensão à marca da besta.

O resultado da proclamação dessas três mensagens especiais no contexto do tempo do fim é a produção de verdadeiros discípulos de Jesus, que O seguem por onde Ele vai.¹³ Eles guardam os mandamentos de Deus e permanecem fiéis a Jesus.¹⁴ São discípulos no mais verdadeiro sentido da palavra, pois realmente fazem o que Jesus previu na Grande comissão: foram instruídos e fazem tudo o que Jesus ordenou. Guardam os mandamentos não de modo legalista, mas no contexto de um contínuo relacionamento de fé com Jesus alimentado pelo estudo diário da Bíblia e pela oração.

O propósito desse capítulo foi mostrar que a compreensão básica adventista das verdades bíblicas, centralizadas nas três mensagens angélicas de Apocalipse 14, prepara pessoas para o verdadeiro discipulado. A mensagem adventista do evangelho da graça, seguida pelo discipulado que restaura as pessoas à imagem de Deus através da purificação da mente, do viver saudável, e da guarda do sábado para edificar um relacionamento com Cristo, leva a um discipulado

pleno. A mensagem do juízo pré-advento é designada a prover a certeza da vitória final de Cristo e Seus seguidores, através de Sua obra intercessória no santuário celestial. Essa mensagem deve ser apresentada no contexto apocalíptico do tempo do fim para preparar as pessoas para a volta de Cristo. As advertências contra Babilônia e a besta devem ser vistas como um auxílio para afastar as pessoas do falso discipulado e levá-las ao genuíno discipulado. Tudo isso deve ser realizado entre todas as nações, no contexto da volta de Jesus. Essa é nossa missão.

Notas:

1. Apocalipse 14:6.
2. Gênesis 1:26.
3. Apocalipse 3:18.
4. Isaías 14:13.
5. Provérbios 1:7.
6. Filipenses 4:8.
7. I Coríntios 6:19 e 20.
8. Apocalipse 14:7.
9. Êxodo 20:11.
10. Gênesis 2:1 e 2.
11. Apocalipse 14:7.
12. Apocalipse 18:1-4.
13. Apocalipse 14:4.
14. Apocalipse 14:12.

Uma estratégia evangelística adventista

Ao longo deste livro temos examinado o discipulado, segundo a perspectiva da igreja primitiva e do adventismo. A igreja primitiva procurou fazer discípulos que viviam em absoluta obediência à soberania de Cristo em sua vida. A ordem adventista também exige alto nível de discipulado, que esteja centralizado num relacionamento não só com o Cristo ressurreto, mas também na esperança do Cristo que em breve voltará.

Portanto, a metodologia evangelística adventista deve ser direcionada a fazer o tipo de discípulos ordenado pela Grande Comissão e pelas três mensagens angélicas. Essa metodologia requer mais tempo do que a maioria do protestantismo considera necessário para o processo evangelístico. O preparo de alguém para o batismo e para se tornar membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia precisa estar em harmonia com o chamado de Cristo, inicialmente, para o discipulado; então, para o batismo. Depois do batismo, o crente deve continuar sendo instruído, para que seja independente de pastores remunerados, quanto a obter nutrição espiritual.

Esse chamado para o discipulado não é um apelo à perfeição, mas à total submissão à soberania de Cristo. Jesus deve reinar supremo na vida dos que são Seus discípulos. A tragédia que o adventismo enfrenta agora é que muitos dentro da igreja não vivem um estilo de vida de

total comprometimento com Cristo. É difícil conquistar novas pessoas para esse tipo de discipulado, quando os membros antigos não o experimentam. Se quisermos igrejas revolucionárias, produtoras de discípulos, e não apenas de membros, precisamos começar com o grupo mais fácil de ser transformado em discípulos – os novos conversos.

Com essa compreensão de discipulado, seria improvável uma pessoa atender um apelo, fazer profissão de fé em Cristo e ser batizada no mesmo dia. Discipulado implica um processo de gestação. Qualquer pessoa pode experimentar um rápido crescimento espiritual, mas discipulado implica ensinamento básico da Bíblia como preparo para o batismo. A metodologia evangelística adventista deve permitir tempo suficiente para que as pessoas desenvolvam um relacionamento necessário a fim de se tornarem discípulos de Jesus.

Todavia, não nos referimos a um período específico. Alguns sugerem que devemos esperar dois anos antes do batismo. Não há prazo estipulado nas Escrituras, nem deveríamos nós fazê-lo. Todas as evidências bíblicas indicam que o tempo entre a decisão e o batismo era relativamente curto. A ênfase não estava no tempo, mas no comprometimento total da pessoa ao senhorio de Cristo. Tão logo alguém demonstre disposição para aceitar a soberania de Cristo na vida, deve ser batizado.

A compreensão adventista de evangelismo como um processo de discipulado é mais bem explicado por Ellen White quando ela declara a “Carta Magna” da metodologia evangelística adventista:

O mundo necessita atualmente daquilo que tem sido necessário já há mil e novecentos anos – a revelação de Cristo. É preciso uma grande obra de reforma, e é unicamente mediante a graça de Cristo que a obra de restauração física, mental e espiritual se pode efetuar.

Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa

que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: “Segue-Me.”

É necessário pôr-se em íntimo contato com o povo mediante esforço pessoal. Se se empregasse menos tempo a pregar sermões, e mais fosse dedicado a serviço pessoal, maiores seriam os resultados que se veriam. Os pobres devem ser socorridos, cuidados os doentes, os aflitos e os que sofreram perdas confortados, instruídos os ignorantes e os inexperientes aconselhados. Cumpre-nos chorar com os que choram, e alegrar-nos com os que se alegram. Aliado ao poder de persuasão, ao poder da oração e ao poder do amor de Deus, esta obra jamais ficará sem frutos.¹

Ellen White aqui estabelece o que através dos anos tem sido a base da metodologia da missão adventista. Ao pregar a mensagem de restauração para o tempo do fim, a igreja não deve negligenciar o ministério às necessidades físicas das pessoas. Isso não é um evangelho social. É um evangelho que resulta em ir ao encontro das necessidades dos incrédulos de modo a ganhar-lhes a confiança e o direito de compartilhar o evangelho com eles.

Para levar adiante o tipo de ministério que Ellen White propõe à igreja de Deus, a maioria de seus membros deve estar envolvida. Essa abordagem não funciona com poucos membros envolvidos. Nossa ordem evangelística está estruturada em torno de pessoas leigas amorosamente compartilhando a Cristo durante a semana. Precisamos desesperadamente trazer para a igreja indivíduos que realmente sejam discípulos, e ensiná-los a evangelizar de acordo com o método de Cristo, segundo foi descrito por Ellen White.

O evangelho, de acordo com Ellen White, não deve ser compartilhado fora do relacionamento. Portanto, a igreja precisa enfatizar mais o ir ao encontro das necessidades das pessoas ao seu redor. Como adventistas, temos procurado fazer isso; porém, aparentemente criamos mais “pecadores saudáveis” do que qualquer outra coisa. Mui-

tas vezes, ganhamos a confiança das pessoas, mas deixamos de compartilhar o evangelho com elas no ambiente daquele relacionamento de confiança. Tememos (falsamente) que o relacionamento será destruído, se compartilharmos Cristo. Por isso, não temos colhido mais do nosso evangelismo beneficente. Uma das nossas maiores necessidades é ensinar nosso povo a compartilhar Cristo de forma relacional.

Não raro, os novos conversos estão entusiasmados com as grandes verdades que aprenderam e, imediatamente, despejam tudo isso em seus amigos e parentes. O resultado é que muitos desses amigos e parentes se afastam, e são necessários vários anos para restaurar o relacionamento. Portanto, é importante que ensinemos aos novos crentes métodos eficazes de compartilhar o evangelho com seus amigos e familiares. Muitas vezes, esse auxílio precisa ser dado antes do fim de uma série evangelística, e certamente dentro do primeiro mês de uma pessoa na igreja. Ela deve entender como pode compartilhar Cristo com seus amigos.

Às vezes, temos separado o evangelismo beneficente do evangelismo proclamado. O correto é usar um para alimentar o outro. Quando as necessidades perceptíveis das pessoas são atendidas, elas podem ser apresentadas ao evangelho proclamado e ser levadas ao início de discipulado. Devemos nos lembrar que pessoas que não conhecem Jesus não podem ser discipuladas. Portanto, em nossa beneficência social, precisamos apresentar as pessoas a Jesus ao invés de apresentá-las a detalhes específicos do discipulado.

Porém, é impossível levar pessoas ao discipulado se falharmos em investir na confiança conquistada ao ministrar suas necessidades básicas. Suprir a necessidade material e não criar oportunidade para que as pessoas aprendam de Jesus tem sido um grande erro em nossa metodologia de beneficência. Se falharmos em apresentar a Cristo através desse ministério, nós simplesmente aderimos ao evangelho social. Os problemas sociais básicos da sociedade não podem ser resolvidos copiando

grupos de auto-ajuda, mas pela apresentação das pessoas à verdadeira resposta aos problemas da sociedade atual – Jesus Cristo. Como disse George Hunter:

Na realidade, provavelmente mais pessoas têm sido libertadas de desvantagens e condições opressivas através de discipulado do que através de campanhas de reforma social.²

Em outras palavras, a igreja é chamada para ser uma extensão da encarnação de seu Senhor, compassivamente responsiva às necessidades de pessoas sofredoras.³

Não se modifica a sociedade apenas criando uma boa legislação. A sociedade é realmente transformada somente quando as pessoas entram em verdadeiro discipulado com Jesus. Segui-Lo, finalmente, leva a todo tipo de mudança social. A igreja não deve se empenhar em tentar resolver os problemas da sociedade através da sociologia, saúde, ou outros meios, mas deve usar esses meios para apresentar às pessoas a suprema solução para seus problemas – Cristo Jesus.

Os adventistas também precisam cuidar para que seu evangelismo não descambe para a mera satisfação de necessidades materiais. Chega um momento em que devemos convidar as pessoas a iniciarem o processo de discipulado. Senão seremos infiéis à Grande Comissão:

Precisamos manter isso em mente num dia quando “a missão da igreja” às vezes se reduzir ao mero diálogo, a projetos sociais, ou à luta para justiça social. Não estamos negando a justiça desses programas valiosos. Estamos plenamente reconhecendo-os como necessários para o verdadeiro e essencial desempenho do evangelho. Porém não são substitutos para a disseminação da experiência da salvação e para a incorporação na comunidade dos que experimentaram a salvação.⁴

De acordo com Ellen White, após ter alcançado as pessoas através de suas necessidades básicas, o discipulador deve gastar mais tempo em relacionamento pessoal com elas do que pregando para elas. É

mais importante para quem está discipulando edificar relacionamentos sólidos com as pessoas do que pregar para elas ou dar-lhes estudos bíblicos à parte dos relacionamentos.

Ellen White não exclui a apresentação cognitiva da verdade, mas indica que essa apresentação só pode ser feita no contexto de um relacionamento com a pessoa que se está procurando discipular. É por isso que ela afirma que “acompanhado pelo poder da persuasão, do poder da oração, e do poder do amor de Deus”, a obra daquele que faz discípulos não será infrutífera. Isso implica uma metodologia pessoal, onde as pessoas são amadas e aceitas, bem como uma apresentação cognitiva da verdade que as persuade a se tornarem discípulos de Jesus.

Essa afirmação também sugere que parte da metodologia adventista de evangelismo é orar intensamente pelos inconversos. Nada pode ser realizado pelo esforço humano sem oração. No entanto, é tão fácil confiarmos nas grandes metodologias humanas. Temos planejado compartilhar o evangelho e negligenciamos o essencial: poder do Espírito Santo para convencer e converter, concedido em resposta às orações do povo de Deus. Ao estudarmos casos de igrejas em crescimento, observamos que o fator recorrente é que todas elas são igrejas que oram.⁵

A apresentação da mensagem cognitiva da salvação e discipulado deve sempre permanecer como parte principal da metodologia evangelística adventista. Essa mensagem cognitiva deve incluir o seguinte:

1. Salvação somente pela graça.
2. Aceitação de Jesus como Salvador e Senhor.
3. A certeza da salvação e vitória final através da obra de Cristo no santuário celestial.
4. Mensagem de restauração total – física, mental, e espiritual – realizada através do chamado para purificar a mente, apelo à vida saudável e desenvolvimento de profundo relacionamento com Jesus através da guarda do sábado.

5. Compreensão da verdade profética, como ilustrado nas profecias apocalípticas de Daniel e Apocalipse, que gera urgência para entrar em discipulado como preparação para a volta de Cristo.

Se compararmos os cinco pontos registrados acima com a compreensão de discípulo, segundo Jesus, e elaborada nas três mensagens angélicas, fica claro que a mensagem adventista é singularmente designada para produzir o tipo de discípulo que Jesus previu.

Porém, essas grandes verdades não devem ser apresentadas simplesmente como “verdades”, mas para ajudar as pessoas a entrarem num discipulado radical com Jesus. Apresentar a “verdade” à parte do discipulado muitas vezes resulta em legalismo. Deus nos livre do legalismo.

É ao entenderem esses cinco conceitos básicos que as pessoas devem ser levadas ao batismo e a se tornarem parte da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A aceitação desses pontos indica que as pessoas são sinceras quanto a se tornarem discípulos; que elas reconhecem Jesus como Senhor de sua vida e estão dispostas a abandonar tudo para segui-Lo.

Assim, pedimos que as pessoas guardem o sábado, com base na indicação de que elas estão dispostas a fazer de Jesus o Senhor de seu tempo. Incentivamos a que obtenham vitória sobre vícios básicos dos seres humanos como drogas, álcool e fumo, numa demonstração de que estão dispostas a deixar que Cristo seja Senhor de seu corpo. Orientamos a que escolham sua leitura, programas de televisão, etc., como prova de sua disposição em deixar que Cristo seja Senhor de sua mente. As pessoas são convidadas a dar o dízimo porque isso indica que fizeram de Jesus o Senhor de seu dinheiro. São convidadas a se envolver no ministério aos outros porque Jesus é Senhor de seu serviço. Todas as nossas doutrinas devem ser vistas em relação ao senhorio de Cristo na vida. Sem isso, as doutrinas não têm sentido.

Para que as pessoas sejam totalmente expostas ao conceito da so-

berania de Cristo em cada área da vida, é necessário incluir ensinamentos básicos da Bíblia e não só fazer uma apresentação rápida do evangelho. Nossas séries evangelísticas tradicionais servem bem a esse propósito, educando para o discipulado pessoas que já desenvolveram um relacionamento básico com Jesus. Nossos eventos evangelísticos públicos servem mais para discipular pessoas do que para somente levá-las a Cristo. Não negligenciamos chamar pessoas a Cristo nessas reuniões, mas temos focalizado mais em treinamento de discípulos. Essa abordagem, que inclui tanto o chamado inicial para vir a Cristo quanto a educação para o discipulado básico, está em harmonia com a compreensão bíblica de discípulo.

Contudo, esse é só o começo do processo. A essa altura as pessoas podem ser batizadas, mas agora precisam entrar numa vida de constante aprendizado sobre Jesus, que é a parte final da Grande Comissão. Necessitam aprender tudo o que Cristo nos ordenou, para que possam se tornar independentes e ser capazes de discipular outros. É nesse ponto que a metodologia adventista tem falhado na América do Norte.

Temos feito uma obra relativamente boa com a porta de entrada da igreja. Milhares de pessoas se tornam membros todos os anos, mas muitos não progridem em seu discipulado além da instrução pré-baptismal. Portanto, a igreja precisa desenvolver uma estratégia contínua para garantir que as pessoas sejam discipuladas após o batismo. Isso deveria consistir das seguintes áreas:

1. As pessoas deveriam ser imediatamente colocadas em um pequeno grupo. Se isso ainda não tiver sido feito, deve ser prioridade. É nesse contexto que o verdadeiro discipulado pode ocorrer. Discipulado, de acordo com Jesus, é realizado não por instrução em massa, mas por atenção individual. O ambiente do pequeno grupo é o melhor lugar para nutrir tal discipulado. Eu cheguei a um ponto em que não faço reuniões evangelísticas em uma igreja que não esteja disposta a

se envolver com pequenos grupos. Sem os pequenos grupos, o verdadeiro discipulado não pode ocorrer. É a prioridade número um.

2. As pessoas deveriam ser ordenadas ao ministério por ocasião do batismo, como é ensinado no Novo Testamento.⁶ Elas devem entrar para a igreja com a compreensão de que Cristo as chamou para o ministério. Devem enxergar seu batismo como uma ordenação ao ministério e não só como um símbolo do perdão dos pecados. Ministério, para Cristo, deve ser visto não como uma opção, mas como um requisito para ser membro da igreja. É impossível ser um discípulo de Jesus e não estar envolvido no ministério.

3. As pessoas devem ser levadas a descobrir seus dons espirituais. Então devem ser colocadas num ministério que esteja em harmonia com esses dons. Oportunidades de ministério não devem ser restritas aos ministérios da igreja – ministrar ao mundo também deve ser considerado legítimo para cristãos. Toda a vida do cristão deve ser vista como um ministério.

4. As pessoas devem imediatamente ser levadas a identificar sua família mais ampla e começar o processo de fazer discípulos dentro das redes que se abriram com sua vinda a Cristo. Esse processo não pode esperar – deve começar imediatamente. As pessoas no pequeno grupo devem poder ajudar os novos conversos a rapidamente identificarem as pessoas mais responsivas em sua rede de contatos e então ajudá-los a desenvolver um plano que as capacitará a alcançar essas pessoas da maneira mais bem-sucedida possível. O pequeno grupo então pode ser o grupo de apoio para os novos crentes enquanto eles trabalham com as pessoas de seu contato.

5. As pessoas precisam ser ensinadas a não depender da visitação ou dos sermões de um pastor assalariado como fonte de nutrição espiritual. Devem ser ensinadas a desenvolver seu programa pessoal de estudo. Se levamos a sério a implementação do ministério leigo e a

criação de novas igrejas independentes do cuidado do pastor, então os novos conversos precisam aprender que os adventistas seguem o modelo bíblico de atendimento pastoral. Nesse modelo, o cuidado de uns pelos outros é provido pelos crentes, não por um ministro ordenado. Esse cuidado se dá melhor em pequenos grupos.

Se realmente desejamos que cada novo converso se torne ministro para Jesus Cristo, nosso programa de discipulado precisa de uma drástica revisão. No passado, nós olhamos para a assimilação de novos membros simplesmente a partir de uma perspectiva doutrinária ou da perspectiva de fazê-los conhecer as pessoas na igreja. Contudo, a assimilação bíblica verdadeira requer que as pessoas se envolvam em ministério e sejam capazes de existir por conta própria, sem um pastor ordenado para prover seu alimento espiritual. Portanto, em vez de ensinar às pessoas o que Jesus ensinou, precisamos ensiná-las a estudar por si mesmas.

Entendo que outros na igreja estão procurando fazer um manual sobre como fazer discípulos, para ajudar a igreja local a discipular seus novos membros. Espero que ele inclua as áreas sugeridas aqui. Porém não é suficiente simplesmente falar sobre fazer discípulos radicais, apesar de que isso tem que vir primeiro. É hora de começar a fazer discípulos radicais em obediência à Grande Comissão. A Igreja Adventista do Sétimo Dia precisa levar tão a sério a questão de discipular quanto com respeito a prover educação para nossos filhos, que é uma forma de discipular. Como podemos discipular nossos filhos e falhar em discipular os recém-nascidos na fé? Vamos sair e fazer discípulos, agora!

Além dessas abordagens pessoais ao evangelismo, a igreja que é fiel à Grande Comissão e às três mensagens angélicas, também estará envolvida nas seguintes atividades:

1. Tentará alcançar pessoas em vários grupos culturais e, para isso, estará modificando sua abordagem, tornando-se todas as coisas para todas as pessoas, a fim de que possa levá-las a Cristo. Na herança de

Wesley, mesmo em benefício da conversão de pessoas, ela poderá fazer coisas com as quais sinta desconforto. Não comprometerá sua fé, mas se relacionará de modo diferente com vários tipos de pessoas.

Charles era um poeta cultural e músico com refinado gosto para música de igreja, mas guardou suas preferências, condescendendo em escrever hinos com melodias de baixo nível cultural, que foram cantados nas tavernas da Inglaterra! E João, depois de trinta e três anos de pregação ao ar livre para os excomungados, confessou que “até hoje pregação ao ar livre é uma cruz para mim. Mas, conheço minha comissão e não posso ver outra maneira de ‘pregar o evangelho a toda criatura’”.⁷

2. A igreja terá como prioridade fazer discípulos. Essa prioridade será vista no orçamento, no tempo do pastor e no tempo dos membros.

*Se for para ser a igreja, deve ser a igreja de Cristo. E se for a igreja de Cristo, então deve ser para todas as pessoas. Então leva dentro de si uma paixão pelos que são de fora. Nunca pode ser dito por um membro: “Já estamos grandes demais”. A questão não é quão aconchegante “nossa” comunhão está, mas quão bem estamos cumprindo a missão para a qual fomos chamados. O “movimento e a magnificência” não são nossos, mas dEle.*⁸

*Wesley faria com que os padrões de ordenação servissem à missão apostólica da igreja. Na verdade, toda a organização da igreja deveria servir a essa missão... além disso, Wesley nos lembraria que, quando o metodismo era um movimento contagiante, os pregadores eram estrategicamente designados para fazer avançar o alvo apostólico do movimento e não para serem essencialmente recompensados com promoções ou melhores acomodações.*⁹

3. A igreja que for sincera quanto ao cumprimento da Grande Comissão também terá como prioridade implantar novas igrejas. A ordem de Jesus compele a igreja a estar continuamente implantando novas igrejas entre novos grupos de pessoas. A Grande Comissão e as três mensagens angélicas exigem isso. Levar isso a sério significa que toda igreja que não se multiplicar pelo menos a cada década deveria

ser considerada infiel à sua obra. A única exceção deveria ser pequenas áreas rurais sem grande população.

4. Igrejas em crescimento, fiéis à Grande Comissão e que estão realmente fazendo discípulos, não mais insistirão num pastorado remunerado para realizar seu ministério caridoso. Elas terão retornado ao modelo do Novo Testamento de cuidado mútuo de seus membros, em vez de depender de uma pessoa para isso. Congregações que progridem nessa direção e foram suficientemente treinadas para ser independentes liberarão seus pastores para que possam implantar novas congregações e assim apressar a proclamação do evangelho em todo o mundo. Pastores dessas congregações fiéis à Grande Comissão terão treinado seus leigos tão bem, em vez de ter criado igrejas eternamente dependentes, que comprovarão a veracidade das palavras do Dr. D. James Kennedy, de Ft. Lauderdale, Flórida, quando disse que “é mais importante treinar um ganhador de almas do que ganhar uma alma”.¹⁰

Se realmente cremos que nossa teologia de missão é preparar um povo para a vinda do Senhor – um povo composto de verdadeiros discípulos – nossa metodologia incluirá as áreas enumeradas neste capítulo. Incorporar somente algumas delas é ser infiel à Grande Comissão. Pode haver muitas maneiras em que esses elementos possam ser aplicados por várias igrejas, mas nenhum elemento pode ser deixado de fora no cumprimento do propósito de Deus, nestes últimos dias da história terrestre.

O adventismo do sétimo dia é um movimento de missão. É fundado, baseado, e mantido com uma mentalidade missionária. Com o crescimento e amadurecimento da igreja, ela corre perigo de perder essa mentalidade, o que seria desastroso, a esta altura de sua história. Deus não nos chamou para o fracasso. Ele nos chamou para o fiel cumprimento de Sua missão.

A imagem que o Novo Testamento nos apresenta da igreja não fala contra estrutura, organização ou construções. Porém, essas imagens realmente enfatizam que a igreja é mais do que isso. É um organismo vivo. Pode

*estar saudável ou doente. Pode morrer. Ela tem um Senhor vivo que está no comando. Crescimento e reprodução são funções contínuas de um organismo. Crescimento da igreja é natural. É sobrenatural. A igreja está viva!*¹¹

A igreja está viva. Está viva e bem, já no século 21, mas realmente precisa de alguns ajustes para permanecer viva. Ela jamais deve se afastar de sua teologia de missão se quiser continuar sendo uma igreja viva. Deve sempre lembrar-se de que está no ramo de fazer discípulos. Nada que consuma seu tempo e desvie sua atenção da missão deve ser permitido. A iminência do advento de nosso Senhor chama a igreja à fidelidade nesta hora final. Possa Deus ajudar a todos nós a sermos fiéis a essa ordem teológica da Igreja Adventista do Sétimo Dia – fazer discípulos que estejam prontos para Jesus voltar.

Notas:

1. Ellen G. White, A Ciência do Bom Viver, págs. 143 e 144.
2. George Hunter, pág. 83.
3. Ibidem, pág. 137.
4. Alan R. Tippett, Church Growth and the Word of God [Crescimento de Igreja e a Palavra de Deus], (Grand Rapids: Eerdmans, 1970), pág. 12.
5. Eddie Gibbs, I Believe in Church Growth [Creio no Crescimento da Igreja] (London: Hodder & Stoughton, 1992), pág. 130.
6. Para uma argumentação sobre a ordenação de todos os crentes por ocasião do batismo, veja meu livro Revolução na Igreja.
7. George Hunter, pág. 45.
8. C. Wayne Zunkel, Church Growth Under Fire [O Crescimento da Igreja sob Fogo] (Scottsdale, Pennsylvania: Herald Press, 1987), pág. 173.
9. George Hunter, págs. 60 e 61.
10. Kent R. Hunter, Foundations for Church Growth: Biblical Basics for the Local Church [Fundamentos para o Crescimento da Igreja: Bases Bíblicas para a Igreja Local], (Corunna, Ind.: Church Growth Center, 1994), pág. 81 (Citado pelo Dr. Kennedy).
11. Ibidem, pág. 60.



Epílogo

Discípulos radicais para igrejas revolucionárias! Parece estranho, contudo é o que se esperaria do Mestre que iniciou Seu ministério chamando pessoas a um discipulado radical. Não deveria ser incomum para Seus seguidores, no encerramento da civilização humana, estender o chamado para o discipulado radical. As pessoas estão cansadas de superficialidade. Elas precisam e querem o “supra-sumo” urgentemente. Nesta época de imitação de tudo o que se encontra debaixo do Sol, o evangelho de Jesus Cristo deve prover autenticidade.

Neste livro procuramos definir claramente a missão da igreja antes do segundo advento. Essa missão está enraizada na Grande Comissão e nas três mensagens angélicas. Ela é nada mais que fazer discípulos que estejam prontos para encontrar Jesus quando Ele voltar. A idéia de discipulado radical não é definida por um reconhecimento das 28 crenças fundamentais, mas por um comprometimento radical à soberania de Cristo em nossa vida. As doutrinas não devem ser apresentadas ou aceitas somente com base na crença. Como demonstramos, essas doutrinas só são importantes se capacitarem as pessoas a provarem a soberania de Cristo em sua vida. Assim, a guarda do sábado prova que Cristo é Senhor de nosso tempo, a vitória sobre os vícios prova que Cristo é Senhor de nosso corpo, a crença nos padrões de Cristo prova que Cristo é Senhor de nossa recreação, padrões de vestuário provam que Cristo é Senhor de nosso vestuário, devolução do dízimo prova que

Cristo é Senhor de nosso dinheiro. Todas as nossas doutrinas devem ser vistas em sua relação com o senhorio de Cristo na vida. Essa é a prova máxima de um discípulo radical. Estão as pessoas dispostas a deixar Cristo ser supremo? A entrega a Cristo é absoluta e soberana? Cristo deve ser a prioridade máxima de nossa vida. Isso é discipulado radical como foi ensinado neste livro.

O problema da Igreja Adventista do Sétimo Dia hoje é que muitos membros crêem nas doutrinas, mas não se entregaram em total submissão à soberania de Cristo. Criar discípulos radicais nas igrejas revolucionárias que desejamos significa que teremos de ajudar nossos irmãos a entrarem em verdadeiro discipulado com Jesus.

Isso pode se apresentar como a parte mais difícil do processo. Contudo, muitos dos membros atuais começarão a entrar num discipulado radical quando virem novos membros entrando para a igreja nessa base. Como já sugerimos anteriormente, a melhor maneira de começar pode ser com os novos conversos. Eles podem ajudar os membros antigos a se envolverem. E quando os membros antigos se empenharem a fim de ajudar os novos membros a se tornarem discípulos radicais, eles mesmos podem, pela primeira vez, entrar num discipulado radical.

É hora de nos envolvermos com a obra de fazer discípulos. Já fizemos “membros” por tempo demais. Agora precisamos ir e fazer discípulos – pessoas que entraram para um compromisso radical de fazerem de Jesus Cristo o máximo, supremo, e único Senhor de sua vida. Caro leitor, vá agora e faça discípulos, e nesse processo entre você mesmo para um discipulado radical. Somente então estaremos seguindo os passos do nosso Senhor que Se aproxima e que nos perguntará quando voltar: “Vocês fizeram o que eu ordenei? Vocês realmente fizeram discípulos para Mim?” Vá agora – e faça discípulos.

Guia de Estudos

Discípulos
Modernos

Preparado por
Zinaldo A. Santos

A grande comissão

1- Quais são os cinco “todos” que, segundo Frederick Bruner, formam a Grande Comissão, no contexto da sua abrangência?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

2- Que acontecimento da experiência de Jesus Cristo Lhe dá autoridade para emitir a Grande Comissão?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

3- Qual é o benefício que a obra de fazer discípulos opera na vida do discípulo que tem dúvidas?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

4- O que implica ser fiel ou infiel à Grande Comissão?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

5- Assinale se a declaração for falsa (F) ou verdadeira (V):

- () A condição de igreja remanescente envolve apenas a observância do sábado.
- () Seria impossível ser a igreja remanescente, se não guardássemos a mais autorizada ordem de Jesus: a Grande Comissão.

6- Segundo Frederick Bruner, a quem Jesus fez especificamente a promessa: “Eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século”?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

7- De acordo com Lucas 24:49, qual o fator essencial na capacitação missionária?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

8- Qual a diferença entre a comissão dada ao antigo Israel e a que foi recebida pela igreja cristã?

.....

.....

.....

.....

.....

9- Marque um "X" nas afirmações corretas:

- () Se a igreja batiza as pessoas sem fazer discípulos ou sem ensiná-los, ela é desobediente a Cristo.
- () Se a igreja faz discípulos e deixa de batizá-los, ela é desobediente a Cristo.
- () Se a igreja ensina às pessoas os mandamentos de Cristo, mas não faz discípulos e não batiza, ela é desobediente a Cristo.
- () Se a igreja faz discípulos e batiza as pessoas, mas não continua ensinando-lhes os mandamentos de Jesus, ela é desobediente a Cristo.
- () A missão da igreja é fazer discípulos, batizar e ensinar.

10- Que relação existe entre o Pentecostes e a Grande Comissão?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Meu compromisso de fé

Compreendendo a origem, o sólido fundamento e a autoridade de que está revestida a Grande Comissão, aceito-a como a missão da minha vida. Consagro a Deus tudo o que sou e tenho, determinado a executá-la sob o poder do Espírito Santo.

Nome:.....

O que é um discípulo?

- 1- Donald McGavran dividiu o discipulado em duas fases: *fazer discípulos* (o ato inicial de levar pessoas a Cristo) e *aperfeiçoamento* (desenvolvimento dos crentes). Pense (ou dialogue em grupo) sobre isso. Quais as implicações desse conceito?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

- 2- Qual é a idéia original da palavra grega que é traduzida na Bíblia como “discípulo”?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

3- Complete os espaços: “Ser discípulo, segundo o Novo Testamento,
.....
Nesse relacionamento,
..... A palavra não sugere conversão rápida ao
mestre,” (pág.
26).

4- Ligue as passagens bíblicas ao conceito correspondente:

- | | |
|-------------------------|--|
| 1. Mateus 10:24 e 25 | () O discípulo produz frutos. |
| 2. Lucas 14:26, 27 e 33 | () O discípulo tem um relacionamen-
to de aprendizagem com o mestre. |
| 3. João 8:31 e 32 | () Ser discípulo significa continua-
mente se firmar nos ensinados do
mestre. |
| 4. João 13:34 | () O discípulo ama como Jesus ama. |
| 5. João 15:8 | () O discípulo de Cristo é totalmente
comprometido com Ele. |

5- A fim de implementar o conceito de “fazer discípulos”, o que a igre-
ja deve fazer com os novos conversos?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....
6- Na verdade, poderia ser dito que conversão completa e total, no sentido bíblico, é um processo de três partes:

1).....;

2).....; e

3)

7- De acordo com a comissão de Jesus, qual é o pré-requisito para alguém se tornar membro da igreja?

.....
.....
.....
.....

8- A ordem da Grande Comissão é fazer discípulos, e não produzir números de membros na igreja. Que dois exemplos do Novo Testamento indicam que as pessoas eram batizadas logo após aceitarem o senhorio total e absoluto de Cristo? (Atos 8:26-40; 16:22-34).

.....
.....
.....
.....
.....

9- No contexto da Grande Comissão, além do perdão dos pecados, que outro símbolo está contido no batismo?

.....
.....
.....
.....

.....

10- Releia a declaração de Charles Van Engen. Explique a relação entre o batismo e a ordenação para o sacerdócio dos crentes:

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Meu compromisso de fé

Compreendendo o significado de ser um discípulo, aceito o chamado que o Senhor me faz. Coloco-me inteiramente ao Seu dispor, a fim de que Ele cumpra em mim e através de mim Seus propósitos de salvação.

Nome:.....

Missão no Novo Testamento

1- Jesus Cristo instruiu os discípulos a esperarem pelo derramamento do poder do Espírito Santo (Luc. 24:49). Por que essa espera já não é mais necessária em nossos dias?

.....

.....

.....

.....

.....

2- Que situação explica a necessidade que uma igreja eventualmente pode ter de esperar pelo Espírito Santo, e como deve resolvê-la?

.....

.....

.....

.....

.....

3- Mencione dois principais resultados do Pentecostes para a igreja primitiva:

.....

.....

.....

.....

4- Com que propósito foram outorgados os dons do Espírito Santo?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

5- Explique por que e como a perseguição foi vantajosa para a igreja de Jerusalém:

.....

.....

.....

.....

.....

6- Qual é a principal razão para a existência da igreja?

.....

.....

.....

.....

.....

7- Preencha os espaços: “Quando não ocorre crescimento,

.

..... Sempre
que o organismo vivo, a igreja, não estiver saudável e crescendo,

.....

Esqueceram-se de seguir a vontade do Mestre... Felizmente existe o
arrependimento. O crescimento da igreja ocorre.....

.....”

8- Assinale se a declaração for falsa (F) ou verdadeira (V):

- () Se nossa mensagem não causa impacto no meio cultural onde está sendo proclamada, devemos alterar seu conteúdo, para que se torne relevante.
- () Jamais devemos adaptar o conteúdo da nossa mensagem à cultura prevalecente. Os métodos de apresentá-la, sim; esses devem ser adaptados.
- () As diferentes expressões culturais dificultam o cumprimento da Grande Comissão.
- () A estratégia de Paulo era tornar o evangelho culturalmente relevante para cada grupo que ele tentava alcançar, variando sua metodologia sem mudar a mensagem.
- () De acordo com Ellen White, “diferentes métodos de trabalho devem ser empregados para salvar diferentes pessoas. Diferentes métodos de trabalho são realmente essenciais. Novos métodos devem ser apresentados”.

9- Preencha os espaços: “A estratégia de Paulo era.....

..... Ele ficava com a igreja tempo suficiente para Então, ele os deixava para formar outra igreja. Paulo não criava ou dos outros apóstolos.”

10- Em que sentido os discípulos devem ser independentes do pastor?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Meu compromisso de fé

Renovo minha entrega a Ti, Senhor. Toma-me inteiramente.
Purifica-me; faze-me um poderoso instrumento, cheio do Teu Espírito
Santo, em favor da Tua missão salvadora. Sou Teu, em nome de Jesus.

Nome:.....

O que fazemos?

1- Com que objetivo a igreja foi “chamada para sair” do mundo?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

2- Qual era o conceito básico de discipulado, mantido pela igreja primitiva?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

3- Preencha o espaço: "A união com Cristo através do batismo,

.
.....
.....
..... a Grande Comissão."

4- Complete a frase: "Batizar pessoas e não colocá-las em um ministério,
segundo seu dom espiritual,

.....
.....em missão."

5- Leia a declaração abaixo e marque a alternativa correta para o seu autor:
"Um único interesse prevalecia. Um objetivo absorvia todos os outros.
Todos os corações palpitavam em harmonia. O único empenho dos
crentes era revelar a semelhança do caráter de Cristo e trabalhar pelo
engrandecimento de Seu reino."

- | | |
|---------------------|---------------------|
| () Donald McGravan | () Jan Paulsen |
| () Ellen G. White | () Russell Burrill |
| () Kent Hanter | () Tiago White |

6- Qual foi a inspiração de Paulo, para criar seu modelo eclesiástico de
leigos independentes?

.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

.....
7- O que significa ser “uma igreja independente do pastor”?

.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

8- Preencha o espaço: “Se a igreja adventista espera ser a genuína de Jesus Cristo nesses últimos dias, precisa retornar ao modelo bíblico de igreja – o da Grande Comissão. Isso significa que

..... modelos protestantes.”

9- Qual deve ser o alvo da igreja, além de levar pessoas a Cristo?

.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

.....

10- Qual deve ser o centro de todas as atividades da igreja, desde a Associação Geral à igreja local?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Meu compromisso de fé

Como líder voluntário ou membro da igreja, comprometo-me a dar prioridade à Grande Comissão e o que ela requer: levar pessoas à conversão e torná-las discípulos de Cristo. Nessa tarefa, dependerei inteiramente da graça de Jesus e do poder do Espírito Santo.

Nome:.....

A base da missão adventista

1- O que a missão, autorizada pelo Espírito Santo, fez pela igreja do primeiro século?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

2- Em que estava centralizada a missão?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

3- O que fez a igreja, para alcançar o objetivo da missão?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

4- Como funcionava a liderança da igreja do primeiro século?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

5- Qual foi a estratégia evangelística desenvolvida pelos primeiros adventistas?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

6- Segundo o que foi apresentado nos capítulos anteriores, qual foi a grande preocupação de Jesus?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

7- Acreditando que o fim do tempo da graça e a vinda de Cristo estão próximos, que devem fazer os adventistas?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

8- Preencha os espaços: “Se a função da igreja adventista nesses últimos dias for, porque sua vida está totalmente entregue a Ele, essa obra à dos que.....”

9- Complete as frases: "Se nos concentrarmos exclusivamente em Mateus 24:14, nossa compreensão de missão será....." "O alvo da Grande Comissão em Mateus 28:19 é" "A beleza da passagem das três mensagens angélicas em Apocalipse 14 é que ela agrupa....."

10- Qual é o alvo das três mensagens angélicas e da Grande Comissão?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Meu compromisso de fé

Compreendendo a missão da igreja, à luz de Mateus 24:14; 28:19 e das três mensagens angélicas, consagro minha vida e meus talentos ao Senhor, a fim de preparar homens e mulheres, verdadeiros discípulos, para se encontrarem com Ele, em breve.

Nome:.....

O alvo da missão adventista

1- Em que está fundamentada a missão adventista?

.....

.....

.....

.....

.....

2- Descreva, resumidamente, cada uma das cinco características dos
144 mil:

a).....

.....

b).....

.....

c).....

.....

d).....

.....

e).....

.....

3- Em que se assemelham essas características com as características dos verdadeiros discípulos, segundo enumeradas por Jesus nos evangelhos?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

4- Preencha os espaços: "De todos os grupos cristãos preocupados em fazer discípulos, deveriam estar
..... por causa
.....nas três mensagens angélicas."

5- Qual deve ser a norma para o cumprimento de nossa missão?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

6- Que resultado a igreja colherá de uma estratégia evangelística que só enfatiza a aceitação de Cristo como Salvador, sem compromisso a Ele como Senhor?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

7- Wesley e Whitfield foram evangelistas de sucesso. Porém, muitos dos conversos de Whitfield não permaneciam na igreja, enquanto os de Wesley floresceram. Qual era o segredo de Wesley?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

8- Como explicar o espantoso crescimento do adventismo?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

9- Contra qual ameaça, entretanto, devemos nos proteger?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

10- Preencha o espaço: "Somente

.....

.....

é que podemos cumprir a missão de Cristo."

Meu compromisso de fé

Pela graça de Deus, seguirei o modelo evangelístico bíblico de executar a Grande Comissão. Por preceito e exemplo, darei minha contribuição para que minha igreja se mantenha fiel a esse modelo.

Nome:.....

Doutrinas produzem discípulos

1- Marque nos parêntesis: V, se a afirmação for verdadeira; e F, se for falsa:

- () O passo inicial em preparar indivíduos para a volta de Jesus é guiá-los ao pé da cruz e a uma plena aceitação de Jesus.
- () Uma vez que as pessoas foram levadas a um relacionamento salvador com Jesus, elas precisam ser discipuladas. O primeiro passo no discipular envolve comprometimento por parte do novo cristão de entrar em uma vida de discipulado.
- () É propósito do evangelho eterno implantar a vitória de Cristo na vida daqueles que O aceitaram como Salvador. Esse é o passo inicial no processo de discipulado para aqueles que foram restaurados a um relacionamento de concerto com Deus.
- () Pessoas remidas, cujo corpo pertence a Deus, devem demonstrar que Cristo tem controle absoluto de seu corpo. Dar a Jesus o controle absoluto da vida é a essência da compreensão dEle sobre discipulado.

- () Recusar guardar o sábado é recusar entrar em discipulado com Cristo. Se não vincularmos o sábado ao relacionamento com Jesus, as pessoas não perceberão sua importância.
- () A guarda do sábado não tem a menor relação com o conceito de discipulado.
- () A mensagem do juízo deve ser apresentada aos que são novos na fé em Cristo. Compreendê-la é parte do discipulado inicial.
- () O juízo faz parte do discipulado e do evangelho nas três mensagens angélicas.
- () Para se tornar um discípulo, é suficiente que a pessoa declare sua aceitação de Cristo como Salvador e seja batizada. Não é necessário ser instruída em todas as doutrinas.
- () O resultado da proclamação das três mensagens angélicas especiais no contexto do tempo do fim é a produção de verdadeiros discípulos de Jesus, que O seguem por onde Ele vai.
- () As advertências contra Babilônia e a besta devem ser vistas como auxílio para afastar as pessoas do falso discipulado e levá-las aos genuíno discipulado.

- () A aceitação da mensagem de saúde, segundo o ensino adventista, é irrelevante e não caracteriza o verdadeiro discipulado.

- () O sábado foi dado ao ser humano como símbolo do descanso da humanidade.

- () O sábado foi dado ao ser humano como símbolo do descanso de Deus.

- () O ser humano entra para o descanso de Deus através da observância do sábado, e isso é discipulado.

Meu compromisso de fé

Sob o poder do Espírito Santo, viverei fielmente os ensinamentos distintivos da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Como discípulo e discipulador, os transmitirei a outros, por preceito e exemplo, no contexto da Grande Comissão que recebi do Senhor.

Nome:.....

Uma estratégia evangelística adventista

1- Com que objetivo o crente deve continuar sendo instruído, após o batismo?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

2- Preencha os espaços: “A tragédia que o adventismo enfrenta agora é com Cristo.
É difícil conquistar.....
..... não o experimentam.”

3- Qualquer pessoa pode experimentar um rápido crescimento espiritual, mas discipulado implica ensinamento básico da Bíblia como preparo para o batismo. Assim, uma pessoa deve ser considerada pronta para ser batizada quando:

- () Completou três meses recebendo estudos;
- () Depois de dois anos;
- () Tão logo demonstre disposição para aceitar a soberania de Cristo na vida;
- () Assim que declare ter aceitado Cristo como Salvador.

4- Que método usava Cristo para “aproximar-Se do povo”, segundo Ellen White?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

5- Complete a frase: “Ao pregar a mensagem de restauração para o tempo do fim, a igreja

.....

..... das pessoas.”

6- O que deve ser ensinado aos novos crentes, a fim de que em seu testemunho não afastem amigos e parentes?

.....

.....

.....

.....

7- Explique em poucas palavras como devemos usar o evangelismo benéfico e o evangelismo proclamado:

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

8- Preencha os espaços: “É impossível levar pessoas ao discipulado se Suprir a necessidade material e não criar para que as pessoas tem sido metodologia de beneficência.”

9- A apresentação da mensagem cognitiva de salvação e discipulado deve sempre permanecer como parte principal da metodologia evangelística adventista. Quais os cinco componentes dessa mensagem?

- 1)
- 2)
- 3)
- 4) e
- 5).....

10- Preencha os espaços: “A imagem que o Novo testamento nos
apresenta da igreja, não fala
.....
..... Porém, essas
imagens realmente enfatizam que a igreja é mais do que isso.
..... vivo.”

Meu compromisso de fé

Reafirmo minha aceitação da missão de Cristo – fazer discípulos. É
a missão da minha vida. Nela empregarei o melhor dos meus dons,
recursos e tempo, enquanto eu viver, ou até a volta de Jesus.

Nome:.....